

**Universidade Federal do Rio de Janeiro**  
**Instituto de Psicologia**  
**Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica**

**PAR OU ÍMPAR? Uma leitura dos impasses das parcerias  
amorosas entre homens e mulheres na clínica contemporânea.**

**Márcia Infante Vieira**

**Rio de Janeiro – RJ**

**Fevereiro**

**2016**



UFRJ

# **PAR OU ÍMPAR? Uma leitura dos impasses das parcerias amorosas entre homens e mulheres na clínica contemporânea**

**Márcia Infante Vieira**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Tania Coelho dos Santos

**Rio de Janeiro**

**Fevereiro**

**2016**

**PAR OU ÍMPAR? Uma leitura dos impasses das parcerias amorosas entre  
homens e mulheres na clínica contemporânea**

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tania Coelho dos Santos

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Aprovada por:

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tania Coelho dos Santos

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Angela Moreira Utchitel –

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andréa Martello

Rio de Janeiro

Fevereiro

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Vieira, Márcia Infante

Par ou Ímpar? Uma leitura dos impasses das parcerias amorosas entre homens e mulheres na clínica contemporânea/Márcia Infante Vieira. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2016  
134 f.

Dissertação (Mestrado) – UFRJ/IP/Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, 2016.

Referências Bibliográficas: f. 131.

1. laços sociais 2 parcerias amorosas. 3 novas subjetividades.  
4. Psicanálise. 5. Dissertação (Mestrado). I. Coelho, Santos. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto de Psicologia/ Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica. III. Título

***Para Lara,  
minha neta***

## Agradecimentos

À Tania Coelho dos Santos pela sua generosidade e investimento em me acolher como sua orientanda, me permitindo viver uma experiência democrática, no que ela tem de mais genuíno. Minha eterna gratidão pelo seu rigor com os conceitos, pela sua mestria e pela ética com que conduz sua prática analítica, que me possibilitaram aprender que menos é mais.

Aos colegas do núcleo *Sephora* de pesquisa e do Isepol pela riqueza das discussões e pelas indicações de livros e artigos que em muito contribuíram para a realização desse trabalho.

Às professoras Andréa Martello e Angela Utchitel pela competência e por aceitarem a participar da banca. Minha eterna gratidão a Andréa Martello pela paciência, dedicação e habilidade com que investiu na minha preparação para a realização da prova de seleção.

À CAPES pelo financiamento desta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica pela formação primorosa de novos pesquisadores. Um agradecimento especial ao professor Joel Birman com quem tive a oportunidade de maior contato e troca.

Aos funcionários do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Alice e José Luiz, pela disponibilidade nas orientações administrativas.

À Aloisio Felix e José de Moraes de Carvalho por sua participação indispensável na elaboração do projeto de pesquisa. À Mônica Castello Branco de Oliveira, Neda Mattos e Vera Rego Lins que desde o projeto até a conclusão da dissertação estiveram presentes revisando, corrigindo e traduzindo o que fosse preciso. À Anna Elisa Penalber, Denise Gueiros e Eliane Garcia que não mediram esforços para fazerem chegar às minhas mãos os livros que precisei durante todo esse percurso.

À Marcos Azevedo pela ajuda e disponibilidade em fazer a versão francesa do resumos da dissertação

À Anna Teresa Penalber por, desde a confecção do projeto até a finalização da dissertação, ter compensado com extrema eficiência minha incapacidade com a informática. Muito obrigada pelo seu capricho, disponibilidade e competência.

Aos amigos de jornada Livia Beatriz Lisboa Pereira e Ricardo Otávio Maia Gusmão pela parceria, que tornou essa travessia uma experiência da mais rica cumplicidade.

Aos meus filhos Rafa e Carol, minha nora Tati e meu genro Tunico, eterna gratidão pelo incentivo, reconhecimento e admiração.

## Resumo

VIEIRA, Márcia Infante. **PAR OU ÍMPAR?** Uma leitura dos impasses das parcerias amorosas entre homens e mulheres na clínica contemporânea. Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Essa pesquisa estuda o desacordo existente entre o desejo e o discurso de homens e mulheres, nos dias de hoje. Dentro de uma perspectiva psicanalítica avalia as transformações que teriam ocorrido com as subjetividades que os fizeram deslizar do laço do casamento, da modernidade, para um exílio em que muitos se encontram atualmente. A psicanálise entrou no social nos anos de 1950/1960. A igualdade de direitos entre os sexos foi bandeira de luta do feminismo. A família patriarcal, organizada sob um eixo vertical, horizontalizou-se. Mudança que desestabilizou os referenciais que definiam os papéis dos homens e das mulheres no casal, configurando novas subjetividades e, plantando uma demanda de análise. Hoje, não encontramos mais as históricas de Freud, mas mulheres ‘bem sucedidas’ sofrendo de solidão. Segundo os relatos clínicos, essas mulheres parecem acreditar no fato de que os homens atuais se sentem ameaçados por elas. Na medida em que foram se emancipando, libertando-se da submissão imposta pela autoridade masculina, conseguindo reconhecimento profissional, independência financeira, chegando por vezes, a ganharem mais que os homens, e com autorização interna de viverem livremente suas vidas sexuais, essas mulheres deixaram de ser eleitas como esposas. Parece que a liberação sexual estendeu, e por vezes, adiou a escolha de um homem por uma mulher e, de uma mulher por um homem. Escolher implica se castrar. A castração nos diz que querer não é poder. No entanto, o sujeito contemporâneo, atravessado pela ideologia de que é proibido proibir aliada a lógica de um capitalismo consumista, acredita ‘tudo poder’. Essa reflexão desemboca na prática psicanalítica visando a demanda desse sujeito contemporâneo, e se ele exige uma nova escuta e uma nova prática.

**Palavras-chave:** laços sociais, parcerias amorosas, novas subjetividades, demanda de análise, castração.

## Résumé

VIEIRA, Márcia Infante. **Pair ou impair?** Une lecture des impasses des partenariats amoureux entre les hommes et les femmes dans la clinique contemporaine. Rio de Janeiro, 2016. Mémoire de Master en Théorie Psychanalytique. *Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 2016.

Cette recherche étudie le désaccord existant entre le désir et le discours des hommes et des femmes de nos jours. Adoptant une perspective psychanalytique, elle évalue les changements qui ont eu lieu dans la subjectivité moderne et qui ont engendré un glissement du “lien par le mariage” vers un “exil” dans lequel nombre de personnes se trouvent actuellement. La psychanalyse est entrée dans le social au cours des années 1950-1960. L'égalité des droits entre les sexes fut le drapeau des luttes féministes. La famille patriarcale, verticalement organisée, est devenue horizontale. Il s'agit d'un changement qui a déstabilisé les référentiels qui définissaient les rôles des hommes et des femmes au sein du couple, configurant ainsi de nouvelles subjectivités et, par conséquent, engendrant des demandes d'analyse. À présent, nous ne rencontrons plus les hystériques de Freud, mais des femmes ayant réussi mais qui souffrent de solitude. D'après les cas cliniques, ces femmes semblent croire au fait que les hommes actuels se sentent menacés par elles. Dans la mesure où leur émancipation s'est affirmée, s'exprimant par une liberté vis-à-vis de l'autorité masculine et par la reconnaissance de leurs capacités dans le monde du travail (arrivant parfois à gagner plus que les hommes), et par une affirmation interne en termes de liberté sexuelle, ces femmes ont cessé d'être élues en tant qu'épouses. Il semble que la liberté sexuelle a étendu voire reporté le choix d'un homme pour une femme et vice-versa. Car choisir implique de se faire castrer. La castration nous signale que vouloir n'est pas pouvoir. Néanmoins, le sujet contemporain, traversé par l'idéologie qu'il est “interdit d'interdire” conjuguée à une logique de capitalisme consommateur, semble croire que “tout est permis”. Cette réflexion débouche, dans le cadre de la pratique psychanalytique, sur une demande du sujet contemporain et sur de nouvelles forme d'écoute et de pratique clinique.

**Mots-clés:** liens sociaux, rapports amoureux, nouvelles subjectivités, demande d'analyse, castration.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
CAPÍTULO 1: História das Parcerias Amorasas .....	15
1.1 - Psicanálise e casamento.....	16
1.1.a- Ideal de harmonia .....	17
1.1.b- Ideal de autenticidade .....	19
1.1.c- Ideal do individualismo .....	22
1.2 - Cenário atual.....	23
1.2.a- Capitalismo e narcisismo .....	24
1.2.b- Lugar do Outro na contemporaneidade.....	26
1.3 -O que as mulheres buscam na análise hoje? .....	8
1.3.a- Novas parcerias amorosas.....	28
1.3.b- Novas demandas .....	31
CAPÍTULO 2: As Quatro Contribuições à Psicologia do Amor.....	35
2.1 - Contribuições à psicologia do amor I .....	36
2.2 - Contribuições à psicologia do amor II .....	38
2.3 - Contribuições à psicologia do amor III.....	40
2.4 - Reformulações freudianas sobre o feminino.....	42
2.5 - Quarta contribuição à psicologia do amor .....	44
2.6 - Comentários de Jacques- Alain Miller .....	49
CAPÍTULO 3: Laços Sociais: do sujeito Moderno ao Sujeito Contemporâneo .....	58
3.1 - O sujeito moderno .....	59
3.2 - O sujeito contemporâneo .....	73
3.3 - Sexualidade: somos todos iguais? .....	86
3.4 - Anatomia, qual é o seu destino?.....	95
3.5 - Efeitos:.....	101
3.5.a - Intimidade e suas transformações.....	102
3.5.b - Movimento feminista e seus destinos .....	111
Considerações Finais: de volta à clínica.....	121
Referências Bibliográficas .....	131
Bibliografia.....	32

## INTRODUÇÃO

O ponto de partida desse trabalho são os encontros e desencontros das parcerias amorosas, tal como podemos observá-los por meio da prática psicanalítica nos dias de hoje. No cenário social contemporâneo encontramos um número crescente de mulheres bem sucedidas nas esferas profissional e econômica, livres para viverem sua vida sexual e que queixam-se de solidão. Queixam-se de homens que fogem de um vínculo amoroso estável. Homens que as desejam por uma noite, ou que prolongam essa noite numa sequência de encontros que não são alinhavados pelo compromisso.

A minha percepção é de que, atualmente, apesar de homens e mulheres dizerem querer o encontro, o que se apresenta é uma aposta no desencontro. Identifico uma defasagem entre o discurso e a prática, ou seja, entre o que se diz e o que se busca. A comédia da vida amorosa da contemporaneidade difere dos enlaces do homem moderno. A modernidade era representada pelo casal obsessivo/histérica. Do lado do homem, o obsessivo, e sua incessante busca de satisfazer a mulher; e do lado da mulher, a histérica, com sua eterna insatisfação. A relação sexual não existia, mas esse casal cartografava um encontro, e se casava. Hoje, a solidão aparece como uma nova forma de viver. Ocorreram mudanças nos papéis sociais desempenhados tanto pelos homens, como pelas mulheres, que fizeram vacilar os semblantes do masculino e feminino.

A meu ver, essa mudança teve duas importantes alavancas. Primeiramente, a revolução sexual que trouxe a emancipação da mulher. Uma vez independentes economicamente, tornaram-se livres para escolher seus parceiros. Tendo a virgindade declinado de seu valor de passaporte para a vida marital, as mulheres se liberaram.

Os homens diante desse novo cenário, viram-se diante de uma exigência de reconstruírem uma identidade ligada a um novo papel social. Não mais únicos provedores e, mais ainda, exigidos na performance sexual, até então inquestionada. O mundo masculino ficou acrescido de uma psicodélica oferta de mulheres interessantes, que os colocou diante da dificuldade de escolher uma dentre tantas. Como segunda alavanca temos o avanço do capitalismo acumulativo, da modernidade, para um capitalismo de consumo, da contemporaneidade. O eixo do consumo parece perpassar as novas subjetividades e comprometer as escolhas amorosas. Vítimas e seduzidos pela política do desapego e do descartável, o sujeito contemporâneo busca o gozo, o imediato, o melhor produto. Eixo incompatível com a tolerância que a vida a dois exige. O conflito entre o estar com ou sem alguém parece configurar as novas tonalidades do mal-estar do amor na contemporaneidade. Par ou ímpar?

O que orienta meu trabalho é o desacordo existente entre o desejo e o discurso de homens e mulheres nos dias de hoje. Parece que a liberação sexual estendeu, e por vezes, adiou a escolha de um homem por uma mulher e, de uma mulher por um homem. Escolher implica se castrar. A castração nos diz que querer não é poder. Meu interesse desemboca na prática psicanalítica, na tentativa de refletir se esse sujeito contemporâneo exige uma nova escuta e uma nova prática.

Dentro dessa perspectiva, a dissertação contém uma introdução, três capítulos e uma última parte referente as considerações finais. Nessa introdução encontra-se recortado o problema a ser pesquisado. No primeiro capítulo tendo como base o livro da psicanalista Tania Coelho dos Santos, *Quem precisa de análise hoje?* (2001), rastrearei a história das parcerias amorosas entre os anos de 1950 a 1980. Nesse percurso destacam-se três ideais: o ideal de harmonia, o ideal de autenticidade e o

ideal do individualismo. Num segundo momento, analisarei o cenário social vigente, articulando o narcisismo - herdeiro do ideal do individualismo - com o capitalismo. Essa articulação tem como pilar a leitura do historiador Christopher Lasch, *a Cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio* (1983). A partir desse ponto, levantarei algumas questões sobre o lugar do Outro na contemporaneidade, estudo novamente baseado no livro *Quem precisa de análise hoje?* (COELHO, S., 2001). Em um terceiro tempo do primeiro capítulo, bordejarei a questão sobre o que as mulheres buscam na análise, estudando as novas parcerias amorosas e suas novas demandas. Questiono se a saúde mental da mulher liberada será a solidão. Essa reflexão encontra-se fundamentada em três artigos de Coelho dos Santos, a saber: “Entre Tapas e Beijos: a vacilação dos semblantes da diferença sexual” (2008); “1968: A Vacilação Generalizada dos Papéis Sociais” (2008); e “Não existe pecado do lado de baixo do equador?” (2009).

No capítulo 2, inicialmente, me deterei nos artigos da obra de Freud que se referem ao comportamento de homens e mulheres em relação ao amor e à sexualidade. Serão analisados os três artigos das *Contribuições à Psicologia do Amor: I* (“Um tipo de escolha de objeto feita pelos homens”, 1910/1976); *II* (“Sobre a tendência à depreciação na esfera do amor”, 1912/1976); e *III* (“O tabu da virgindade”, 1917/1976). Esses artigos são frutos das impressões colhidas por Freud sobre a maneira como os neuróticos se comportam em relação ao amor. Freud não deixou de observar que esses mesmos comportamentos também podiam ser observados em pessoas de saúde normal. Incluí o artigo “Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos”, (1925/1976), por nele estar contida uma completa reavaliação de Freud ao que se refere ao desenvolvimento psicológico das mulheres. Seguindo a indicação do psicanalista Jacques-Alain Miller, feita em seus

artigos, “Minha garota e eu” (2010[1989]) e “Uma conversa sobre o Amor” (1988/2010), introduzi o texto “A significação do falo” (1958/1988), de autoria do psicanalista Jacques Lacan, como a quarta contribuição à psicologia do amor. Por fim, utilizarei as hipóteses de Miller, acerca desse mesmo tema, ou seja, a psicologia da vida amorosa.

No capítulo 3, evidenciarei alguns marcos históricos que operaram mudanças na subjetividade e nos laços sociais. Ao destacar a existência de novos sintomas, denuncio que ocorreu uma mudança na estruturação dos mesmos. Da modernidade à contemporaneidade, a humanidade testemunhou o advento da ciência e a consequente morte de Deus, que se desdobrou no declínio da função paterna. A família nuclear deu lugar à família conjugal. Igualdade entre os sexos e gerações passaram a cartografar o cenário social, onde as bordas das diferenças sexuais e geracionais se fluidificaram. Surgiram novos sintomas. O sujeito neurótico, ou sujeito do conflito, deu lugar a um sujeito contemporâneo, angustiado, que vive no eixo do consumir-se ou ser consumido. A psicanálise, através do exame dos casos individuais, estudou a cultura, sustentada pela crença de que toda sociedade, com suas normas e formas de organizar suas experiências, reproduz a cultura. Nessa via, Freud postulou que a mente inconsciente representa a imposição da civilização sobre as pulsões. A questão recortada tenta encontrar um caminho entre o sujeito moderno e o sujeito contemporâneo, seus laços sociais e seus sintomas. Utilizei o artigo de Jacques Lacan, “Complexos familiares na formação do indivíduo” (1938/2003), para embasar nosso estudo sobre a modernidade. Dando prosseguimento às reflexões sobre os sintomas contemporâneos à luz do declínio da metáfora paterna, farei uso do livro *Sinthoma: Corpo e Laço Social* (2006), de Tania Coelho dos Santos. As ideias desenvolvidas nesse livro referem-se aos seminários ministrados pela autora no

Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica/ IP/ UFRJ, no primeiro semestre de 2005. Encerrarei esse capítulo com algumas reflexões sobre os efeitos dessas mudanças nas cartografias das parcerias amorosas, onde o mal-estar que sempre existiu, parece ter sido tonalizado com as cores do impossível no cenário contemporâneo. Visando uma maior compreensão desses laços, elegi dois parâmetros: a intimidade e o movimento feminista. Para pensar a intimidade como um valor de moeda nessas parcerias, pautei minha pesquisa no livro do sociólogo Anthony Giddens (1993), *A Transformação da Intimidade*. Na sequência, trabalho as ideias da filósofa Elisabeth Badinter (2005), extraídas do seu livro *Rumo equivocado*, onde a autora faz uma profunda análise sobre o movimento feminista e seus efeitos.

Como último ponto dessa dissertação, voltarei para clínica, ponto de onde partiram as seguintes reflexões: Quais são os operadores que estão dando conta da prática psicanalítica? Como se escuta esse sujeito que se deslocou velozmente da modernidade para contemporaneidade? Sujeito que demanda ajuda em lidar com novas exigências, expectativas e negociações em sua vida conjugal. Do casal à um exílio em que muitos se encontram, o que teria ocorrido com as subjetividades dos homens e das mulheres?

## **CAPÍTULO 1: História das Parcerias Amorosas**

A psicanálise é uma prática clínica de tratamento das doenças nervosas, inaugurada por S. Freud no final do século XIX. Construída em torno de um conceito inovador – o inconsciente – introduziu a causalidade psíquica como explicação destas doenças. Emergiu num contexto social em que a moral sexual da sociedade patriarcal ao final do século passado, incentivava o casamento com papéis bem definidos. Cabia à mulher a esfera doméstica, o domínio do privado, ou seja, o cuidado com a casa e com os filhos. Aos homens cabia o que era do domínio público, o trabalho e, conseqüentemente, os proventos da família. A subjetividade da mulher era construída sobre as bases do seu papel de mãe e esposa, e para ser digna do amor de um homem, seu recato sexual era um fator determinante. Na vida psíquica dos homens, as mulheres dividiam-se entre as santas e as putas, e à virgindade era concedido um valor de referência do caráter de uma mulher. Mulheres domesticadas e frígidas garantiam, através de seus silêncios, a suposta virilidade de seus maridos. Virilidade também legitimada pelas cortesãs, com quem viviam seus prazeres sexuais, na medida em que não cabia, e nem interessava a essas mulheres, qualquer questionamento sobre o desempenho amoroso e sexual desses homens. O recalque da sexualidade feminina vai manifestar -se nos sintomas conversivos histéricos.

O conceito de inconsciente foi o que permitiu a Freud abordar os sintomas que não deixavam caladas as conseqüências do recalque da sexualidade feminina. Freud acreditou existir um 'dizer' sob eles e debruçou-se no trabalho de traduzi-los. Surge a psicanálise, trazendo à tona a insatisfação sexual como a causa desses sofrimentos. Freud dá voz a essas mulheres e, do divã para a escrivaninha, vai construindo o método psicanalítico de tratamento.

As consequências da difusão da psicanálise e da modernização dos costumes após a revolução industrial já havia lançado as mulheres nas fábricas, incluindo-as no domínio público. A ciência médica inventou os anticoncepcionais, o que deu à mulher o poder de escolha de conceber ou não filhos, aumentando a liberdade sexual. A inseminação artificial dispensou a presença do sujeito homem do ato da fecundação, bastando o espermatozoide. A igualdade de direitos entre os sexos foi bandeira de luta do feminismo. A psicanálise entrou no social e a 'fala' dessas mulheres, ao longo dos anos, afetou a construção das parcerias amorosas. Uma vez emancipadas, passaram a questionar o autoritarismo do patriarcado. A sociedade patriarcal, que era organizada hierarquicamente no que se refere aos laços familiares, tornou-se mais democrática e igualitária. Essa mudança trouxe uma desestabilização dos referenciais que definiam os papéis dos homens e das mulheres no casal, o que foi configurando novas subjetividades e, conseqüentemente, plantando silenciosamente uma demanda de análise. Ambos os sexos parecem estar em busca de novos arranjos possíveis.

### **1.1 - Psicanálise e casamento**

Coelho dos Santos, em seu livro "*Quem Precisa de Análise Hoje?*" (2001), apresenta uma extensa pesquisa realizada em revistas endereçadas ao público feminino cujas colunas de aconselhamento foram introduzindo um pensar psicanalítico, vindo a alterar os hábitos, condutas e cartografando gradativamente, novas subjetividades. Essa pesquisa tem início em 1950 e vai até 1980, dividindo-os em três períodos marcantes.

### **1.1.a - Primeiro período: 1950 – Ideal de harmonia**

Nesse primeiro período, a autora baseia-se em um serviço de aconselhamento grafológico na revista *Lady*, da editora Melhoramentos, de São Paulo, cujo primeiro exemplar foi lançado em 1956. As cartas recebidas pela conselheira Olga Mayo passavam pelo exame grafológico, com vistas a solucionar problemas, preocupações e dúvidas. De acordo com a autora, a psicologia da época estava entrelaçada a uma herança religiosa, na medida em que as orientações caminhavam no sentido de seus leitores harmonizarem suas vidas e suas subjetividades de acordo com suas missões. Cabia ao homem ser marido ou pai e à mulher, ser esposa ou mãe. De acordo com a interpretação da autora, a abordagem desta conselheira privilegiava o compromisso do indivíduo com a ordem social, sendo a defesa dos interesses da sociedade o alvo do aconselhamento. A subjetividade era algo relacionado à honra e ao compromisso, visando o bom desempenho das funções sociais. Dessa forma, a felicidade do indivíduo não deveria se discriminar do interesse do grupo. O imaginário de uma moral religiosa pautava as subjetividades, na medida em que traços de personalidade e caráter encontravam-se estritamente relacionados ao destino, e associados às expectativas de recompensa e punição.

Os exames grafológicos mostraram que as principais categorias da psicologia que estavam implicadas e suas respostas eram caráter, vocação, sentimento e vontade. No caráter era depositada a possibilidade de atuar no ambiente como força propulsora, podendo mudar acontecimentos e situações na vida de cada um. O caráter poderia ser modificado pela ação da vontade, através da fé, calma, coragem, energia e concentração das forças mentais. Esses atributos vinculavam a força do sujeito com os ideais, o que garantiria o acesso a uma vida feliz e realizada. Dessa forma, o ideal associava-se a uma dimensão estética da existência, sendo a via pela

qual o aperfeiçoamento ético ou moral transcende o sentimento de obrigação, visando o prazer e o belo. Essa referência fazia a diferença entre a aceitação e a submissão em relação à ordem simbólica e social. Coelho dos Santos (2001) chamou de modelo estético o tipo psicológico ideal masculino. E nomeou de tipo moral religioso, o ideal psicológico feminino. O eu, as subjetividades do sujeito estético e do sujeito moral religioso aparecem como opostos no que concerne ao seu caráter e destino. Ao modelo ideal masculino aparecem associados os dotes de inteligência, talento, idealismo, concentração, iniciativa, senso crítico, espírito progressista, ambição, enfim, capacidades ditas superiores. No modelo psicológico do ideal feminino encontram-se as virtudes, ingenuidade, pureza, bondade, abnegação e sacrifício, índole carinhosa, amor ao próximo, habilidades para as tarefas domésticas e religiosidade. Essas características são ancoradas nas diferenças sexuais, apontando para a ideia de que os sexos são complementares. Contrariamente a esses ideais, o homem fraco e a mulher desfrutável eram representações negativas, sendo percebidas como carências essenciais em função da falta de ideais. Ainda de acordo com a autora da pesquisa, a vinculação dessas representações aos ideais feminino e masculino vem a ser a força motivadora da insurreição do processo de modernização, que tem como grande aliado a difusão da teoria psicanalítica.

Coelho dos Santos propõe que a psicanálise, com sua teoria a respeito do sujeito, apresenta uma nova subjetividade e denuncia a concordância entre o sexo anatômico e o modelo identificatório. As representações sociais vigentes nos anos de 1950 tinham em seu bojo um modelo de ideologização da diferença sexual, compatível com os valores tradicionais, associados à religião, no que se refere às relações entre homens e mulheres. Sua hipótese é a de que a difusão da psicanálise rompe com esse universo tradicional deslocando a ênfase nos ideais em favor da ênfase na

sexualidade. A sociedade entra em um processo de transição, modernizando seus valores. O ideal psicológico feminino foi se aproximando do ideal estético masculino, valorizando-se uma harmonia entre um modelo e outro, o que conduz as mulheres a desejarem serem indivíduos em igualdade de condições com o homem. Diante dessa nova elaboração da subjetividade feminina, o paradigma moral religioso entra em decadência. O que passa a ser buscado, através do paradigma estético, é o brilho do eu, do verdadeiro eu. Acredita-se nesta época que o conhecimento das camadas mais profundas do inconsciente, proporcionariam alcançar essa verdade sobre si. Surge uma mulher interessante que vem a se contrapor com a figura da mãe abnegada que, no momento em que a psicanálise passou a permear as relações sociais, passou a ser avaliada pela lente da psicopatologia.

### **1.1.b - Segundo Período: 1960 – Ideal de autenticidade**

De acordo com Coelho dos Santos (2001), o marco do segundo momento está datado em 1963, com os artigos da coluna “A arte de ser mulher”, assinados por Carmem da Silva, na revista *Cláudia*. A hipótese da autora é que: através dessa nova revista, ela foi a porta-voz de uma brilhante articulação da psicologia da mulher com o inconsciente, com o recalque e com a sexualidade. Orientava seus leitores baseando-se na teoria psicanalítica. Uma cultura psicanalítica produziu-se no Brasil, tendo como modelo o ideal masculino elevado à categoria de referência identificatória, desdobrando-se em tipos sociais aceitos ou renegados. O diálogo passa a ser o novo fundamento do ideal de saúde mental. Esse ideal preconiza a democracia, a igualdade de direitos e deveres na relação entre os sexos. Na medida em que os traços do modelo masculino foram incorporados no modelo feminino, a nova moral do trabalho só passou a reconhecer como legítimo o trabalho extra doméstico. A mulher

incorporou uma nova moral sexual e passou a buscar sua inserção na esfera pública. A nova moral sexual foi sendo gradativamente construída com base na igualdade entre ambos os sexos na prática dos atos sexuais. Os maridos passam a ser convocados a serem fiéis e dividirem as tarefas domésticas. O casamento moderniza-se e os papéis, outrora segregados, passam a ser considerados como responsáveis pelo masoquismo feminino e, conseqüentemente, pela infidelidade masculina.

Esse novo modelo de eu, uma vez que comporta o inconsciente, passa a responsabilizar o sujeito em relação às suas escolhas e queixas. A inocência é suspensa e cada um se torna responsável, mesmo que inconscientemente, pelas causas de seus sofrimentos. Definitivamente, Carmem da Silva introduz o inconsciente no social, investindo contra a moral religiosa que se associava às representações do feminino. Suas respostas caminhavam num sentido de uma moral leiga, individualista, igualitária e fundada na reciprocidade. O modelo anterior era visto pela conselheira como gerando subjetividades femininas oprimidas e empobrecidas. O conceito de recalque, que é um mecanismo estrutural e intrapsíquico na obra freudiana, passou a ser confundido com o conceito de repressão, que é um conceito que se refere à coerção externa ou social. Essa confusão teve como efeito a crença de que poderiam ser encontrados sujeitos autênticos, conscientes de si mesmos, uma vez que fosse suspensa a repressão, causa dos sintomas e sofrimentos psíquicos, unificando uma verdade do eu. Acreditou-se que a neurose poderia ser combatida pela razão. O ideal de autenticidade passou a substituir o ideal de harmonização vigente nos anos 1950. O grande ganho foi a possibilidade de se interpretar sentimentos, atitudes e hábitos já codificados pelo imaginário tradicional. A infidelidade masculina foi o alvo mais atacado nos diálogos da conselheira com seus leitores. O Complexo de Édipo funcionou como o instrumento principal para

cartografar a complexa etiologia dos sentimentos inconscientes. Nessa cartografia, ambos os sexos eram responsabilizados, cabendo a cada um, sua parte no enredo construído pelo casal. A mulher traída deixa de ser vítima do homem enganador e é creditada em sua conta a responsabilidade pela traição do marido, pois ela seria um parasita desinteressante. Ao homem enganador era atribuída alguma fixação no complexo materno como a causa de suas traições. Essa referência esposa parasita/marido infiel passa a fazer parte de um ideal negativo do casal. O novo modelo de casal feliz visa à igualdade entre homens e mulheres, desvalorizando-se as diferenças em prol das semelhanças entre os seres humanos. Novos ideais foram tecidos, o que veio a tecer novas subjetividades. O mal-estar no casamento passa a ser localizado na dissociação do afeto da sexualidade. Com isso, a infidelidade ganhou um estatuto patológico de uma dissociação neurótica, o que balançou radicalmente as representações do masculino. O novo casal feliz estruturou-se em papéis não segregados, cabendo à mulher o trabalho extra doméstico e ao homem a mudança em seu comportamento doméstico e sexual. Carmem da Silva destaca na psicologia da mulher um ódio inconsciente pelo homem oriundo de uma cultura desigual e injusta. Assumir esses sentimentos passou a ser visto como a possibilidade de encontrar novos caminhos em busca da autenticidade. O ideal de autenticidade passou a ser exercitado na relação amorosa como consequência da suspensão do recalque opressor da sociedade patriarcal, o que teria permitido que adviesse homens e mulheres livres e iguais. Coelho dos Santos (2001) mostra que, nas respostas dessa coluna, Carmem da Silva acredita que a psicanálise tem um compromisso com a mudança do papel social da mulher. A jovem passa a recusar o papel de bonequinha de luxo pagando o preço da incerteza, abraçada ao seu único patrimônio seguro, isto é, sua força de trabalho. O valor da virgindade como passaporte para o casamento é

colocado em questão, vindo balançar ainda mais o imaginário social da tradicional moral religiosa. A transparência passa a ser a via para se alcançar o conhecimento de si e, conseqüentemente, a autenticidade.

Essa configuração de valores desembocará, por um excesso de psicologização, em uma política de exceção. Os propósitos de todas as leis passam a ser questionados como que escondendo interesses autoritários, contrários ao bem-estar do eu. A psicanálise acenou com a promessa de encontro com o paraíso. Coelho dos Santos (2001, p.102) denuncia o equívoco contido nessa promessa, na medida em que “o fundamento de uma análise não é o eu que fala e sabe o que diz, mas sim a experiência desse ‘nós’, desse outro que fala em mim mais do que eu digo”.

Na década de 1980 ocorre um declínio da referência da intersubjetividade, decorrente da descrença em alcançar esses ideais. Surge o individualismo como sucessor do fracasso na crença de autenticidade diante do outro. Ser diferente, exceção, ímpar se tornam as novas referências desse novo ideal, o individualismo.

### **1.1.c - Terceiro Período: 1980 – Ideal do individualismo**

Em 1980, terceiro momento da pesquisa de Coelho dos Santos (2001), surge a revista *Nova*, apresentando as faces de uma nova mulher, a mulher liberada. Essa mulher desarticulou satisfação sexual da segurança material, êxito conseguido através do trabalho extra doméstico, que lhe outorgou autonomia e reconhecimento social. São as herdeiras da queima dos sutiãs das feministas. As sessões de aconselhamento psicanalítico demonstraram que os temas mais discutidos nesses momentos eram o ideal de independência e o combate aos sentimentos de medo, vergonha, insegurança, solidão, angústia e depressão, que apontavam para uma autodesvalorização. Sob o olhar da psicanálise, esse ideal de autodeterminação é

impossível de ser alcançado, na medida em que exclui o outro, outro que, na verdade, determina o sujeito. Assim, Coelho dos Santos constrói a hipótese de que a autodepreciação está intrinsicamente ligada à radicalização da ideologia individualista. Os novos sintomas de autodesprezo denunciaram que o perfeccionismo seria a causa da solidão. Os narcisistas tornaram-se os herdeiros dos neuróticos reprimidos, ambos com dificuldades de amar. A mulher liberada tem a si mesma como objeto de amor. A relação com o outro não é vivida como garantia de felicidade. A revista *Nova*, difundindo as teorias psicanalíticas, atestam que Édipo teria dado lugar a Narciso, e que o narcisismo seria a nova doença moderna. Com esse novo mito, declinam as referências à figura paterna, ao social, aos ideais e à cultura. Veicula-se a ideia de que esse novo mal-estar, esse sofrimento individualista aponta para excessos na relação com a mãe. A cultura psicanalista vigente prega, para homens e mulheres, a liberação dos traumas infantis, visando uma atenuação das culpas provenientes desses traumas. Cada um como ser de exceção e diferente do outro: esse é o lema do individualismo e o desafio da moderna configuração de valores.

## **1.2 - Cenário Atual**

Através desses três momentos históricos, revelados pelas revistas femininas, acompanhamos o deslizamento dos ideais que elaboraram as subjetividades de homens e mulheres na parceria amorosa. Deslizou-se do ideal de harmonia para o ideal de autenticidade e do ideal de autenticidade para o ideal do individualismo. Destacarei nessa etapa da pesquisa, o fato de vivermos, na contemporaneidade, em uma sociedade culturalmente narcisista e capitalista, onde o homem encontra-se suspenso, rompido com o passado e com o Outro que o castra. Sobrevivente do aqui

e agora, ao mesmo tempo réu e vilão de seu destino, o homem psicológico encontra-se congelado no presente e descompromissado com o outro enquanto sujeito.

### **1.2.a - Capitalismo e narcisismo**

Cristopher Lasch, em seu livro *A Cultura do Narcisismo* (1983), dá a partida para o estudo das relações entre crise do capitalismo na sociedade ocidental e subjetividade. O autor acredita que diante da falência das ciências que sustentavam o liberalismo nada surgiu em suplência. Aponta para a emergência de uma ruptura com a fé na história. Ruptura responsável por um colapso na cadeia explicativa que cercava o registro dos eventos públicos. O passado tornou-se irrelevante e o futuro vislumbrado como conturbado e incerto.

Segundo Lasch, a desconfiança nos governantes gerou um autogoverno, onde a lógica individualista exacerbou uma guerra de tudo contra tudo. O eu é elevado à categoria de bem supremo e os cuidados de si passam a ser a garantia de felicidade. Para alcançar esse êxito tornou-se necessário a libertação das condições repressoras do passado. Os fundamentos da família burguesa foram destruídos através das críticas radicais feitas ao autoritarismo do patriarcado, à moralidade repressora, à censura literária e à ética do trabalho. Como produto final do individualismo, o homem econômico deu lugar ao homem psicológico. A culpa deu lugar à angústia. Esse homem, liberado das amarras da repressão passada, passa a viver a sexualidade de forma mais permissiva, mas, apesar disso, não encontra a paz sexual. Seu lema é que seus desejos não tenham limites, o tempo é o aqui e o agora e, a exigência é de um gozo eterno. O resultado dessa equação é o surgimento de um homem que vive em estado de desejo, desassossegado e constantemente insatisfeito.

O autor denuncia ser o narcisista um homem que não se interessa pelo futuro, na medida em que não tem interesse pelo passado, pois o considera nostálgico. Vive em um tempo suspenso e, por isso, porta uma pobreza psíquica, oriunda da incapacidade de avaliar suas experiências. Surgem os especialistas visando tratar um dos sintomas mais importantes dessa crise na cultura, ou seja, a indiferença com o passado. O autocrescimento psíquico ganha importância em detrimento de um enfraquecimento do sentido de tempo histórico. Autenticidade e consciência tornaram-se pilares do eu e das novas estratégias de viver o momento e de viver para si. O eu ganha o centro da sobrevivência individual, desbancando o sentido histórico e geracional. O clima terapêutico substitui o clima religioso, visando o bem-estar pessoal, a saúde e segurança psíquica. Para o homem narcísico, o mundo é um espelho que reflete seu eu grandioso. Seu interesse confina-se àqueles que estão em estreita proximidade consigo mesmo.

Esse momento histórico, tem como característica, a declaração de litígio à todas as formas de autoridade patriarcal. Condenou-se o superego, o que veio enfraquecer o superego social, representado pelos pais, professores e pregadores. No entanto, Lasch aponta que no contrafluxo das expectativas, o declínio da autoridade institucionalizada não deu lugar à um declínio do superego nos indivíduos. Contrariamente, há o encorajamento do desenvolvimento de um superego, que por ser mais arcaico, ordena que goze.

As diferentes formas de psicoterapia encontram seu lugar ao lado do homem psicológico do século XX, perseguido que este é pela ansiedade, depressão e pelo sentimento de vazio. O amor é acenado como uma via possível para se alcançar o bem-estar e a saúde mental, porém, o sentido desse amor é dado pelo preenchimento das necessidades individuais, abolindo-se qualquer submissão opressiva ao outro.

Sendo assim, a saúde mental passou a significar “a destruição de inibições e a imediata gratificação de qualquer impulso” (LASCH, 1983, p.34). A autoconfissão e o exibicionismo vieram sustentar essa terapêutica, pois falando de si, de seus merecimentos e de suas razões, o narcisista encontra o alibi para “desviar-se da crítica e de negar as responsabilidades por seus atos” (LASCH, 1983, p.34).

O vazio interior, oriundo dessa busca desenfreada e inalcançável pela felicidade e pelo gozo absoluto, desemboca em angústia. Ficou mais difícil aceitar a banalidade da existência cotidiana, o que fez com que a fama ganhasse valor de autoestima. As pessoas ficaram imersas numa impossibilidade de lidar com o fracasso e a perda. O mundo público passou a ser visto como um espelhamento do eu, tendo sido rompidas as barreiras entre o público e o privado e, conseqüentemente, a barreira do pudor. Amizades, casamentos e casos de amor encontraram dificuldades em se sustentarem na sociedade contemporânea, pois, segundo Lasch, as relações perderam a função de proporcionar alívio, assumindo um caráter de hostilidade e combate.

### **1.2.b - Lugar do Outro na contemporaneidade**

A releitura do narcisismo contemporâneo de Christopher Lasch demonstra que a proposta individualista coloca o homem contemporâneo “mais exposto à deriva da pulsão” (COELHO, S., 2001, p.302). Na sociedade moderna ocidental, os sintomas neuróticos eram organizados a partir de um ideal coletivo por estarem referidos ao Nome-do-Pai. Atualmente, a ruptura com as tradições fez fraquejar o lugar do Outro, o que dificultou o encontro com “algo que possa ser dito coletivo” (COELHO, S, 2001, p.303). Lacan retoma Freud estudando a psicose. Essa eleição tem em seu bojo o

declínio da importância do pai como agente da castração. As neuroses, edificadas no complexo de Édipo, valoram simbolicamente a figura do pai, já que o pai está morto.

Nesse contexto, quem não simboliza a falta, o não sentido, o mal-entendido, por meio do Nome-do-Pai, é psicótico, está fora do discurso e do laço social dominante. Esse foi o raciocínio que conduziu o primeiro retorno de Lacan a Freud e embasou toda sua primeira clínica. (COELHO, S, 2001, p.305).

No segundo momento de sua clínica, Lacan, ainda baseado em Freud, postula que a posição psicótica é dominante na cultura pós-moderna, uma vez que, a exclusão do Nome-do-Pai, resulta em que não haja mais recalçamento das pulsões por meio da fantasia de que o pai é o agente da castração. A cultura passa a ter a psicose como estrutura.

Considerando que a função paterna, como agente da castração na fantasia inconsciente do neurótico, baliza a relação do sujeito com o significante falo, significante da diferença sexual, conclui-se que mexer nessa equação, inevitavelmente, produzirá como efeito, novos sintomas. O sujeito neurótico clássico estruturava-se no campo do desejo ordenado pela castração, o que o coloca em uma posição subjetiva diante do falo, ou seja, diante da diferença dos sexos e das gerações. Nessa nova estruturação o Nome-do-Pai dá lugar a um Outro liberal. Nada mais se proíbe, todos podem tudo e, ninguém mais diz não. A partir de então, na sociedade atual, o sujeito contemporâneo se estrutura tendo como referência um Outro que não proíbe, e sim, incita a gozar.

No que se refere às parcerias amorosas, acolho a hipótese de Coelho dos Santos (2001) de que a revolução sexual conduziu a um ideal de equivalência entre os sexos, normalizando o gozo a partir do referencial masculino. Isso se evidencia

através do poder aquisitivo conquistado pelas mulheres e a grande liberdade sexual, que equivale ao gozo fálico masculino.

Na estruturação subjetiva ordenada pelo complexo de Édipo, um sexo tem para o outro, um efeito de castração, por encarnar a impossibilidade da completude, do gozo absoluto. O capitalismo, com seu discurso que promete que tudo é possível, rompeu com essa regra fundamental. Na atualidade, homens e mulheres buscam em seus parceiros, um outro que possua todas as características de um produto perfeito, aquele que reúna as virtudes do masculino e do feminino. Na medida em que essa tarefa é impossível, a insatisfação torna-se a mola propulsora que deflagra buscas incessantes, onde o outro, congelado na categoria de objeto, é considerado descartável por não propiciar esse tipo de gozo.

### **1.3 - O que as mulheres buscam em análise hoje?**

Diante do cenário atual, onde os laços sociais estão permeados pelo individualismo e pelo capitalismo, o que esses sujeitos narcísicos buscam em análise? Essa busca denuncia que o 'tudo poder' não garante a felicidade e não dissolve o mal-entendido entre as parcerias amorosas. Uma vez que a psicanálise mantém o falo como medida da estrutura do recalque, sustentarei a hipótese de que a psicanálise pode operar reintroduzindo a regulação da diferença sexual nessas novas demandas.

#### **1.3.a - Novas parcerias amorosas**

No artigo "Entre tapas e beijos: a vacilação dos semblantes da diferença sexual", Coelho dos Santos (2008b) levanta as seguintes questões relativas às novas parcerias amorosas. Reflete sobre a orientação da escolha de objeto após a vacilação dos semblantes tradicionais que delimitavam as escolhas de objeto e os papéis a

serem desempenhados pelos homens e pelas mulheres. Acredita que um imperativo do prazer imediato configurou os novos valores, rebaixando a operatividade da figura paterna. Afirma que não podemos nos desvencilhar de papéis nessa parceria, na medida em que, no inconsciente, a diferença anatômica entre os sexos está inscrita como diferença psíquica. Nessa inscrição, se encontra discriminada a relação que cada um, homem e mulher, tem com o falo e que a posição que cada sexo ocupa tem efeitos de castração para o outro.

Duas questões desdobram-se neste artigo e são evidenciadas a partir de excertos clínicos. A primeira é: podemos ainda falar em uma psicologia do masculino ou do feminino após a ideologia unissex dos anos 1960 e 1970? A segunda interroga como estaria coordenada a solidão autoerótica de cada um com o falo na parceria amorosa contemporânea. O desencaixe inevitável entre autoerotismo e escolha objetal, devido à divisão do sujeito, encontrava na neurose clássica uma expressão clara nos papéis elaborados subjetivamente no casal histérica/obsessivo. Onde poderemos localizar o mal-estar na relação entre os sexos, pós-revolução sexual, que conduziu ao ideal de equivalência? Para responder a estas duas questões, Coelho dos Santos (2008b) exemplifica o mal-estar contemporâneo através de vinhetas clínicas, nas quais busca identificar quais semblantes estariam dando corpo à virilidade e à feminilidade hoje. Em relação aos homens, as vinhetas demonstram que, apesar da maioria deles dizerem preferir mulheres independentes, ao escolherem uma parceira estável, elegem as dependentes, com as quais desempenham o papel de provedor, o que os leva abandonar a questão sobre qual é a mulher que desperta seu desejo. Contrariamente, aqueles que se recusam a assumir o papel de provedor encontram dificuldades em se sustentar em um vínculo amoroso. A oposição mulher virtuosa *versus* mulher de má reputação sempre ocupou o imaginário masculino.

Enquanto basculam em direção ao que falta à mulher, fogem de se implicarem, de se perguntarem se estão à altura de dar à mulher o que lhe falta. Seduzem para conquistar, mas não sustentam o semblante de provedor por muito tempo. Diante da falta de referências tradicionais do papel que cada um ocupa na parceria em relação ao falo, os homens, eles vacilam, ficam inseguros e se separam.

Quanto às mulheres, Coelho dos Santos (2008b) apresenta vinhetas que falam dos novos sintomas, que são as novas solteironas, ou seja, mulheres independentes, bem remuneradas e solitárias. Angustiam-se com a dificuldade em compatibilizarem sucesso profissional e vida amorosa. Não encontram parceiros à altura para estabelecerem parcerias viáveis. Por vezes, cabe a essas mulheres o papel de provedoras do casal. A autora vê instalada nessa dinâmica a versão contemporânea do mal-estar na sexualidade feminina. Conclui o artigo apresentando a ideia de que o vacilar dos semblantes é o sintoma que passa a presidir a relação à realidade e, hoje, esse sintoma nos diz que o laço social é precário.

Em outro artigo, intitulado “1968: a vacilação generalizada dos papéis sociais”, Coelho dos Santos (2008a) articula a precariedade do pai simbólico na contemporaneidade à incerteza sobre os papéis sexuais. Destaca, como um dos fatores que mais contribuíram para esta precariedade, um amálgama discursivo entre duas coisas diferentes: a confusão feita entre os conceitos de recalque e de repressão. Enquanto o primeiro é um conceito estrutural da obra freudiana, constitutivo do psiquismo e que advém da diferença sexual e das gerações, o segundo é um conceito relativo ao poder de coerção social exercido pelos pais, mestres, a polícia ou o governo. Postula ser essa confusão responsável por um novo mal-estar na vida sexual, já que veiculou a ideia de que as doenças nervosas têm como causa a repressão da sexualidade, o que veio alimentar a demanda de análise. Pontua que a

entrada das mulheres nas universidades capacitou-as, através dos seus diplomas, a questionarem a autoridade do mestre. Houve um afrouxamento dos laços sociais e uma recriação de valores. Ocorreu um deslizamento dos papéis segregados de acordo com o sexo para uma liberdade em recriá-los individualmente, ou seja, cada casal com sua receita. Conclui esse artigo se perguntando como opera um analista diante da vacilação dos semblantes e, mais ainda, como pode ser possível produzir a queda das identificações por meio de uma análise, quando a figura do pai simbólico já declinou. Coelho dos Santos responde que não cabe mais ao analista perturbar as identificações para colher o vazio como causa. Crê que o analista que se encontra atento às transformações de sua época identifica a inconsistência do simbólico na civilização. Seu papel não é de restaurar e nem inventar novas identificações e novas subjetividades. “Resta-lhe a responsabilidade pela sua interpretação do real em jogo na fala de cada analisando” (COELHO, S. 2008a, p.324), implicando-se em sua leitura inédita e singular da constituição subjetiva.

### **1.3.b - Novas demandas**

Para refletir sobre a clínica contemporânea, utilizarei o artigo “Existe pecado do lado de baixo do equador?” (COELHO, S. 2009) visando articular essas novas demandas com a teoria psicanalítica para que essas reflexões confirmem uma direção à escuta na clínica atual. Nele, a autora trabalha com a ideia de que uma nova moral sexual, igualitária, veio substituir a dupla moral sexual, repressiva e perversa. “Essa nova moral prescreve o direito universal à norma fálica” (COELHO, S. 2009, p.121). Contudo, esse deslizamento não dissolveu o mal-estar nas parcerias amorosas, pois homens e mulheres partem para suas escolhas amorosas carregados de idealização, o que os encaminha para um “impasse narcísico” (COELHO, S. 2009, p.128). Nessa

idealização está contida uma exigência igualitária, ou seja, a crença de que cada parceiro eleito porte as características e virtudes do outro sexo, compondo um único ser híbrido. Inevitavelmente, a busca orientada por esse eixo desemboca no desencontro, avesso de tão inalcançável expectativa.

Coelho dos Santos (2009) interroga os efeitos da vacilação dos semblantes da diferença sexual, que parecem ter trazido para a clínica contemporânea novas versões da feminilidade e da virilidade, apontando para uma permanência, precariedade, ou mesmo, uma substituição desses semblantes. Segundo a autora, (2009), no que diz respeito às mulheres, a clínica vem demonstrando que as mulheres, na contemporaneidade, precisam fingir que não há diferença entre os sexos. A diferença entre ter o falo e ser o falo vem sendo lentamente apagada no imaginário social, aprisionando os jovens à representação enganosa de uma suposta relação igualitária. Do lado dos homens, suas escolhas, atualmente, para além da divisão entre a “santa” e a “mulher da vida”, denotam uma demanda de encontro com uma mulher capaz de reunir “tudo”. Expectativa impossível que os coloca numa busca incessante, já que acreditam na possibilidade de uma próxima mulher, e outra e depois outra, enfim, alguma que possa condensar todas as virtudes esperadas.

Essa desconfiguração da diferença entre os sexos instalou um novo mal-estar. O enigma não parece mais estar em desvendar a virilidade e/ou a feminilidade, mas, sim, em o que as difere. A falta dessas referências na orientação da escolha de um parceiro estimula uma incessante experimentação, onde está contida a crença de que é daí que a resposta advirá. Aposta-se no encontro e colhe-se o desencontro, pois quanto mais se busca, menos se alcança. Essa condição de inalcançabilidade é inerente ao fato do objeto que causa o desejo ser inconsciente e por isso ser “[...] um objeto incomparável, arbitrário, inexplicável e incognoscível. Nenhum objeto possível,

nenhum percurso na realidade pode equivaler ao objeto causa de desejo” (COELHO, S. 2009, p.132).

Pautada na orientação do psicanalista Jacques Lacan (2006, p.32), a respeito das diferenças entre os sexos, a autora fundamenta suas hipóteses. Acredita que, na atualidade, essa condição do estatuto inconsciente do objeto que causa o desejo é negada pelo individualismo igualitário. Sem a bússola orientadora do desejo inconsciente, o sujeito à deriva, busca o gozo infinito e absoluto. A crença de tudo ser possível corre na via contrária à dos conceitos de sujeito dividido e de estrutura, ou seja, a posição subjetiva em que cada um se coloca diante do falo. Falo que é o significante da diferença sexual e posição essa que é singular, tendo efeito de castração para o outro sexo.

Os significantes, homem e mulher, são semblantes da diferença anatômica entre os sexos, pois somente os significantes permitem inscrevê-la no inconsciente como diferença psíquica (COELHO, S. 2009). Conclui-se que o mal-entendido entre os sexos é estrutural, estando a diferença sexual inserida nesse mal-estar. No inconsciente, a medida fálica afere diferentemente o gozo masculino e o gozo feminino. Do ponto de vista do inconsciente, o homem tem o falo e a mulher é o falo, o que aponta para o fato de que um sexo não é idêntico ao outro. A tentativa de fazer equivaler os gozos para ambos os sexos, almejada pela revolução sexual, veio a normatizar o gozo masculino como universal.

Considerando os casais de outrora, homem infiel/mulher parasita que deu lugar ao casal homem obsessivo/mulher histérica, que casal temos diante de nós na contemporaneidade? “Defino o casal contemporâneo pelo que ele não é” (COELHO, S. 2009, p.138). A hipótese da autora é que o discurso capitalista teve seus efeitos na cultura brasileira, já sexualmente permissiva. Esse discurso prega e promete a

máxima de que “tudo pode ser possível”. Considerando que a ideia de falo como significante da diferença sexual castra o gozo absoluto de um sexo diante do outro, o discurso capitalista rompe com essa regra fundamental, acenando ser possível o reencontro com o paraíso perdido através do “tudo poder”.

No entanto, a experiência clínica vem operando na análise desses sujeitos contemporâneos, e se temos como referencial a psicanálise, é pelo viés da castração que estamos trabalhando. Em outras palavras, esses sujeitos deslizam no sentido de atravessarem seus fantasmas quando orientados pelo real de seus sintomas. Castram-se e rearranjam suas vidas amorosas, sem que deixem de ser contemporâneos, já que em seus novos arranjos as mulheres não são destituídas de suas conquistas e nem os homens da tarefa de se reinventarem.

As mulheres parecem continuar buscando em análise o deslizamento da posição de que é o outro que porta o desejo. Das seduzidas históricas de Freud às solitárias contemporâneas, é a apropriação do próprio desejo que redireciona o percurso analítico. Enquanto as primeiras apropriaram-se do “sou eu que desejo”, as segundas, parecem se apropriar do “sou eu que não quero”.

## **CAPÍTULO 2: As Quatro Contribuições À Psicologia do Amor**

Minha intenção nesse capítulo é a de pesquisar, tendo como referência a psicanálise freudiana e lacaniana, quais são as fantasias inconscientes que orquestram a dança do acasalamento entre homens e mulheres na atualidade. Vimos, até esse ponto da pesquisa, que ao longo dos anos, embora os ideais constitutivos das subjetividades e das parcerias tenham sofrido deslizamentos, que o paraíso da satisfação no amor e na vida sexual não foi alcançado. Parece que o que se transformam são as modalidades do mal-estar. O sujeito contemporâneo, apesar da liberdade, da autenticidade, da igualdade com o outro, do diálogo e do direito de escolha, ganhos adquiridos através do seu autoconhecimento, também encontra-se insatisfeito. Sua subjetividade é afetada por uma busca incessante de prazer, de felicidade e de completude, como se fosse possível nada lhe faltar. A psicanálise advertiu, desde seus primórdios, com a fantasia, que esta completude seria inalcançável. Freud nos apresentou suas teorias sobre o amor ressaltando que existem pré-condições para que um homem e uma mulher possam ser eleitos como parceiros amorosos. Ao mostrar que existem pré-condições Freud lançou luz sobre o que, posteriormente, Lacan postulou como a inexistência da relação sexual. Na obra freudiana essas condições estão fundamentadas no Complexo de Édipo e é sobre esse ponto que me debruçarei nesse momento.

De posse dessa bússola, minha reflexão, inicialmente, se deterá nos artigos da obra de Freud, que se referem ao comportamento de homens e mulheres em relação ao amor e à sexualidade. Serão analisados os três artigos das *Contribuições à Psicologia do Amor I, II e III*. Esses artigos são fruto das impressões colhidas por Freud sobre a maneira como os neuróticos se comportam em relação ao amor. Freud não deixou de observar que esses mesmos comportamentos também podiam ser

observados em pessoas de saúde normal. Incluí o artigo “Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos”, 1925, por que ele contém uma completa reavaliação de Freud ao que se refere ao desenvolvimento psicológico das mulheres.

Seguindo a indicação do psicanalista Jacques-Alain Miller (1989/1988), em seus artigos “Minha garota e eu” e “Conversa sobre o amor” introduzirei o texto “A significação do falo” de Jacques Lacan (1958), como a quarta contribuição à psicologia do amor. Como conclusão, utilizarei as próprias hipóteses de Miller acerca desse mesmo tema, ou seja, a psicologia da vida amorosa.

## **2.1 - Contribuições à psicologia do amor I**

O primeiro artigo de Freud, de 1910, intitulado “Um Tipo de Escolha de Objeto Feita pelos Homens”, aborda as pré-condições necessárias para o amor, que se encontram determinadas pelos tipos de escolha de objeto que ocorrem frequentemente entre os homens. A primeira pré-condição é que a eleita configure junto ao homem uma situação triangular, sendo uma mulher compromissada com outro homem. Uma mulher solteira e desimpedida jamais será a escolhida. A existência de uma outra pessoa prejudicada, um noivo ou marido, que possa reivindicar o direito de posse sobre essa mulher, dispara nesse homem, um estado de apaixonamento. Essa pré-condição fornece a oportunidade para gratificar impulsos de rivalidade e hostilidade em direção ao homem de quem a mulher é arrebatada. A segunda pré-condição é nomeada ‘amor à prostituta’, conjuga-se com a primeira, ressaltando-se que a mulher casta nunca exerce atração que possa levar à condição de objeto amoroso. As eleitas são as mulheres de má reputação sexual, difamadas e de caráter duvidoso. Essa pré-condição relaciona-se com a experiência do ciúme, sendo esse sentimento levado ao ápice, para que o homem se encontre totalmente

apaixonado. Freud sublinha o fato de que em ambos os casos, esses homens sentem-se confortáveis na situação triangular. A terceira característica apontada é o caráter de natureza compulsiva revelado nesses comportamentos amorosos, nos quais os objetos amorosos podem substituir uns aos outros formando uma extensa série dos mesmos. A quarta característica desses amantes é a ânsia em 'salvar' a mulher amada. Esse homem encontra-se convencido de que essa mulher depende dele moralmente e empresta-lhe suas virtudes. Freud afirma que essa maneira singular de se comportar no amor tem a mesma origem psíquica que encontramos na forma de amar das pessoas normais. Essa mesma fonte seria a fixação infantil dos sentimentos de ternura pela mãe, que tendo permanecido por muito tempo ligado a ela, imprimiria nos outros objetos amorosos ao longo da vida, as mesmas características da mãe. A constelação psíquica relacionada à mãe define as condições para amar e o comportamento no amor do homem. O pai nesse circuito familiar é o outro que se interpõe em relação à amada, logo, a pessoa injuriada da primeira pré-condição é o próprio pai. A superestimação da figura materna é decorrente do fato da mãe ser única e insubstituível. A segunda pré-condição, o amor à mulher de baixa reputação, relaciona-se às pesquisas sexuais infantis, quando o menino percebe que seus pais fazem sexo. Nega essa atividade sexual na mãe, cindindo em seu psiquismo, a mulher casta, sua mãe, e as prostitutas, que são mulheres que vivem o sexo livremente. Essa negação não se sustenta por muito tempo devido ao crescimento do menino. A mãe passa, então, a ser desejada pelo menino, seu primeiro objeto amoroso. Mergulhado em seu complexo edípico vive as fantasias eróticas, que aliadas à prática da masturbação da puberdade, vem a ser no futuro o solo para a escolha da prostituta como objeto de amor. Na pré-condição de 'salvamento', o menino encontra-se no complexo parental. Grato em relação à mãe que lhe deu a vida, deseja retribuir-lhe

com outra vida, um outro filho, igual a ele mesmo. Para isso, ele na fantasia de salvamento se identifica com o pai, e tomado de ternura, gratidão e independência, encontra o desejo de ser igual ao pai. Esse sujeito chega ao mundo inserido na fantasia de uma configuração familiar onde operam vetores que determinam a necessidade de um salvador. Ele entra nessa fantasia em posição objetal. Não lhe resta alternativa a não ser se deixar adorar. Parece que toda estrutura depende dele, mas, na verdade, ele é apenas um servidor dessa constelação simbólica.

## **2.2 - Contribuições à psicologia do amor II**

O segundo artigo, de 1912, “Sobre a Tendência Universal à Depreciação na Esfera do Amor”, Freud trata do tema que considera o mais frequente na clínica, depois da ansiedade, a saber, a impotência psíquica. Esse tipo de impotência acomete homens que não apresentam nenhuma carência em seus estados libidinosos. Apesar de seus desejos, seus órgãos sexuais não entram em estado de ereção compatível com a execução do ato sexual. Relatam que esse sintoma só aparece diante de algumas mulheres, o que permite inferir que essa singular perturbação está ligada a algum atributo do objeto. Freud postulou que a origem desse desarranjo é determinada por uma inibição no desenvolvimento da libido, que acarretou uma falha na combinação da corrente afetiva com a corrente sensual. A união dessas duas correntes é responsável pela garantia de um comportamento amoroso normal. A corrente afetiva é a mais antiga das duas e corresponde aos primeiros cuidados recebidos nos primeiros anos da infância. Desde o início, leva consigo contribuições das pulsões sexuais. A afeição dos pais mesclada de erotismo determina a escolha de objeto primária da criança, que persiste por toda a infância, conduzindo o erotismo a se desviar de seus objetivos sexuais. Na puberdade essas correntes se unem e os objetivos da corrente sensual passam a ser alcançados. Como

os primeiros objetos investidos nunca são totalmente abandonados, esse percurso começa a esbarrar em obstáculos provenientes da barreira contra o incesto. A transposição dessas barreiras garantirá o encontro com os novos objetos estranhos, que atrairão para si a afeição que se ligava aos mais primitivos, o que atestará a associação da afeição com a sensualidade. No entanto, dois fatores podem se interpor nesse caminho do desenvolvimento da libido trazendo a possibilidade de falhas. O primeiro é a frustração da realidade que se opõe à nova escolha de objeto reduzindo seu valor e o segundo é a capacidade de atração que os objetos infantis, apesar de abandonados, ainda exercem no que se refere aos investimentos libidinais. Quando esses dois fatores são fortes, colocam em funcionamento o mecanismo que estrutura a neurose. Há uma introversão da libido que, afastando-se dos objetos da realidade, passa a investir nos objetos incestuosos das fantasias inconscientes. A barreira que foi construída como defesa aos desejos incestuosos se interpõe nesse caminho, mantendo essa libido transferida no inconsciente. Esse mecanismo é reforçado na puberdade pela atividade masturbatória. Uma das consequências possíveis desse conflito é a impotência, para salvaguardar o homem de praticar no seu imaginário um ato incestuoso, já que a totalidade da sua sexualidade pode encontrar-se ligada a objetos incestuosos no inconsciente. Como saída, o homem busca objetos que não rememorem as imagens incestuosas que lhe são proibidas. Para essas pessoas o amar se divide em duas direções, a sagrada e a profana. “Quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar” (Freud, 1912/1976, p.166). Como medida protetora, esses homens depreciam o objeto sexual para que sua sensualidade possa ser vivida livremente e supervalorizam o objeto incestuoso, ligando-se a ele pela via da afeição. Freud frisa nesse artigo que a impotência psíquica não se restringe à neurose, sendo, na verdade, uma marca do comportamento

amoroso do homem civilizado. Conclui, a partir de suas observações, que para um homem amar livremente, seria necessário que sobrepujasse seu respeito pelas mulheres e aceitasse seus sentimentos incestuosos em relação à mãe e às irmãs. Apresenta um paralelo entre impotência psíquica dos homens com a frigidez nas mulheres. Enquanto para os homens a depreciação do objeto é uma condição para despertar o desejo sexual, para as mulheres seria a proibição. Verifica que a permissão alcançada após o matrimônio para viverem livremente seus desejos faz com que esse desejo decline e em muitos casos chegue à frigidez. Essa frigidez é suspensa quando as mulheres passam a viver encontros proibidos. Diante disso, Freud conclui que a sexualidade humana, para ambos os sexos, precisa de obstáculos para encontrar satisfação.

### **2.3 - Contribuições à psicologia do amor III**

O último artigo das *Contribuições à Psicologia do Amor III*, de 1917, intitula-se “O Tabu da Virgindade”. Freud inicia o artigo denunciando o fato de que nesse tabu está implicada a exigência de que uma moça não leve para o casamento nenhuma lembrança de vida sexual passada. Essa exigência constitui a essência da monogamia com sua lógica do direito de posse exclusiva da mulher. Aponta um estado de sujeição da mulher diante do homem que a desvirginou, como a condição de perpetuação da fidelidade dos comportamentos e pensamentos em relação a esse homem, o que viria garantir a longevidade do vínculo. Acredita que essa sujeição sexual é indispensável para a manutenção do casamento civilizado, na medida em que afasta a possibilidade da poligamia. O componente psíquico, apontado por Freud como responsável pela entrada da mulher nesse estado de sujeição em relação ao homem, é a proporção da resistência sexual que é vencida. Aliado à conquista dessa resistência está o fato de que esse processo só ocorre apenas uma vez. Estudando

os povos primitivos, Freud nos apresenta o resultado de que o tabu da virgindade estava associado a uma periculosidade que o ato de desvirginamento de uma mulher poderia trazer ao homem. Para ele, o homem primitivo,

[...]não separa o perigo material do psíquico, nem o real do imaginário. Em sua concepção animista do universo consistentemente aplicada, todo perigo decorre da intenção hostil de algum ser dotado de alma como ele próprio, e isto se aplica tanto aos perigos que o ameaçam, procedentes de alguma força natural, como aos perigos procedentes de outros seres humanos ou animais. Mas, por outro lado, ele está acostumado a projetar seus próprios impulsos internos de hostilidade no mundo exterior, isto é, atribuí-los aos objetos que sente como desagradáveis ou mesmo, meramente estranhos. Desta maneira, as mulheres também são consideradas como sendo fonte desses perigos, e o primeiro ato sexual com a mulher destaca-se como um período de especial intensidade” (FREUD, 1917/1976, p. 185-186).

Fazendo um paralelo com o estágio de civilização da modernidade, Freud também acreditou ser possível que o primeiro ato sexual pudesse constituir um perigo de especial intensidade para o homem. Atribui a uma frigidez defensiva da mulher que chega, por vezes, a uma atitude de hostilidade diante da primeira relação sexual, a causa dessa ameaça vivida pelo homem, uma vez que o lança ao encontro de um sentimento de insuficiência. Vale ressaltar, que o medo da dor e, principalmente, a perda de uma parte do seu corpo são componentes psíquicos dessa vivência da mulher. Pode sentir-se ferida narcisicamente pela destruição de um órgão, que se associa à depreciação do valor sexual que passará a ter diante do olhar masculino. A menina no desenvolvimento libidinal infantil tem sua libido fixada na figura do pai, ou em quem o substitua. O marido, dificilmente, consegue fazer frente a essa fixação, conseguindo, nos melhores dos casos, ficar em segundo lugar, pois jamais será como o pai. E, quanto mais poderoso esse elemento psíquico na vida sexual de uma mulher, maior será sua resistência diante do primeiro ato sexual e a frigidez toma a forma de uma inibição neurótica. Freud destaca a inveja do pênis, sentida pelas meninas em relação aos meninos, na fase do complexo de castração, como mais um dos fatores

responsáveis pela frigidez feminina. Esses impulsos antigos seriam ativados no momento do primeiro ato sexual, já que nunca desaparecem completamente e a frigidez manifestaria a hostilidade da mulher contra o homem. A atitude de uma mulher diante do primeiro ato sexual é o termômetro da maturidade ou imaturidade sexual em que ela se encontra. Freud encontra a possibilidade de uma mulher que tenha sido frígida em seu primeiro casamento encontrar satisfação no segundo, pois a reação arcaica já teria se esgotado. Freud conclui que o defloramento é ainda tabu numa sociedade por ter dupla face. A primeira relaciona-se a sujeição, desejo do homem de amarrar a mulher permanentemente a si e a segunda, liga-se à reação arcaica, na qual a hostilidade para com o homem pode assumir formas patológicas.

#### **2.4 - Reformulações freudianas sobre o feminino**

Concluirei a fundamentação freudiana com o artigo de 1925, “Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos”. A escolha desse artigo está baseada no fato de estar contida nele uma completa reavaliação das opiniões de Freud no que se refere ao desenvolvimento psicológico das mulheres. Por muito tempo Freud acreditou que somente a vida sexual dos homens seria suscetível à pesquisa, constituindo a sexualidade feminina um continente obscuro, de acesso impossível. Essa dificuldade se atrelava a constantes tentativas de tomar a sexualidade feminina a partir do modelo da sexualidade masculina. Na medida em que avançou em seus estudos, a fase pré-edípica de ligação da menina com a mãe evidenciou-se para Freud e ele deu à sexualidade feminina um mecanismo diferenciado do modelo masculino. Manteve a premissa de que, para ambos os sexos, o primeiro objeto sexual da criança é o seio da mãe e que esse constitui o protótipo de toda relação amorosa posterior. No entanto, é exigido da menina antes que ela possa chegar ao complexo de Édipo, uma dupla mudança. A primeira relaciona-se à

mudança em seu órgão sexual principal, trocando o clitóris pela vagina, e a segunda refere-se à mudança de objeto sexual, na qual troca a mãe pelo pai. O acento dado por Freud nessa fase pré-edípiana abre o caminho para as investigações das diferenças que ocorrem entre meninos e meninas, no que diz respeito às suas relações de seus complexos de castração e de Édipo, e posteriormente na construção de seus superegos. O complexo de Édipo no menino mantém o primeiro objeto de amor do início ao fim, a mãe. O pai surge como rival, trazendo a ameaça de castração, via pela qual o menino soluciona esse complexo, já que deseja manter a integridade de seu órgão. Freud fala de uma dupla orientação, ativa e passiva, no complexo edípiano do menino, que está referida à sua constituição bissexual. Nessa outra vertente, o menino também deseja tomar o lugar de sua mãe como objeto de amor do pai, numa atitude feminina. Para as meninas, a troca de objeto da fase pré-edípiana, a mãe, para outro objeto na fase edípiana, o pai, traz maiores complexidades. Nesse sentido, Freud considera que a fase edípica das meninas é uma formação secundária, após a fase pré-edípiana, que concentra um longo tempo. A inveja do pênis é o primeiro passo da fase fálica das meninas. Diante da visão dos órgãos genitais masculinos, a menina constata a diferença, sabe que não tem, mas passa a desejar ter um pênis. Já os meninos rejeitam essa primeira visão da diferença entre os órgãos sexuais vindo a resignificá-la num momento posterior em que se encontram sob a ameaça de castração. Freud chama de complexo de masculinidade uma obstinação da mulher em ter o pênis, tornando-se semelhante a um homem. A persistência desse complexo na vida da mulher acarreta inúmeras dificuldades no desempenho da sua atividade sexual, pois, negando o fato de ser castrada, pode acreditar ter um pênis, o que leva a comportar-se como um homem. Ao acolher o fato de ser castrada, a mulher sente-se ferida narcisicamente e desenvolve um sentimento de inferioridade. O

sentimento de ciúme, mais frequente nas mulheres, seria um desdobramento dessa inveja do pênis. Outra consequência dessa inveja é um afrouxamento da relação da menina com a mãe, já que essa passa a ser responsabilizada por esse seu destino. Outro desdobramento da inveja do pênis é a suspensão da atividade masturbatória clitoriana, devido a um sentimento narcísico de humilhação, e que vem a constituir a pré-condição necessária para o desenvolvimento da feminilidade. Nessa linha, a menina desliza seu desejo de ter um pênis para o desejo de ter um filho e é nessa equação que toma o pai como objeto de amor. Freud conclui que a diferença no desenvolvimento entre os dois sexos é consequência da distinção anatômica entre seus órgãos genitais e das fantasias construídas para explicá-la. Enquanto as meninas entram no complexo de Édipo pela fantasia de sofreram a castração, os meninos saem do Édipo pela fantasia de ameaça de castração. A força do complexo de Édipo não permite que ele desapareça por completo, o superego é seu herdeiro. Segundo Freud, as meninas teriam menos motivos do que os meninos para solucionarem suas questões edípicas, pois, uma vez que castradas, não teriam tanto o que perder. Aos olhos de Freud daí decorre uma frouxidão maior no superego das mulheres. Conclui seu artigo afirmando que ambos os sexos têm combinações do masculino e do feminino, devido a uma disposição bissexual e a uma herança cruzada. Dessa forma torna-se impossível o encontro com uma masculinidade ou feminilidade puras.

## **2.5 - Quarta contribuição à psicologia do amor**

Seguirei a sugestão do psicanalista Jacques-Alain Miller de introduzir o artigo “A significação do falo”, de 1958, do também psicanalista Jacques Lacan, como a quarta contribuição à psicologia da vida amorosa. Essa escolha está pautada no fato de Lacan ter desenvolvido nesse artigo, de forma a aprofundar e a complementar, as

ideias que Freud postulou sobre as condições e pré-condições da vida das parcerias amorosas. Lacan foi adiante pois esboçou uma direção para o tratamento analítico, na medida em que conceituou o falo como um significante e propôs que ao final de uma análise é preciso desidentificar-se dele. Pois, é diante desse significante, que homens e mulheres, se posicionariam diferentemente a partir das teorias sexuais infantis freudianas, ou seja, diante do complexo de Édipo, diante da castração. A mulher não tem o falo, mas acredita tê-lo. O homem não o é, mas acredita tê-lo. O artigo intitulado “A significação do falo”, foi publicado nos *Escritos* (1998) de Jacques Lacan. O artigo reproduz a conferência proferida por Lacan em 9 de maio de 1958, no Instituto Max Planck de Munique. Lacan iniciou o texto afirmando que “o complexo de castração inconsciente tem uma fruição de nó” (LACAN, 1998, p.692). Pressupôs que tanto as neuroses, quanto as psicoses e as perversões têm nesse nó a estrutura dinâmica dos seus sintomas. Seguiu justificando que é fruição de nó, justamente por ser proveniente do complexo de castração inconsciente, e sem o qual, o sujeito não conseguiria se instalar inconscientemente identificado ao “tipo ideal do seu sexo, nem tampouco responder, sem graves incidentes, às necessidades de seu parceiro na relação sexual ou até mesmo acolher com justeza as crianças daí procriadas” (LACAN,1998, p.692). Desse modo, pode-se concluir que para Lacan, tanto a diferença sexual, como a diferença geracional estão intrinsecamente relacionadas à posição inconsciente do sujeito diante do complexo de castração. Seguindo a linha da concepção freudiana, reiterou do lado inconsciente masculino uma irredutibilidade das sequelas oriundas da ameaça de castração, e do lado do inconsciente da mulher, o *Penisneid*, ou seja, a inveja do pênis.

Lacan constatou que a relação do sujeito com o falo estabelece-se muitas vezes com desconsideração pela diferença anatômica entre os sexos. Identificou

nessa desconsideração a maior dificuldade na interpretação da mulher, enumerou quatro tópicos visando sustentar essa sua posição. O primeiro refere-se ao sentimento da própria menina de ser castrada, ou seja, de ser privada do falo. Inicialmente privada pela mãe, e posteriormente, pelo pai. O segundo tópico relaciona-se à crença de que a mãe é portadora do falo. Crença remetida a um tempo primordial e comum à ambos os sexos. O terceiro tópico, na sequência do segundo, atrela-se à constatação da ausência do falo na mãe, que trará como efeito o ganho da significação da castração. É nesse tempo que reside o motor para a formação dos sintomas, que posteriormente poderão ser observados na clínica. O quarto tópico relaciona-se à fase fálica. Segundo Freud, seria essa a fase de maturação genital, de dominância do atributo fálico, do gozo masturbatório, clitoridiano na mulher, e do desconhecimento, para ambos os sexos, da vagina como lugar de penetração genital, conhecimento que só ocorrerá após o declínio do complexo de Édipo.

O salto qualitativo que Lacan deu a esse entendimento foi o de ter promovido como condição necessária a qualquer articulação do fenômeno analítico, a noção de significante. O falo não seria um objeto parcial e nem um órgão. Essa noção opôs-se à noção de significado, que seria o efeito da marca da paixão do significante. Em outras palavras, o autor atribui ao falo a função de significante, estando este “destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos do significado” (LACAN, 1998, p.697).

Essa paixão do significante, por conseguinte, torna-se uma nova dimensão da condição humana, na medida em que não somente o homem fala, mas em que, no homem e através do homem, isso fala, em que sua natureza torna-se tecida por efeitos onde se encontra a estrutura da linguagem em cuja matéria ele se transforma, e em que por isso ressoa nele, para-além de tudo o que a psicologia das ideias pôde conceber, a relação da palavra. (LACAN, 1998, p.689).

Lacan, para designar o inconsciente, serviu-se do termo cunhado por Freud “outra cena” (*ein Anderer Schauplatz*) e renovou a leitura acerca das leis que regem essa outra cena. Os mecanismos de formação dos sonhos, condensação e deslocamento, foram retomados com apoio na linguística por meio das figuras de linguagem: a metáfora e a metonímia. O inconsciente estrutura-se como a linguagem. Lacan renova a leitura do desejo inconsciente, estabelecendo uma equivalência entre desejo e sujeito. O sujeito é efeito do discurso do Outro. Constitui-se como sujeito do significante, que recebe do Outro, num tempo esse anterior a qualquer despertar do significado. Essa operação no inconsciente articula-se como fenda, e institui o sujeito dividido. Para Lacan, o falo é um significante, “um significante cuja função, na economia intrassubjetiva da análise, levanta, quem sabe, o véu daquela que ele mantinha envolta em mistérios” (LACAN, 1998, p.697).

A presença do significante falo provoca desvios nas necessidades do homem. Por ser falante, suas demandas retornam alienadas do lugar do Outro. O que vier a faltar, o que não for atendido dessa resposta que a necessidade demanda, constituirá o desejo no homem. A frustração da demanda lança o homem no campo do amor, pois o desejo é a hiância, a fenda resultante da discrepância entre a necessidade e sua satisfação.

A demanda em si refere-se a algo distinto das satisfações porque clama. Ela é demanda de uma presença ou de uma ausência, o que a relação primordial com a mãe manifesta, por ser prenhe desse Outro a ser situado *aquém* das necessidades que pode suprir. Ela já o constitui como tendo o privilégio de satisfazer as necessidades, isto é, o poder de privá-las da única coisa pela qual elas são satisfeitas. Esse privilégio do Outro, assim, desenha a forma radical do dom daquilo que ele não tem, ou seja, o que chamamos de seu amor. (LACAN, 1998, p.698).

É justo nesse campo fechado do desejo que a relação sexual coloca o sujeito e o Outro. O enigma dessa hiância coloca os parceiros da relação numa situação que não basta para ambos “serem sujeitos da necessidade ou objetos do amor, mas tem

que ocupar o lugar de causa do desejo” (LACAN,1998, p.698). Lacan acreditou ser esse o cerne da verdade, no que se refere à relação sexual, isto é, o sujeito acredita-se feliz ao camuflar genitalmente a fenda existente entre ele e o Outro. Uma vez marcado pelo significante o homem nunca alcançará uma inteireza. “O falo é o significante privilegiado dessa marca, onde a parte do *logos* se conjuga com o advento do desejo” (LACAN ,1998, p.699). Segundo Lacan, o falo foi escolhido por sua saliência no momento da cópula, e também, por representar a potência do humano em se reproduzir. Sua eficiência se dá pelo seu velamento, enquanto signo, enquanto significante da própria suspensão que ele inicia por seu desaparecimento.

Em suma, o falo é um significante, que só aparece velado e como razão do desejo do Outro. O sujeito dividido balança entre a demanda de amor e a experiência do desejo. A criança ao perceber que o falo é o desejo da mãe, passa a querer ser o falo para satisfazê-la. Essa operação tem na base o desejo da criança de ser reconhecida e amada. A clínica de Lacan evidenciou que a descoberta de que a mãe não tem o falo é mais importante do que a descoberta da ausência de falo no próprio sujeito. A castração instaura-se nesse momento como falta ou ameaça, desdobrando “as estruturas a que serão submetidas às relações entre os sexos” (LACAN, 1998, p.701), e que girarão em torno do ser ou do ter o falo. Proteção devido à ameaça de perdê-lo, nos meninos, e mascaramento como encobrimento da falta, nas meninas. São, essas, as duas vertentes que se apresentam como o motor dessa engrenagem visando satisfazer a demanda.

Lacan acreditou que nesse eixo está localizada uma renúncia da mulher de uma parte considerável de sua feminilidade, camuflada por trás da mascarada. “É pelo que ela não é que ela pretende ser desejada, ao mesmo tempo que amada”

(LACAN, 1998, p.701). É no outro, no corpo do outro que porta o falo, que ela identifica o significante do seu próprio desejo, e direciona sua demanda de amor.

Do lado do homem, a dialética da demanda e do desejo articula-se dentro do campo da degradação da vida amorosa. De um lado, por ser portador do significante falo, dá à mulher aquilo que ela não tem revestido como amor. Paradoxalmente, “seu próprio desejo do falo faz surgir seu significante em sua divergência remanescente, dirigido a ‘uma outra mulher’, que pode significar esse falo de diversas maneiras, quer como virgem, quer como prostituta” (LACAN, 1998, p.702).

Por estarem diante dessas duas posições diferentes diante da função do falo, Lacan acreditou existir do lado da mulher, uma tolerância maior em lidar com a falta, exemplificada nos casos de frigidez. Enquanto que, do lado do homem, a impotência seria vivida como algo da ordem do insuportável. Conclui o artigo, refletindo sobre a hipótese de que se considerarmos a mascarada feminina como efeito da repressão inerente à marca fálica do desejo, poderemos, então, inferir que a ostentação viril pareça feminina.

## **2.6 - Comentários de Jacques-Alain Miller**

Basearei os comentários do psicanalista Jacques-Alain Miller em dois artigos de sua autoria que são a transcrição de duas palestras proferidas em Buenos Aires nos anos de 1988 e 1989. Analisarei primeiramente “Minha garota e eu” (2010[1989]), e em seguida, “Uma conversa sobre o amor” (2010[1988]). Minha intenção em recortar esses dois trabalhos é porque neles estão contidas e justificadas as ideias de Miller, que considera o artigo de Lacan, “A significação do falo” (1958/1998), como a quarta contribuição à psicologia da vida amorosa. Nessas conferências Miller desenvolve essa posição em detalhes. A meu ver, mais que isso, ele transita pelos artigos de

Freud e de Lacan de forma a elucidá-los com uma maestria cirúrgica, ou seja, pinça e articula os conceitos de forma extremamente esclarecedora.

Em “Minha garota e eu”, o psicanalista francês começa a palestra utilizando-se do casal Adão e Eva para articular alguns elementos da lógica da vida amorosa a partir dos textos de Freud. Inicialmente distingue dois tipos de amor: o amor como repetição e o amor como invenção. Sua intenção era justificar a inclusão do artigo de Lacan como a quarta contribuição.

Esse texto repete, de certo modo, a ‘Psicologia da Vida Amorosa’ e, ao mesmo tempo completa o funcionamento conceitual apresentado por Freud. Em Lacan, não há fundamentalmente uma depreciação do amor. Há concepções de final de análise que apresentam esse final como se tratasse de curar-se do amor, o que implica a identificação com o pai morto. Sobre o pai de *Totem e Tabu* ninguém disse que ele amava; diz-se que ele gozava. Identificar-se com o pai morto é uma versão do curar-se do amor. (MILLER, 2010[1989], p.2-3).

Ainda acrescenta:

“Há outro final de análise, aquele que Lacan nos mostrou, no qual não se trata, de curar-se do amor: trata-se, em termos psicanalíticos, de uma transformação da transferência, não do seu desaparecimento. É um final de análise no qual a descoberta de A barrado, a descoberta de que não há Outro do Outro, de que não há Outro, dá lugar, pelo contrário a uma invenção. Talvez, sim, curar-se do amor, mas do amor como repetição” (MILLER, 2010[1989]. p. 3).

Isto posto, o conferencista adentra o tema do Éden acreditando que Adão e Eva encarnaram a primeira flechada da história da humanidade, embora ignorassem o que seria uma flechada. Reunindo os dados da história do casal, inferiu ter havido a flechada do lado de Adão, não afirmando o mesmo do lado de Eva. Vai mais longe e formula a hipótese de que se houve flechada do lado de Eva, teria sido desferida pela serpente. Com isso, já se vê instalado, desde os primórdios, uma dissimetria.

Baseado na tradução francesa da Bíblia, Miller ressalta a olhadela, o momento da olhadela, como sendo o instante inaugural da fala de Adão. Eva é conduzida a

Adão por Deus, que ao vê-la, se aproxima e fala: “Aquela, esta vez, é o osso dos meus ossos, a carne de minha carne. Aquela chamada mulher, porque foi extraída do homem” (MILLER, 2010[1989], p. 3). Da extração da costela à essa fala, pode-se concluir que a primeira escolha de objeto foi narcísica.

Dois pontos são sublinhados pelo autor. O primeiro é relativo ao risco de Eva ser considerada como Deus, uma vez que surgiu no paraíso por suas mãos. E o segundo ponto é a referência do ‘Aquela’, sugestivo de ter havido outra, ou outras mulheres. Hipótese desconstruída pois Eva não teve rivais, já que foi a primeira mulher. Para alcançar esse entendimento, Miller considera a prática, comum da época, de copulação com animais. Foi somente após o aparecimento de Eva que Adão pode experimentar uma nova satisfação. Diante disso, inaugurou-se uma desconstrução da sexualidade, onde Eva ganhou o estatuto diferente do da fêmea. Em suma, a flechada conduziu a uma escolha de objeto.

Considerando as ideias sobre escolha de objeto, Miller aponta que desde o artigo *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, Freud já tratava do amor como repetição. Fundamenta essa afirmação na tese freudiana que estabelece a satisfação primária que o bebê encontra ao sugar o peito da mãe, pela primeira vez, como o protótipo do amor. Dessa feita, perseguiríamos, ao longo da vida, a repetição dessa primeira sensação prazerosa. Para Miller, há nessa definição uma depreciação, pois ela aponta para o gozo, e não para um circuito de amor, pois “amar não é apenas gozar a partir de um objeto” (MILLER, 2010[1989], p.5). No amor, diferentemente do gozo, há um circuito que inclui uma pessoa, a pessoa portadora do objeto. “É o que escrevemos como i(a), uma pessoa com seu caráter imaginário e não puramente objetual. Peito não é pessoa, e gozo não é amor” (MILLER, 2010[1989], p.5).

Para Miller, os artigos de Freud que trabalham com a psicologia da vida amorosa, identificam que existem condições para se amar. Essas condições articulam-se ao que é que ocupa o lugar de causa, numa mesma estrutura, que se produz entre dois significantes. Seriam eles: a mãe e a puta. Na primeira contribuição aparece uma conjunção entre tais significantes; enquanto na segunda, uma disjunção. O autor acrescenta:

A temática da condição de amor já se apresenta no primeiro texto de Freud a partir de duas condições articuladas: a do terceiro prejudicado e a que ele chama de *Dirnenhaftbarkeit*, que pode ser traduzido como a condição da puta” (MILLER, 2010[1989], p.8).

Sendo assim, não existe a possibilidade de se amar qualquer um. A eleição de objeto estaria atrelada a pré-condições, e tomando como modelo o artigo de Freud (1925) sobre o fetiche, Miller sustenta essa tese. Freud, nesse artigo, toma um “brilho no nariz” de uma mulher como o gatilho, a causa, que fez disparar o desejo de um homem. Esse mecanismo é singular e dependente de um jogo significativo. “Isso demonstra a tese lacaniana de que o significante estrutura o desejo” (MILLER, 2010[1989], p.6). A função desse fetiche seria a de velamento, e o que estaria velado, escondido no Outro, seria a castração. Logo, o fetiche freudiano é uma lembrança encobridora. Nas duas primeiras contribuições, a castração aparece pelo negativo, quer dizer, via impotência e não pela via da impossibilidade, que seria sua faceta positiva. Na terceira contribuição, *Tabu da virgindade* (Freud,1910/1976), bem como na *A significação do falo* de Lacan (1958/1998), a castração é reintroduzida na psicologia da vida amorosa situando-se na seguinte questão:

Como reconhecer a mulher, como reconhece-la como mulher? Essas condições se introduzem pelo fato clínico, apresentado por Freud, de que nem todas as mulheres convém ao homem, o que equivale a dizer que não existe o significante da mulher. Assim, as condições de amor para os dois sexos se inscrevem no lugar exato onde não há relação sexual, surgem no

lugar do que seria a relação sexual formalizada, no lugar da relação sexual que não existe" (MILLER, 2010[1989], p.8).

Duas condições articulam-se de saída, a de que haja na cena, um terceiro prejudicado e uma mulher de má reputação. Freud interpreta essa articulação pela via do complexo de Édipo, onde a fantasia de salvador, isto é, de salvar essa mulher da ruína, é o solo desse enredo. A essa fantasia soma-se a supervalorização dada ao objeto, e é Miller, que voltando ao paraíso, apresenta uma outra forma de interpretar essa posição do terceiro prejudicado. Partindo do casal Adão e Eva, sublinha o fato de Eva ter sido apresentada a Adão por Deus, o que permite concluir que essa mulher pertence a Outro. Esse Outro tem direito de posse sobre essa mulher, por isso não é um duplo do sujeito em questão. Ao invés dos ciúmes como causa, é o direito que esse homem exerce sobre essa mulher, seu bem, que funciona como condição. De um lado encontra-se o proprietário legítimo dessa mulher e de outro, a relação ilegítima. Essa leitura aponta para uma "disjunção entre direito e gozo. Nessa configuração, a condição de acesso ao gozo é não ter direito a. Ter direito a uma mulher mata o gozo" (MILLER, 2010[1989], p.10). Essa dinâmica aponta que o direito legal sobre uma mulher desloca o gozo para outro lugar. Para gozar é necessário que a lei seja infringida. É o Outro que interdita, e é o Outro que indica o caminho do gozo. Nessa triangulação entre o sujeito, o Outro e o objeto, o valor está em tomar o objeto do Outro. Valorar, ou seja, supervalorizar ou depreciar, são dois lados da mesma moeda por onde a libido caminha e investe.

Outra disjunção pode ser pensada, entre propriedade e gozo. Miller reflete essa separação a partir de *Dirne*, da puta. Freud interpretou ter sido uma puta, a primeira infiel da história amorosa de um homem, sua mãe, que o traiu com o pai, seu parceiro sexual. Lacan avançou nessa linha e afirmou que toda mulher é difamada e infiel. Diante desse ponto desdobrou a seguinte condição: "[...] que a mulher em questão

não seja toda para o sujeito; é uma versão da exigência de que a mulher não seja toda para poder ser reconhecida como mulher” (MILLER, 2010[1989], p.12). A propriedade dissocia-se do gozo pela separação da ordem significativa. Tudo o que escapa de ser apreendido pelo simbólico é gozo. Logo, as mulheres seriam essencialmente infiéis, já que escapam à captura do simbólico. A mulher é sempre do Outro, essa é a condição, e é isso que dá a ela um reconhecimento. Segundo Freud, “[...] na vida erótica, trata-se sempre da condição do Outro (MILLER, 2010[1989], p.12).

Nessa condição do Outro existem duas vertentes: a mulher de Um e a mulher de Todos. A primeira vertente, da mulher de Um, é a vertente do amor puro, onde ocorre uma disjunção com o gozo, tendo como representante a figura da virgem. Na segunda vertente, a mulher de Todos, a mulher é de qualquer um. Os ciúmes estão presentes nas duas vertentes, e não raro, desembocam para censura moral. Para Miller, na nossa cultura, sendo a Santa ou a Puta, a mulher é eleita por ser a mulher que falta ao homem. Aprofunda essa questão do não-todo e diz:

Significa que a mulher, como tal, é não toda para o Um, que na solidão ela é parceira de seu gozo. Daí os ciúmes são um fato de estrutura. É possível apresentar os ciúmes como consequência da castração. Nesse sentido, o *Penisneid* é uma forma primeira dos ciúmes. Mas a mulher sempre engana o homem a partir da estrutura de seu gozo. E ela o engana de um segundo modo como o Outro do amor, quer dizer, duplica a pessoa do homem pela exigência do amor. Por encontra-la não-toda, o homem tem a tendência a buscar uma segunda, que não complementar a sua noção da posição da mulher. Creio, no entanto, que a condição do não todo constitui algo mais profundo do que a do terceiro prejudicado (MILLER, 2010[1989], p. 14).

Uma outra palestra proferida por Jacques-Alain Miller em Buenos Aires, no ano de 1988, intitulada “Uma conversa sobre o amor”, acrescenta novas considerações à tentativa de decifrar os impasses da vida amorosa entre homens e mulheres. Ele considera que Freud, em suas explanações, esbarrou a todo tempo em impasses, creditados mais ao lado masculino do que ao feminino. O palestrante observa o fato

de existir um ponto de convergência nos três artigos freudianos, que seria a busca de um saber a respeito de como gozar de uma mulher. A chave dessa questão estaria localizada na escolha do objeto feminino a partir do ponto de vista masculino. Existindo sempre uma eleição.

O complexo de Édipo freudiano introduziu a escolha na sexualidade do ser humano, uma vez, que via de regra, indicará o parceiro proibido. Há uma equivalência entre o objeto escolhido e o objeto proibido, quer dizer, escolha e proibição ocorrerão simultaneamente. Com isso, o ser em questão será empurrado para uma outra escolha, a qual nunca o permitirá alcançar a satisfação esperada. É por isso que Lacan disse que a “relação sexual não existe”. E, por sua vez, quando Freud nomeou em seus artigos que existiam condições para amar, apontou para o fato de que o amor também está submetido a regras.

Para Miller, dizer que os seres humanos escolhem seus objetos, equivale a dizer que existem condições de gozo, que por sua vez, determinam a escolha do objeto de amor. O amor sendo a vinculação entre o gozo e o desejo. Pergunta-se: como o gozo freudiano sendo autoerótico transforma-se em aloerótico? Em outras palavras, em termos lacanianos: como seria esse gozo passível de entrar na dimensão do Outro? Seguindo o rastro das três contribuições de Freud, responde essa questão alegando ser a condição de amar apenas um deslocamento da cena primária. Freud disse que o objeto interdito é o objeto de amor, a mãe; enquanto Miller, apoiado na leitura lacaniana, defendeu a tese de que há, na verdade, uma interdição de gozo, pois o gozo primário é com a mãe. Há nessa cartografia, uma metáfora do objeto primordial, e metonímia relativa à constituição de uma série de objetos substitutos. A seu ver, como termos de uma operação de fração, a condição de amor encontra-se num nível inferior, enquanto a escolha de objeto num nível

superior. Pode-se concluir que, para Freud, na vida amorosa só existem substitutos, pois o genuíno, o original estará sempre perdido por ser proibido, e conseqüentemente, esse gozo será interditado.

A operação que Lacan realizou sobre a obra de Freud foi a de reunir duas vertentes, que até então, mantinham-se separadas. Encontrou uma estrutura comum entre o complexo de Édipo, com seu complexo de castração, e a metapsicologia, no que se refere ao funcionamento do princípio do prazer e do princípio da realidade. Fez isso através da metáfora paterna, a qual realiza a operação de substituição da mãe pelo pai. Em outras palavras, o pai como aquele que tem a função de barrar o desejo da mãe. A equivalência metapsicológica corresponde à passagem do princípio do prazer para o princípio da realidade. Ambas operações realizam um deslizamento do campo do gozo para o campo do desejo. Miller crê ser essa uma terceira metáfora, nomeada por metáfora do Outro, na qual o grande Outro aparece sobre o gozo barrado. O autor considera que a base da vida amorosa se funda nessa metáfora, pois “[...] fundada sobre um gozo proibido ao qual não se pode aceder e, no nível superior, o Outro do desejo com sua metonímia infinita” (MILLER, 2010[1988], p.19). No entanto, essa metáfora não suspende os impasses dos encontros entre homens e mulheres, na medida em que “há várias lógicas do vínculo do gozo com o Outro, com o Outro do significante, com o Outro do amor. Porque no nível do gozo como tal, não existe o Outro: no nível do gozo como tal há a Coisa, *das Ding*” (MILLER, 2010[1988], p.19).

Apesar das várias lógicas, Miller acredita ser sempre a partir de uma relação de poder que a relação sexual é decifrada. Uma vez que homens e mulheres não se reconhecem como tais, os signos, as características específicas apontam o parceiro conveniente. Em suma, essa relação baseia-se no modelo mestre-escravo, que visa

suprir a inexistência da relação sexual. Miller evidencia que no estudo de Freud há a equivalência da condição do 'proibido' da vida amorosa feminina com a 'degradação do objeto sexual' da psicologia masculina. A vida amorosa caracteriza-se por impasses que criam as condições e determinam as escolhas de objetos. Essas condições apontam para o fato de que:

[...] há algo na própria pulsão que proíbe a satisfação plena; devemos concluir que, a partir dessa lógica na qual se trata da relação com os outros seres humanos, na qual se trata da mãe, do ponto de vista metapsicológico, a própria pulsão não tem como destino a satisfação plena; que há algo interdito ao nível do próprio gozo. (MILLER, 2010[1988], p.24).

Nessa sua conferência, Miller acrescenta podermos equiparar a barreira do incesto de Freud, onde a mãe é o objeto interditado, com a barreira do gozo da pulsão, referida por Lacan.

Conclui apresentando a tese de que as condições de amor se articulam com o nível do simbólico, do imaginário e do real. No nível do simbólico estão os traços e signos na função de desencadeadores; no nível imaginário, a necessidade da presença de uma imagem, de uma cena; e por fim, no nível do real localiza-se o gozo, a modalidade de gozo.

### **CAPÍTULO 3: Laços Sociais: do Sujeito Moderno ao Sujeito Contemporâneo**

No capítulo anterior dessa dissertação trabalhei com as teses de Freud, de Lacan e de Miller sobre as modalidades do amor entre homens e mulheres que dependem de que o objeto do desejo preencha algumas condições. Essas condições ancoram-se no Complexo de Édipo com seu rochedo intransponível que é a castração. Os sujeitos humanos, quer sejam homens ou mulheres, têm que se haver com esse obstáculo, que aponta para a realidade de serem sujeitos faltosos, incompletos e marcados desde a sua origem pela existência do Outro. Esse Outro fura a ilusão de unidade do indivíduo, na medida em que através da linguagem, o ser, desde sua mais tenra infância, é afetado pela cultura e ou civilização. O humano nasce precoce pois imaturo em relação às suas capacidades de sobreviver sem um Outro, suficientemente capacitado, para dar conta de suas necessidades básicas. Da necessidade cria-se a demanda, que por se encontrar impossibilitada de ser respondida em sua totalidade, cria o desejo. Ao acompanhar as ideias sobre a psicologia da vida amorosa pode-se concluir que essa falta é estrutura, sendo essa a castração original. Na vida psíquica, a castração recai sobre a diferença sexual, ou seja, no inconsciente a castração representa-se pelo o que um sexo difere do outro.

Nesse terceiro e último capítulo, vou abordar como as mudanças na cultura e nos laços sociais podem afetar essa estrutura. Parto do pressuposto freudiano de que o sintoma é uma satisfação substituta encontrada pelo homem civilizado para as renúncias às suas pulsões parciais. Sendo assim, mudanças ocorridas nos referenciais sociais acarretam mudanças nos sintomas psíquicos, já que esses são soluções que o homem busca para equilibrar o dentro e o fora de si. Destacarei o que considero dois grandes marcos que atravessaram os laços sociais da modernidade à

contemporaneidade. O primeiro será a revolução sexual, que preconizou a ideologia da liberdade sexual e igualdade entre os sexos. O segundo marco estará localizado na economia capitalista, que avançou de uma prática de acumulação do capital para uma prática de estímulo ao consumo. No entanto, esses seres livres, iguais e consumistas sofrem. A parceria amorosa de outrora funcionava como reduto de uma ilusão, uma vez que apacava as dores da existência e hoje, não tem servido mais para esse fim.

Minha pretensão é encontrar algo que indique, apesar dos sintomas terem sofrido mudanças e apesar da vacilação dos papéis de homens e mulheres nas parcerias amorosas, se essas mudanças desfizeram a estrutura. Em outras palavras: não seria mais o complexo de Édipo, a castração, que estaria regulando esse mal-entendido nas parcerias?

### **3.1 - O sujeito moderno**

Para estudarmos o sujeito moderno em seus laços sociais utilizarei o artigo de Jacques Lacan, de 1938, “Complexos familiares na formação do indivíduo”. Começarei com uma citação do autor sobre a família, que diz:

A família afigura-se, a princípio, um grupo natural de indivíduos unidos por uma dupla relação biológica: a geração que fornece os componentes do grupo; as condições do meio postuladas pelo desenvolvimento dos jovens e que mantém o grupo, desde que os adultos geradores assegurem sua função” (LACAN, 1938/2003, p.29).

A cultura é resultante de um pacto entre os seres humanos de renunciarem a parcialidade de suas pulsões, em nome de uma vida comunitária, onde a espécie humana possa somar suas forças contra as adversidades da natureza e contra a lei do mais forte. Essa obra coletiva se evidencia nos fenômenos sociais do homem, inclusive na família. Apesar do ser humano ter um funcionamento biológico, as

instâncias culturais o dominam. As estruturas hierárquicas da família, bem como os laços construídos em seu interior, denunciam sua formação moral. A família é uma instituição e sua estrutura é complexa, já que:

[...] os modos de organização dessa autoridade familiar, as leis de sua transmissão, os conceitos de descendência e parentesco que lhe estão ligados, as leis da herança e da sucessão que com ela se combinam, enfim, suas relações íntimas com as leis do casamento – obscurecem as relações psicológicas, embaralhando-as. (LACAN, 1938/2003, p.30).

Toda essa configuração coloca a família na linha de frente, em relação às outras instituições, como transmissora da cultura. Essa transmissão se dá num nível para além da consciência, o que garante uma continuidade entre as gerações, tendo como elo a organização mental. Família e casamento, apesar de serem instituições distintas, entrelaçam-se, demarcando a influência que a segunda exerce sobre a primeira.

Lacan em seu artigo *Os complexos familiares na formação do indivíduo* (1938/2003), estuda profundamente os complexos, e de que forma diferentes dos instintos, desempenham papel de organizadores no desenvolvimento psíquico nas famílias. O primeiro a ser estudado foi o complexo do desmame, relacionado no psiquismo à amamentação. Para o autor, esse complexo é o mais primitivo e não se dissolve com o aparecimento dos complexos posteriores e, sim, os compõe. Lacan ressalta a dominância que os fatores culturais exercem sobre ele desde a origem, já que no homem, diferentemente do que ocorre nos animais, o desmame é condicionado por uma regulação cultural.

O desmame pode ser psicologicamente traumático e, gerar efeitos, como os transtornos alimentares, as drogadições, as doenças gástricas, sintomas evidenciados na clínica psicanalítica. Mesmo não havendo trauma, a marca da interrupção se inscreve e demanda trabalho ao psiquismo. “Pela primeira vez, ao que

parece, uma tensão vital resolve-se numa intenção mental. Através dessa intenção, o desmame é aceito ou recusado” (LACAN, 1938/2003, p.37). A recusa do desmame, instala o ponto do complexo que visa restabelecer a imago perdida. O eu ainda imaturo, porque precoce em seu desenvolvimento, não representa essa experiência tornando-a consciente, tudo se passa ao nível das sensações, as quais se inscrevem no aparelho, presentificando-se e moldando as experiências psíquicas posteriores. Todo esse mecanismo expressa o quanto a criança, em sua mais tenra idade, parece reconhecer, como um fato estrutural, a presença da função materna. A reboque desse romance, sentimentos ambivalentes são experimentados como mal-estar, tendo como causa “uma adaptação insuficiente à ruptura das condições ambientais e de alimentação que compõe o equilíbrio parasitário da vida intra-uterina” (LACAN, 1938/2003, p.39). Apesar disso, Lacan não acredita que o nascimento é um trauma psíquico. É a prematuridade biológica do bebê humano que o coloca num estado de desamparo, que nenhum cuidado materno suprirá. “Assim constituída, a imago do seio materno domina toda a vida do homem” (LACAN, 1938/2003, p.41). Desamparo, mas não abandono, uma vez que o abraço materno, repleto de satisfação, compensa a criança do afeto de angústia, primeiro dos fenômenos afetivos a surgir. Sublimar essa imago é a saída da criança para a socialização e para que novos complexos passem a integrar o psiquismo. Caso contrário, segundo Lacan, esse fato, transforma-se em um fator de morte.

Essa tendência psíquica para a morte, sob a forma original que lhe dá o desmame, revela-se nos suicídios especialíssimos que se caracterizam como ‘não violentos’, ao mesmo tempo que neles se evidencia a forma oral do complexo: a greve de fome da anorexia nervosa, o envenenamento lento de certas toxicomanias pela boca, o regime de fome das neuroses gástricas. A análise desses casos mostra que, em seu abandono à morte, o sujeito procura reencontrar a imago da mãe. (LACAN, 1938/2003, p.41).

Apesar da sublimação da imago do seio materno, o complexo não se dissolve por completo, fazendo com que, a cada nova investida do eu, o desmame seja reeditado. O outro complexo abordado por Lacan (1938/2003) é o complexo de intrusão, que ocorre quando o sujeito se reconhece entre irmãos. Esse reconhecimento está intimamente ligado ao lugar conferido ao sujeito na ordem de nascimento na família. Para Lacan, antes de qualquer conflito, o sujeito ocupará nessa dinastia, ou o lugar de abastado, ou o lugar de usurpador. Disso decorre que, o sentimento de ciúmes entre irmãos antecede à rivalidade, representando uma identificação mental. O confronto de rivais, para o autor, já se evidencia em crianças de 2 e 3 anos, sendo as reações mais frequentes, “de exibição, de sedução e do despotismo” (LACAN, 1938/2003, p.44). São essas três estruturas, que de forma bipolar, habitam cada um dos pequenos sujeitos em jogo nessa cena. Numa coreografia de identificar-se e confundir-se com o outro, os protagonistas têm como saldo uma imago relacionada “à estrutura do corpo próprio e, mais especialmente, de suas funções de relação, por uma certa similitude objetiva” (LACAN, 1938/2003, p.44). A psicanálise aponta uma basculação existente na relação entre irmãos, por duas vias afetivas, ou seja, o amor e a identificação. Lacan aponta o surgimento do ciúme na situação fraterna, estando ligado à amamentação. Nesse momento, a agressividade é secundária à identificação, e embora, a fase sadomasoquista da libido aparecer como tendência nesse período do desenvolvimento psíquico, ela está sustentada “por uma identificação com o outro que é objeto da violência” (LACAN, 1938/2003, p.45), ou seja, a ocorrência desse fenômeno está atrelada a uma certa identificação com o estado do irmão. Essa identificação é o que permite o sujeito consumir-se.

Lacan (1938/2003) denomina essa identificação como estágio do espelho. Fase genética do desenvolvimento psíquico que estrutura a realidade do sujeito, a

partir dos 6 meses de vida. Sua imagem especular refletirá sua forma humana. “A percepção da forma do semelhante como unidade mental está ligada no ser vivo a um nível correlativo de inteligência e sociabilidade” (1938/2003, p.47). Esse fenômeno perceptivo é uma tentativa de organização de partes despedaçadas do corpo, correlativas às pulsões parciais. A consciência tem, em seu centro, a tendência do sujeito de restabelecer a sua própria unidade perdida. Seu percurso mental é marcado pela visão e estruturado pela sua imagem especular. Essa imagem confere ao sujeito sua unidade mental e, concomitantemente, o reconhecimento do ideal da imago do duplo. Portanto, nesse momento do desenvolvimento, o bebê está embebido e inserido num mundo narcísico, onde ainda o outro não está contido. O outro é ativo em todo esse processo, mas não de forma suficiente a romper o isolamento afetivo do sujeito. O outro é percebido como um estrangeiro, isto é, como uma intrusão narcísica. Intrusão necessária, pois, responsável, pela formação do eu. O eu e o outro confundem-se, logo, primordialmente, o eu encontra-se alienado.

Retornando a questão do ciúme, podemos ver como esse sentimento é constituinte do destino do sujeito em direção à sua socialização. Com a entrada de um objeto terceiro, inaugura-se uma situação triangular, que possibilitará a saída do sujeito dessa alienação primordial. O ciúme, nesse sentido, “revela-se o arquétipo dos sentimentos sociais” (LACAN, 1938/2003, p.50). Por um lado, a intrusão, e por outro, como modelo arcaico do eu, o complexo fraterno inscreve seus traços psíquicos, sendo onde e através do semelhante, que tanto o objeto como o eu se realizam.

O terceiro complexo que Lacan aborda, nesse artigo, é o Complexo de Édipo, ponto de partida da clínica das neuroses, através do qual Freud inaugurou o conceito de complexo. Lacan fez uma releitura partindo do fato de que:

[...] Freud apresenta esse elemento psicológico como sendo a forma específica da família humana e lhe subordina todas as variações sociais da família. A ordem metódica aqui proposta, na consideração tanto das estruturas mentais quanto das realidades sociais, conduzirá a uma revisão do complexo que permitirá situar na história a família patriarcal e esclarece melhor a neurose contemporânea. (LACAN, 1938/2003, p.52).

O complexo forma-se pela frustração das pulsões sexuais das crianças, em torno dos 4 anos de idade e, geralmente, dirigem-se ao genitor do mesmo sexo, que vem a funcionar como obstáculo. A repressão educacional tem um papel de relevo, interditando a realização dessas pulsões sexuais. Apesar disso, a criança, através da sua sensibilidade, percebe 'o proibido', bem como os aspectos difusos das relações parentais, o que faz com que o genitor do mesmo sexo se configure numa dupla vertente, ou seja, como agente da interdição sexual e, concomitantemente, como exemplo de sua transgressão. A resultante desse processo é o recalçamento da tendência sexual, que entra em estado de latência, e vem a ser substituída por interesses educacionais, até a chegada da puberdade. O destino da imagem parental é a sublimação, que permanece na consciência como um ideal representativo, o qual regulará, no futuro, o funcionamento psíquico. Instalam-se, dessa feita, duas instâncias no psiquismo: o supereu, a que recalca; e o ideal de eu, a que sublima.

Descobrir que desdobramentos tão importantes para o ser humano como são os da repressão sexual e do sexo psíquico estavam sujeitos à regulação e aos acidentes de um drama psíquico da família era fornecer a mais preciosa contribuição para a antropologia do grupo familiar, especialmente para o estudo das proibições que esse grupo formula universalmente, e que tem por objeto o comércio sexual entre alguns de seus membros. Por isso mesmo, Freud veio rapidamente a formular uma teoria da família. Ela se baseou numa dissimetria, surgida desde as primeiras investigações, na situação dos dois sexos em relação ao Édipo. (LACAN, 1938/2003, p.54).

O modelo masculino foi o mais estudado por Freud, em um percurso que vai do desejo edipiano até sua repressão. Freud nomeou esse processo como complexo de castração, o qual se sustenta na força da fantasia e que tem uma dupla vertente: agressividade e temor em relação ao sexo opositor. O protótipo da fantasia edipiana

é a crença de que o pai tem o poder de castrar o membro do seu filho macho. Freud, ao estudar as culturas primitivas, percebeu que independentemente do nível da consciência moral de uma cultura, que o tabu do incesto tem um caráter universal. Esse foi o gatilho para Freud dar um salto teórico e entender a família conjugal de seus analisantes a partir da família primitiva. Nessa família primitiva, o pai da horda, tudo podia e supondo sua superioridade biológica, dominava todas as mulheres. Para esse pai, Freud imaginou que os filhos unidos conspiraram e executaram seu assassinato e, posteriormente, construíram suas leis. Freud acreditou que desse evento primevo, aliado ao tabu do incesto com a mãe, desdobrou-se toda a tradição moral e cultural. Lacan critica o mito do pai da horda, inicialmente sustentando, que os estudos históricos evidenciam uma extensa sobrevivência de uma estrutura matriarcal de família, rigorosamente repressora em relação à sexualidade, inserida na cultura e que “evidenciam que a ordem da família humana tem fundamentos que escapam à força do macho” (1938/2003, p.55).

Para a psicanálise o complexo de Édipo marca todos os níveis do psiquismo, ocorrendo um amadurecimento progressivo da sexualidade que visa atingir uma organização genital. Na direção tendente ao objeto, o complexo se opera por um conflito triangular, que impõe uma mudança na tendência dos investimentos nos objetos primitivos. Lacan ao analisar os diferentes caminhos que o sexo feminino e o masculino percorrem nessa operação chegou a conclusão ambígua que “de um sexo para o outro, quanto mais a formação do sexo é destacada, mais aleatório parece ser seu papel na adaptação sexual” (1938/2003, p.56). O autor acredita que todo esse processo irá apontar para uma dimensão afetiva profunda do objeto. A passagem dos investimentos em objetos parciais para a objetualização que se dá na fase genital é mensurada pela psicanálise como a normalidade do sujeito, considerando-se uma

relação vital a que opera um investimento na realidade. Lacan denuncia que esse parâmetro confunde provação vital com provação moral. O complexo de Édipo tem uma dupla vertente, sendo o momento da interdição e, também, da sublimação, onde ambas abrem para o homem a dimensão desinteressada. Seus veículos são o supereu e o ideal de eu, que reproduzem a imago paterna em consonância com uma dominação masculina. A fantasia de castração é o sustentáculo da repressão da sexualidade. Lacan oferece uma outra leitura para a fantasia de castração, baseada na prematuração do corpo biológico do infans.

A fantasia de castração é precedida, com efeito, por toda uma série de fantasias de despedaçamento do corpo, que regridem da desarticulação e do desmembramento, passando pela evisceração, pelo desventramento, até a devoração e o sepultamento. (LACAN, 1938/2003, p.58).

Com essa argumentação, Lacan desloca o tempo da fantasia de castração para um momento anterior a qualquer delimitação de um corpo próprio, anterior a qualquer possibilidade de intervenção ameaçadora por parte de um adulto e independente do sexo do sujeito. Nesse deslocamento temporal, a fantasia teria um papel mais determinante do que determinada pela tradição educacional. Sua função seria defensiva, estando a serviço do eu narcísico, diante do abalo proveniente da angústia deflagrada no primeiro momento do Édipo, ou seja, o desmame, a separação da mãe. Lacan conclui que “para definir no plano psicológico essa gênese da repressão, devemos reconhecer na fantasia de castração o jogo imaginário que a condiciona, e na mãe, o objeto que a determina” (1938/2003, p.59). Apesar do supereu já ter recebido traços da realidade na repressão materna, no momento do desmame e do controle dos esfíncteres, é somente no complexo de Édipo que há o atravessamento da sua forma narcísica. Nessa passagem, inaugura-se a sublimação da realidade via a identificação, forma concebida como a resolução do drama edípico, onde a imago

do genitor do mesmo sexo é internalizada, tendo como verificador dessa imago, o supereu e o ideal do eu. Essa identificação é considerada um segundo momento do narcisismo, ou conceituada como narcisismo secundário. Ainda nessa fase há indiferenciação entre o eu e o outro. O eu encontra-se assimilado ao objeto e, a imago com a finalidade de impor-se ao sujeito, justapõe-se ao eu.

Lacan postula uma originalidade na identificação edipiana quando reconhece que o objeto da identificação não é o objeto de desejo, e sim, o que exerce a função de oposição no triângulo edipiano. Isso define e indica que “no complexo de Édipo, não é o momento do desejo que erige o objeto em sua nova realidade, mas sim o da defesa narcísica do sujeito” (LACAN, 1938/2003, p.61). Essa posição de entendimento do objeto como obstáculo ao desejo, aponta para a transgressão sentida como perigosa. No eu, ele é sentido como defesa e triunfo, preenchendo o lugar do duplo, que inicialmente o eu se identificou, numa etapa ainda passível de indiferenciação com o outro. Esse processo de revestimento do objeto fornece o protótipo da sublimação, designada pelo pai na estrutura edipiana. Da imago materna, a herança que a identificação carrega é a das identificações primordiais.

Lacan sublinha que apesar da análise psicológica do Édipo ser compreendida a partir dos antecedentes narcísicos, isso não exclui que ele está fundido na realidade do laço social. Acredita, que a força dos efeitos psíquicos da função do pai, tanto a repressão como a sublimação, são determinadas socialmente pela família patriarcal. Sendo assim, o complexo de Édipo está absolutamente relacionado à estrutura social vigente. A força que a imago paterna é investida provém de um patrimônio cultural, que abarca ideais normativos, estatutos jurídicos e inspirações criadoras. Do individual ao coletivo “o conflito funcional do Édipo, reintegra no processo psicológico a dialética social gerada por esse conflito” (LACAN, 1938/2003, p.63). Lacan insiste

na ideia de que a tradição histórica patriarcal ofusca a força do matriarcado subjacente em toda a cultura antiga. Na dimensão psicanalítica, uma vez que a obrigação primordial está localizada na interdição da mãe, possibilita uma brecha nas fronteiras sociais da autoridade paterna, introduzindo “na repressão um ideal de promessa” (LACAN, 1938/2003, p.64). Pautado em estudos sociológicos das culturas primitivas, datados de épocas anteriores ao nascimento da humanidade, o autor verificou que os mitos evidenciavam a emancipação das tiranias matriarcais. Dessa forma, o ideal patriarcal teria surgido contra a sedução, sem freio, dessas culturas. Dialeticamente, o ideal patriarcal produziu na sociedade uma exigência para os indivíduos e uma universalização dos ideais. A família, em sua estrutura, é afetada por esses ideais, que se presentificam através dos laços de casamento e pela religião, tendo no cristianismo seu grande representante. Surge a família moderna, aliada à igreja, tendo no laço do matrimônio o seu primeiro plano. Com isso, recorta-se o objeto de estudo dos psicanalistas, ou seja, os laços do sujeito moderno com a família conjugal. Para Lacan, na família conjugal encontram-se três condições para que ela se realize e todas atreladas à autoridade paterna. A primeira evidencia a instalação da ordem geracional, uma vez que ela atinge um alcance subversivo criador. A segunda relaciona-se ao caráter transmitido pela operação do ideal do eu, e a terceira, diz respeito à vida sexual, que expressa a tensão da libido e a importância da sublimação.

E por materializar da maneira mais humana o conflito do homem com sua angústia mais arcaica, é por lhe oferecer o mais leal campo fechado em que ele pode bater-se com as figuras mais profundas de seu destino, é por colocar ao alcance de sua existência individual a vitória mais completa sobre sua servidão original, que o complexo da família conjugal cria os sucessos superiores do caráter, da felicidade e da criação” (LACAN, 1938/2003, p.66).

É no período de latência, a partir dos confrontos sociais dessa fase, que o racional do indivíduo se forma com maior eficiência. Essa formação racional está

intimamente ligada à experiência familiar, devido às suas possibilidades de diversificações provenientes das realidades inconscientes internalizadas. Fato esse, que atesta um ultrapassamento por parte do poder da família, de qualquer prática pedagógica. Com os avanços sociais ocorreram afrouxamentos nos laços sociais, o que desembocou num declínio social da imago paterna. Essa foi uma crise psicológica que propiciou o surgimento da psicanálise, através da possibilidade de Freud ter identificado nas neuroses de sua época, a dependência das condições familiares.

Essas neuroses, desde o tempo das primeiras adivinhações freudianas, pareciam ter evoluído no sentido de um complexo caracterológico no qual, tanto pela especificidade de sua forma quanto por sua generalização – ele é o núcleo da maioria das neuroses – podemos reconhecer a grande neurose contemporânea. Nossa experiência leva-nos a apontar sua determinação principal na personalidade do pai, sempre de algum modo carente, ausente, humilhada, dividida ou postiça. É essa carência que, de acordo com nossa concepção do Édipo, vem estancar tanto o ímpeto instintivo quanto a dialética das sublimações. Qual madrinhos sinistras instaladas no berço do neurótico, a impotência e a utopia aprisionam sua ambição, seja porque ele sufoca em si as criações esperadas pelo mundo em que nasce, seja porque, no objeto que propõe para sua revolta, ele desconhece seu próprio movimento (LACAN, 1938/2003, p.67).

Lacan avança nesse artigo em direção ao estudo dos complexos familiares na patologia. Ao falar da psicose, apresenta-nos a ideia de que é na operação edipiana, no momento em que o objeto se apresenta, nesse caso, o objeto se reproduz com uma estranheza inefável, enigmática e, com isso, desconstrói a defesa, ainda superficial, com a qual o sujeito velava o narcisismo de sua relação com a realidade. Nesse processo, o eu tende a não se discriminar dos complexos familiares, tendo como consequência a formação dos delírios. Nos casos de neurose, os complexos familiares manifestam-se diferentemente, pois neles, os sintomas manifestam somente uma relação contingente com um objeto familiar, e a função dos complexos é causal. Freud identificou a origem dos sintomas ancorada ou pela via da fantasia, ou pela realidade de um abuso sexual sofrido pela criança por parte do adulto, de

onde se desdobraria o trauma. Apesar dessa noção de trauma implicar o risco de uma desordem na vida sexual futura, ela também insere a noção de estrutura, ou seja, a tendência desses complexos formarem a organização normal da família a partir do oferecimento dos seus primeiros objetos a serem investidos.

[...] nenhum fato precipita mais essa formação do que o nascimento de um irmão, que exalta, por seu enigma, a curiosidade da criança, reativando as emoções primordiais de seu apego à mãe, pelos sinais de sua gravidez e pelo espetáculo dos cuidados que ela presta ao recém-nascido, e por fim cristalizando, na presença do pai junto dela, o que a criança adivinha do mistério da sexualidade, o que ela sente por seus impulsos precoces e o que teme pelas ameaças que lhe proibem sua satisfação masturbatória. Tal é, pelo menos definida por seu grupo e por seu momento, a constelação familiar que para Freud forma o COMPLEXO NODAL DAS NEUROSES. Ele extraiu daí o complexo de Édipo” (LACAN, 1938/2003, p.76).

O sintoma no sujeito neurótico denuncia sua divisão, na medida em que esse sujeito não se reconhece. Freud descobriu que através da análise do sintoma, o sujeito, gradativamente, apropriava-se do conhecimento de si e com isso fazia com que as manifestações sintomáticas se diluíssem. O eixo consciência da origem, dando a direção da cura, acenou como promissora, até que um fenômeno nomeado por resistência se impôs e dificultou essa elucidação. A compreensão do processo da formação do sintoma redirecionou-se, deslocando-se da função de expressão do inconsciente, para uma função de defesa contra a angústia. Freud localizou essa angústia, sendo o sinal da separação primordial e, que reeditaria o perigo de castração. O sintoma aparece como defesa para o sujeito diante da realidade, que se constrói através da via simbólica ou pela via da sublimação. Essa nova visão da função do sintoma passou a ser considerada estrutural, na qual reconheceu-se o nascimento como o momento da separação primordial.

Com efeito, é a partir de uma identificação com seu semelhante que, através da participação ciosa e da concorrência simpática, o eu se diferencia, num progresso comum, do outro e do objeto. A realidade inaugurada por esse jogo dialético preserva a deformação estrutural do drama existencial que a

condiciona e que podemos chamar de drama do indivíduo, com ênfase que esse termo recebe da prematuração da espécie.

Mas essa estrutura só se diferencia plenamente ali onde reconhecemos de início, no conflito da sexualidade infantil, o que é concebível pelo fato de que só então ela cumpre sua função quanto à espécie: assegurar a correção psíquica da prematuração sexual— o supereu pelo recalque do objeto biologicamente inadequado que é proposto ao desejo, por sua maturação primária, e o ideal do eu pela identificação imaginária que orientará a escolha para o objeto biologicamente adequado na maturação puberal. (LACAN, 1938/2003, p. 78-79).

A partir de então, de uma nostalgia da mãe, o sujeito ruma para a idade da razão, alcançando autonomia e inserindo-se afetivamente na realidade através da integração da sua sexualidade. A família tem um papel na origem das neuroses, o qual se encontra relacionado aos efeitos do complexo de Édipo, tanto no que diz respeito ao acabamento estrutural do eu, oriundo do progresso narcísico, quanto das imagens que ele introduz nessa estrutura.

A regulação desses efeitos concentra-se no complexo, à medida que se racionalizam as formas de comunhão social em nossa cultura, numa racionalização que ele determina reciprocamente ao humanizar o ideal do eu. Por outro lado, o desregramento desses efeitos aparece em razão das exigências crescentes que são impostas ao eu por essa mesma cultura quanto à coerência e ao impulso criador” (LACAN, 1938/2003, p.79).

Quanto mais a civilização progride socialmente, mais a família configura-se numa estrutura conjugal e, mais a regulação dessa família fica submetida aos caprichos individuais. Lacan postula dois tipos de neuroses que se estruturam a partir dessas vicissitudes. A primeira é a neurose de transferência, diagnosticada “por um recalque incompleto do desejo pela mãe, com uma reativação da angústia e da investigação inerentes à relação do nascimento” (LACAN, 1938/2003, p.80). O segundo tipo, a neurose de caráter, define-se “por um abastardamento narcísico da idealização do pai, que faz ressaltar, na identificação edipiana, a ambivalência agressiva imanente à relação primordial com o semelhante” (LACAN, 1938/2003, p.80).

Nas neuroses de transferência, a incidência dos efeitos do complexo de Édipo no progresso narcísico determina o tipo de solução neurótica diante da angústia deflagrada pelas vicissitudes das pulsões. O recalque divide o sujeito e o retorno do recalcado visa a unidade perdida do eu. O sintoma representa essa dupla vertente, a da falta e a do esforço de unificação. Para Freud, a neurose, com sua solução sintomática, é o grande esforço do sujeito dividido de lutar contra a angústia. Em suma, de início o sujeito encontra-se despedaçado e move-se no sentido de integrar seu eu através de uma progressão narcísica. Essa progressão sofre efeito de trauma devido às incidências edípicas e, o eu, no esforço pela unificação, constrói o sintoma visando se livrar da angústia, revelando, desse modo, o tipo de neurose que se estrutura.

As neuroses de caráter transparecem uma implicação entre suas manifestações e a estrutura familiar, no que concerne ao papel dos objetos parentais na formação do ideal do eu e do supereu. Teríamos um desequilíbrio dessa instância, que é condição estrutural do sujeito gerando uma variação que Lacan nomeou de fórmula pessoal do sujeito, na qual fica expresso um comprometimento na relação do imaginário com a realidade da pessoa.

Ao nos debruçarmos sobre o estudo do complexo de Édipo, podemos ter o alcance do quanto há uma especificidade psicológica nas relações entre os pais. Quanto ao papel do pai, Lacan sublinha sua dupla função, ou seja, a da autoridade e, a de ser o centro da revelação sexual e, nos diz:

[...] foi com a própria ambiguidade de sua imago, encarnação da repressão e catalisadora de um acesso essencial à realidade, que relacionamos o duplo progresso típico de uma cultura, de um certo temperamento do supereu e de uma orientação eminentemente evolutiva da personalidade” (LACAN, 1938/2003, p.84-85).

O supereu e o ideal de eu de uma criança são formados, não necessariamente, conforme o eu dos pais, mas sim, pelas intenções que lhe chegam via o afeto. Com isso, Lacan (1938/2003) conclui ao final do artigo, que a neurose parental tem um papel determinante na neurose, o que se evidencia na clínica analítica. Os conflitos e tensões subjacentes ao complexo de Édipo definem os mecanismos psicológicos e, conseqüentemente, o destino da neurose. Lacan sublinha que os conflitos nas relações do filho com o pai traduzem a oposição das gerações e são o testemunho da própria dialética da tradição do tipo patriarcal. Acrescenta que os excessos de dominação paterna se desdobram num supereu excessivo, o que pode se tornar ainda mais patogênico caso recebam o reforço da tirania da estrutura matriarcal, que traz a reboque como aliados, os ideais religiosos e seus equivalentes sociais.

A forma como o desmame, a intrusão e o complexo de Édipo são vividos vão cartografando o psiquismo do sujeito, a partir dos cortes operados na ilusão de completude narcísica, que vai da intromissão do outro vivida como inimigo, estranho e intruso até a sublimação da sexualidade no complexo de Édipo. Surge o sujeito da cultura na modernidade. Mas o que acontece quando esses operadores, que amarravam os registros reguladores dos laços sociais vacilam e afrouxam? Se a metáfora paterna não regula mais os vínculos familiares, qual o sujeito que emergiu dessa nova cultura na contemporaneidade?

### **3.2 - O sujeito contemporâneo**

Iniciarei as reflexões sobre os sintomas contemporâneos à luz do declínio da metáfora paterna, tendo como base o livro *Sinthoma: Corpo e Laço Social*, da psicanalista Tania Coelho dos Santos. As ideias desenvolvidas nesse livro referem-se

aos seminários ministrados pela autora no Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica/ IP/ UFRJ, no primeiro semestre de 2005.

Coelho dos Santos baseia seu estudo na clínica, tendo como referência o último ensino de Lacan, no qual a identificação é retomada como tema central. O foco é dado a angústia, considerada como a bússola do analista contemporâneo. A ideia de que a base da identificação do sujeito é proveniente do campo do Outro, dá ao sintoma a função de velar o vazio decorrente da impossibilidade de encontro com o objeto de gozo, por ser esse objeto sempre faltante.

Nesses seminários, Coelho dos Santos orientou-se pela releitura da obra de Lacan feita pelo psicanalista Jacques- Alain Miller. Nessa releitura, Miller sublinha as últimas proposições, as que julgou mais inovadoras e as toma como referencial, visando lançar luz sobre toda a obra lacaniana, com fins de torná-la um corpo teórico sólido. Em um de seus últimos seminários, Lacan abordava o tema sobre “O *SINTHOMA*”. Com sua morte, esse estudo interrompeu-se, tendo ficado inacabado, e coube aos seus seguidores elegerem uma chave de leitura como orientação. Coelho dos Santos, em sua aula de 09/03/2005, recorta sua chave da seguinte forma:

Lacan, leitor de Freud, bem como outros autores, são para nós um instrumento de trabalho para responder à seguinte questão: o que a psicanálise precisa atualizar hoje, em seus conceitos, no seu discurso que é sua prática, para enfrentar as transformações da civilização desde a modernidade até a contemporaneidade? Sabemos que essas transformações afetam a maneira dos sujeitos existirem em sociedade, organizarem seus laços sociais, constituírem uma família, viverem a sua sexualidade, e trabalharem. Implicam uma série de aspectos da vida contemporânea. O que constatamos cotidianamente é que o estado atual do sujeito e da cultura é bastante diferente daquele que levou Freud a suspeitar da existência do inconsciente e formalizar por meio dele uma teoria e uma prática. O tratamento da questão do inconsciente, desse ponto transindividual onde o sujeito e a cultura se articulam não é atemporal, e precisa permanentemente ser reatualizado. É notório que a civilização mudou e é notório que o sujeito mudou (COELHO, S., 2006[2005], p.16)

Esse depoimento atesta a escolha da autora, pelo estudo que Lacan realizou em sua obra sobre a relação do sujeito com a cultura, acreditando que Lacan atualizou

a herança freudiana no que se refere à função paterna e às identificações no laço com a civilização. Com isso, coube à Lacan a autoria de ter reintroduzido o Nome-do-Pai no âmbito da ciência, pois acreditava serem esses aspectos essenciais para se pensar o homem na modernidade. Em seu artigo “Ciência e Verdade”, postulou que “o sujeito sobre o qual a psicanálise opera é o sujeito da ciência” (LACAN, 1965-1966/1998, p.873), onde articulou sujeito, ciência e cultura e estudou os efeitos dessa articulação na subjetividade.

É esse o ponto que nos orienta no sentido de fazer um recorte preciso de como Lacan retoma o legado freudiano. Ele repensa o laço do indivíduo com a cultura, com a civilização, a partir de uma problemática inédita, a da relação sujeito- ciência-cultura, redimensionando o conceito de pai edípico (COELHO, S., 2006[2005], p.17).

A cultura avançou numa direção de quantificação, onde normas oriundas de médias estatísticas passaram a organizar o laço social. O utilitarismo passou a governar os problemas sociais, políticos e subjetivos, num eixo do custo e benefício. Proliferaram-se teorias e técnicas psicológicas nesse mesmo vetor, tendo na base a crença de que o mal-estar do humano, ou seja, a angústia, pode ser quantificada e eliminada. Opondo-se a essa crença, existe um outro pilar da psicanálise que considera que:

[...] a angústia é constituinte do sujeito. O mal estar em viver aumenta se tentarmos eliminá-lo. O sintoma é a resposta singular do sujeito ao aspecto mais essencial da sexualidade humana: não há programação, proporção, relação que assegure a satisfação (COELHO, S., 2006[2005], p.19).

Esse sujeito sem qualidades, sem origem, sem tradição, enfim, foracluído, é o sujeito hipotético produzido pelos efeitos do advento da ciência. Todavia, o que teria ocorrido dando fim a modernidade e instalando a contemporaneidade? Segundo Coelho dos Santos, o movimento de 1968 teria operado um corte, uma ruptura

intracientífica, gerando uma hiância entre o sujeito da modernidade freudiana e o sujeito contemporâneo. Um dos acontecimentos marcantes e decisivos foi a Declaração dos Direitos do Homem, pois “nivelou os sexos e as gerações perante o Real” (COELHO, S., 2006[2005], p.19). Com a preconização dessas igualdades de condições, ocorreu uma negação das diferenças, que afetaram a família no que se referia à sua função de ordenação e amarração dos vínculos entre seus indivíduos. Nessa mudança a família ficou reduzida a uma célula mínima, onde o sujeito moderno encontra-se deslocalizado. Surgiu, então, o sujeito da ciência, sobre o qual a psicanálise operará, e que está instalado em duas formas de convivência: no regime da família nuclear; e no regime da universalidade do cidadão. Essa universalização do cidadão confronta-se com o complexo de Édipo, no qual o inconsciente pulsional está representado nas funções e nos laços familiares. Portanto, o sujeito do Édipo não é igual a todos os outros. Sua singularidade é dada a partir dos encontros e desencontros sexual de um homem e de uma mulher. Essa operação inscreve-se em cada um desde a mais tenra infância, marcando as identificações.

A liberação sexual e a emancipação da mulher, efeitos de maio de 1968, trouxeram a reboque transformações na relação da sexualidade com a lei da aliança familiar. Pode-se verificar um afrouxamento nos laços de parentesco, onde a máxima “é proibido proibir” passou a permear esses vínculos, fazendo vacilar a autoridade paterna, e incrementando a crença numa possível relação igualitária entre as crianças e seus pais. A família da modernidade freudiana estruturava-se de forma vertical, onde a hierarquia definia os sujeitos a partir do sexo e da geração. A suspensão dessa hierarquia, que delimitava o lugar de cada um na cena familiar, impossibilita pensar o complexo de Édipo como estrutura, na medida em que seu pressuposto básico é a dissimetria. Os abalos desses eixos, da diferença sexual e da diferença de gerações,

é o efeito dessa tentativa de universalização, de homogeneização, da consideração de ser politicamente incorreto proibir, que a cultura passou a ser banhada pós 1968, fazendo com que a figura paterna declinasse de seu lugar de autoridade.

Para Freud a identificação mais remota é o laço da criança com o pai. Portanto, o pai é o significante em nome do qual cada um fala. Lacan dirá que é o pai quem confere peso sexual às palavras. Cabe ao pai fazer esse laço entre a linguagem privada da família e a linguagem pública. Ele é, autenticamente, o suporte do sintoma. Ele organiza o laço social, a articulação entre o fora e o dentro. A decifração do sintoma na época de Freud dependia, por essa razão da extração das identificações do complexo paterno. O pai era o coração do sintoma com seus traços e suas características. Lacan diz que ele é esse agente duplo porque ao mesmo tempo em que ele representa a linguagem pública, ele penetra no mais privado do domínio da subjetividade de cada um. A palavra *sinthoma* (sem th) se vincula, se ancora inteiramente nessa função do pai de ser, no interior da família, aquele que transporta para dentro o mundo lá de fora. Ele é o sintoma, ele é o equívoco, ele é aquele que com seus traços organiza a relação entre interno e externo (COELHO, S., 2006[2005], p.21).

Diante disso, pode-se concluir, que é justamente a hierarquia geracional e a diferença entre os sexos que contextualizam e validam esse discurso entre o pai e sua função. A igualdade, a indiferenciação entre os lugares ocupados por cada membro da família gera um laço mais problemático, pois há um descolamento do exercício da função paterna da reprodução propriamente dita, e um desmapeamento onde o indivíduo confuso, não encontra a referência significante em nome da qual fala. Retomando o axioma lacaniano que prega que “o sujeito sobre o qual a psicanálise opera é o sujeito da ciência”, pode-se inferir a partir das ideias de Freud, que esse sujeito renuncia e recalca, forcluindo o sujeito e o gozo. Assim postulou a Declaração dos Direitos Humanos. E o sujeito contemporâneo, desbussolado pois comandado pelo gozo, qual seria seu lugar? Coelho dos Santos afirma ser esse um sujeito não marcado pelo recalque, não marcado pela renúncia e não marcado pelo superego freudiano. Esse sujeito parte do princípio de ter sido lesado e se autoriza ter acesso ao gozo, escapando da regulação a que o sujeito da ciência está submetido. Coelho dos Santos vai além e diz: “[...] o que é interessante é o laço deste ‘sem caráter’ com

o terceiro tipo de caráter que Freud delimita que é o tipo das exceções, o tipo que se acha no direito de ser tratado como exceção” COELHO, S., 2006[2005], p.33).

A família horizontal contemporânea tem como característica uma abdicação da tarefa dos pais em exercerem a função de dar limites aos filhos. Atualmente, limitar não é cuidar, e sim, cercear a liberdade individual do pequeno promissor. Aliado à essa conduta, pode-se identificar uma transferência para a criança da tarefa de por si só descobrir, no seu tempo, sempre respeitado pelos pais, os seus próprios limites. Portanto, pode-se inferir que houve uma terceirização da função paterna, pois apesar de reconhecida como importante, não são mais os pais que a exercem. Essa configuração e seus efeitos diferem muito da família freudiana, onde a função do pai sempre foi a de transmitir a castração. A castração, não como uma amputação, mas como uma configuração que vem a estabelecer a lei do desejo e com ela, a emergência de um sujeito dos direitos e dos deveres. Dessa feita, pode-se levantar a hipótese de que a família contemporânea, harmonicamente inserida nos laços sociais, dirige-se para um estancamento da função de transmissora da castração, e conseqüentemente, transmissora do desejo. “Quando se diz que é proibido proibir, se denega a autoridade. Não é que ela seja inexistente, ela existe sob a forma da denegação. Existe, mas ilegítimada” (COELHO, S., 2006[2005], p.37).

Todas essas mudanças afetaram os alicerces das estruturas clínicas formalizadas na época de Freud, que se sustentavam na ênfase dada à função paterna e ao complexo edipiano. A contribuição teórica que Lacan trouxe foi a de ter criado o conceito do Nome-do-Pai, que elevou o pai edipiano à dimensão de metáfora paterna. Ambos localizaram na hegemonia da função paterna a referência estrutural do sujeito. “É com ela que o sujeito se ordena, se constitui, se identifica, se organiza e, com isso, organiza seu corpo e o laço social” (COELHO, S., 2006[2005], p.54).

Nessa operação de metaforização, Lacan introduziu a função paterna no campo da linguagem. O foco de Freud era no pai de família atrelado às funções exercidas no campo social e como matriz das identificações. Lacan dá um salto a mais, pois ao alcançar o campo da linguagem, postula ser a função paterna a responsável por conferir o peso sexual às palavras, amarrando os significantes de forma a se organizarem para o sujeito. Esse sujeito, ancorado na linguagem ordenada, é o sujeito que funciona socialmente. Coelho dos Santos levanta a questão de “até onde a metáfora paterna é potente e até onde ela é carente para um sujeito” (2006[2005], pg. 55). Responde que “o pai é, por definição insuficiente para lastrear a linguagem para qualquer sujeito” (2006[2005], pg. 55). A ideia de que a função paterna é insuficiente, parte do pressuposto do pai ser castrado, de ser limitado para dar conta de um campo tão vasto como o da linguagem. Essa limitação é estrutura.

O advento da ciência fez ruir a hegemonia da religião e da crença no Deus absoluto, ou seja, no poder monárquico da religião. Na antiguidade não havia delimitação entre a esfera pública e a esfera privada, era o discurso religioso que dominava todos os campos. Com a chegada da ciência ocorreu um deslocamento do lugar de Deus, reservado a partir de então, ao domínio do privado. Essa manobra trouxe como efeito o declínio da potência do Nome-do-Pai.

A modernidade é leiga, portanto, os representantes no poder não se autorizam da palavra de Deus, não têm a garantia de portarem uma verdade que seja oracular plena. Eles não têm autoridade simbólica. Assim, os representantes paternos surgidos depois da modernidade estão marcados pela impotência. Dizer que o pai é carente é dizer que o pai é moderno. O pai da modernidade é, por definição, alguém que não está à altura da sua função. Ele é um funcionário do poder e não a encarnação de Deus na Terra como era o pai de família durante a Idade Média. Sua palavra já não porta uma verdade oracular, não funda a verdade. Sua palavra está sujeita à discussão. Tanto pode ser aceita quanto contestada (COELHO, S., 2006[2005], p.56).

A ciência deslocou a potência do poder da palavra como verdade, uma vez que passou a poder ser sempre refutada. O significante não é mais transmitido como uma

verdade oracular, pois ocorreu um esvaziamento da função paterna, ou seja, daquilo que faz a verdade valer como tal, sem confronto com outras verdades. Freud, em suas explanações, percebe que o discurso inconsciente sustenta o Nome-do-Pai como ordenador e fundador da verdade. O complexo de Édipo foi o mito que permitiu o pai retornar ao lugar divino, embora a ciência não permita que seus poderes avancem além do âmbito familiar, pois limita sua palavra através desse novo regime científico. Esse quadro redimensiona a configuração da civilização, uma vez que os saberes vieram substituir a metáfora paterna na posição de agente alterando o funcionamento da máquina social. Coelho dos Santos, partindo do matema dos 4 discursos de Lacan, coloca a questão:

O que significa colocar o saber em posição de agente? Contrariamente ao discurso do Mestre, significa colocar no lugar do agente uma palavra que não funda uma palavra que funciona muito mais como um conhecimento, como um modo de exercício de poder que visa regular o gozo (COELHO, S., 2006[2005]. P.58).

Na medida em que os saberes proliferam numa sequência em que as contradições entre as verdades é mantida, cria-se um estado permanente de desmentido. Subjetivamente, o sujeito contemporâneo encontra-se dividido, sempre em possível estado de transformação, pulando de identificação a identificação, um exímio caçador do mais-de-gozar. Esse sujeito apresenta uma precariedade identificatória e um imperativo a gozar. Quando é o saber que está na posição de agente, o exercício do poder é mascarado pela persuasão, a qual disfarça a coerção. Esse velamento do significante mestre na posição de agente é responsável por produzir a sensação de impotência do poder. Os conselhos ganharam terreno como novas formas de orientação. Ninguém manda; aconselha. Ao sujeito é vendida a ilusão de que ele tem liberdade de escolha, mas, curiosamente, essa permissão não coloca o sujeito mais capacitado a fazer escolhas. A impressão que fica é a de que

quando a dimensão imperativa da linguagem desaparece, que o sujeito deriva e não reconhece seu desejo como pilar da sua verdade. “Segue de identificação em identificação completamente alienado em relação ao que efetivamente o determina, ao o que efetivamente causa o seu desejo” (COELHO, S., 2006[2005], p.59). E, conclui-se que: “em compensação esse regime discursivo tem como consequência o que dizemos hoje sobre a subjetividade e a contemporaneidade: o que parece estar no lugar do agente é o objeto da pulsão” (COELHO, S., 2006[2005], p.60).

A consequência dessa inversão, isto é, os objetos pulsionais orientarem e determinarem os sujeitos, é que numa sociedade capitalista, os objetos de consumo proliferarão cada vez mais intensamente, visando tomar o lugar do saber. Dessa forma, a existência do sujeito passou a ser lastreada pelo objeto a como agente. Coelho dos Santos identifica na psicanálise, a difusão de um saber que conduziu os pais a abdicarem dos compromissos, das obrigações, das funções que lhe cabiam, passando a sublinhar e evidenciar, cada vez mais, suas condições afetivas e emocionais. Com isso, a psicanálise conduziu as pessoas a não possuírem mais o significante mestre em posição de agente como referência do pensar.

Em 1970, Lacan dizia que o saldo do movimento de maio de 1968 – ou seja, da emancipação das mulheres, do fim da diferença sexual, da queda da diferença sexual – era ‘sem sujeito’. Ultraje a rigor se não tenho o contra quem me rebelar também não tenho onde sustentar subjetividade, singularidade alguma” (COELHO, S., 2006, p.63).

O sujeito contemporâneo não é mais o sujeito do recalque, o sujeito do inconsciente, do pré-1968. É um sujeito regulado pelo saber, isto é, o poder é o saber em posição de agente. Esse sujeito é um consumista, no entanto, não funciona mais como o capitalista do século XIX, o qual visava o acúmulo do capital. Nessa época, o recalque operava e o sujeito se projetava num futuro, ou seja, o pai de família freudiano ordenava os laços familiares e acumulava o capital pensando nas gerações

posteriores. Essa subjetividade contemporânea, passou a exigir uma modulação nas categorias clínicas existentes, como as neuroses, psicoses e perversões. “A verdade dos novos sintomas é a sociedade de consumo” (COELHO, S., 2006[2005], p.65). O eixo alterado, no sentido da horizontalidade dos laços de família, serve à sociedade de consumo. As crianças são as maiores consumidoras, efeito da conexão com a televisão; e as mulheres, ao adquirirem maior poder aquisitivo obtiveram mais poder de consumo. Esse sujeito instalou-se numa posição passiva de consumidor na sociedade. Nessa modulação dos sintomas antigos para os novos sintomas, pode-se identificar que o pano de fundo presente “é um sujeito que se priva ou é um sujeito que abusa” (COELHO, S., 2006[2005], p.66). É o regime pulsional que passa a contar para a avaliação clínica. A posição do sujeito, a ordem simbólica da sua estrutura não importa. Portanto, ocorreu um deslizamento dos diagnósticos de fobias, conversões históricas e obsessões, para quadros digestivos, como anorexia e bulimia, drogadições, compulsões e inibições.

A máquina freudiana do sujeito – baseada no recalque das pulsões e na promoção da noção de inconsciente – tinha como pano de fundo o primeiro capitalismo baseado na produção e na acumulação e, portanto no recalque. O supereu freudiano é aquele que diz: ‘Não goza! Acumula, guarda e transfere!’. Há uma dívida enorme do supereu freudiano com a função do pai como o pai de família. Ele era o elemento de regulação dentro da família elemento que garantia que o regime das pulsões se submetesse ao imperativo de renúncia. A máquina edipiana serve para explicar como o pai obtém esse efeito. Ele priva a mãe do gozo da criança. Em seguida, transporta o gozo perdido pelo recalque para a máquina simbólica, ou seja, permite que haja substituição dos objetos de gozo. O pai era uma grande máquina de metaforizar o gozo. No início, a mãe goza da criança e a criança goza da mãe. O pai entra aí e produz um novo circuito. Essencialmente, a função do pai articula o imperativo de renúncia e, ao mesmo tempo, o imperativo da substituição. Você não pode gozar da sua mãe. Isso significa que pode gozar de tudo aquilo que não é proibido. Interdição, proibição e direito a um outro gozo são equivalentes. É esse o pano de fundo do sujeito do inconsciente freudiano. Tenho o direito de gozar de tudo que não é proibido. Se não é proibido, então é permitido” (COELHO, S., 2006[2005], p.66-67).

No contemporâneo, a relação da família com o capitalismo promoveu um afrouxamento nas relações do significante mestre, equivale a dizer, que nessa família

igualitária, onde no plano discursivo todos se pretendem indivíduos, o lugar, a função, a posição que cada um ocupa deixou de ser significativo. O poder passou a ser exercido, frequentemente, pela persuasão. Vale registrar que o apagamento da exceção oriunda da política igualitária, não capacitou o sujeito para fazer opções, contrariamente, o que aparece é uma incapacidade de usufruir devido à impossibilidade de renunciar. O menos não significa mais. Toda escolha implica em perda, em renúncia. A interdição dos laços pulsionais com a mãe, não são claramente proibidos como na modernidade, devido a uma indiferenciação entre o exercício da função materna e da função paterna. A consequência dessa indiscriminação é a potencialização da função materna, o que faz com que o sujeito passe a ser atendido nas suas demandas pulsionais. Diante disso, o que resta para esse sujeito renunciar? As depressões e as inibições, crescentes na contemporaneidade, atestam esse mecanismo, onde o desejo não surge via a impossibilidade, via a uma contraposição. A regulação via pulsão difere da regulação via supereu e identificações secundárias. O pai tem como função barrar o gozo incestuoso, que é um gozo que a pulsão persegue obstinadamente, imperativamente. “E Freud é muito claro quanto a isso. Ele diz que a diferença sexual serve para isso, que a sexualidade é uma maneira de contornar o destino da pulsão e Lacan chama a pulsão de morte de desejo da mãe” (COELHO, S., 2006[2005], p.69). Uma vez que a função do pai é barrar o gozo, concluímos que o pai não dá conta de exercer essa função, e atualmente menos ainda, já que diante da permissão generalizada, onde é proibido proibir, fica difícil emergir o sujeito do desejo. Lacan (1938/2003), no seu artigo *Complexos familiares* apresenta a hiância que existe entre a função do significante pai e a função do pai de família. Foi através da fase especular do bebê, que ele postulou o protótipo da identificação imaginária a partir da imago paterna.

Lacan supõe que essa matiz, tenha efeitos na subjetividade, efeitos de transmissão da castração na medida em que a criança experimenta, vive a discordância entre o seu eu incompletamente constituído e a imagem completa do outro. Ali, no regime da relação especular intersubjetiva, Lacan já pensa o germe por onde se transmite a castração: a identificação já transmite a castração” (COELHO, S., 2006[2005], p.73).

Essa teoria do estágio do espelho é apresentada em três versões. Na última formulação, fica mais claro que o bebê se vê na imagem, mas, é só a partir do olhar do Outro, e da resposta do Outro, que o sujeito em vias de se constituir como imagem no espelho, recebe do Outro sua autentificação e uma medida do seu valor. Portanto, a função do Outro na identificação é dupla: como imagem; e como palavra. Há nesse momento, um deslizamento de eu ideal para o ideal do eu, e é nessa distinção que se evidencia a diferença entre o Nome-do-Pai como metáfora e a imagem paterna.

Coelho dos Santos acredita que, nesse momento da formulação da teoria lacaniana, o conceito de real ainda se encontrava indiferenciado do conceito de realidade. Para ele, o campo do imaginário era o campo que fazia obstáculo à simbolização por portar o real do gozo. Em suma, o imaginário contrapunha-se à relação do sujeito com seu ideal. Ao introduzir a dimensão do real, Lacan abandonou a ideia de pensar as pulsões a partir do campo das satisfações imaginárias, e passou a privilegiar pensá-las pela via do objeto perdido, isto é, pela via do objeto causa de desejo. “Eu penso então que essa fórmula do sujeito dividido entre eu ideal e ideal do eu vai ser substituída pela fórmula do fantasma” (COELHO, S., 2006[2005], p.75). A partir do seminário 11, Lacan dá uma virada teórica, e passa a teorizar que o inconsciente estaria situado na relação do simbólico com o real, e não mais, na relação do simbólico com o imaginário. Essa vertente possibilitou pensar o simbólico na seguinte articulação:

Numa relação direta com o real, com o corpo, ou seja, o que há em comum entre o significante e a zona erógena é uma estrutura de abre e fecha. O inconsciente se estrutura como uma linguagem, uma estrutura de abre e fecha, e o inconsciente se coordena ao real que abre e fecha. Uma mesma hiância, um mesmo batimento, coordena esses dois regimes que, entretanto, não são idênticos porque num o simbólico se coordena diretamente com o corpo e noutra ele toma a via do imaginário” (COELHO, S., 2006[2005], p.77).

Evidencia-se aqui, o inconsciente estruturado como uma linguagem, onde existem dois pontos, nos quais ele está implicado. Um, de reunião, que se encontra entre o sujeito e o Outro, onde o ponto de reunião é o significante mestre. O segundo ponto, o de intercessão, ou de separação, entre o sujeito e o Outro, que é o objeto *a*, aquilo que representa o que falta ao corpo, um suplemento, uma vez que o corpo é atravessado por orifícios erógenos onde se alojam as pulsões. Diferentes objetos podem satisfazer temporariamente a exigência pulsional. O objeto *a* designa esta pluralidade de objetos pulsionais.

Se no simbólico, o sujeito é incompleto porque não há um significante que o represente, em seu corpo ele também o é. No entanto dessa dupla falta, o objeto *a* aparece como suplência, como coordenação e intercessão entre duas faltas, uma falta que é simbólica e uma falta que é real (COELHO, S., 2006[2005], p.77).

A segunda vertente, a que inaugura o significante mestre, representa o fato de que no inconsciente, o sujeito não tem um significante que o represente, e por isso necessita de um outro significante para representá-lo. Logo, a cadeia de significantes é formada, tendo como fio que a alinhava, a relação do sujeito com o Outro, quer pela via imaginária, quer pela via da palavra. No entanto, ao demandar ao Outro, o sujeito não vai encontrar como resposta um objeto capaz de suprir um gozo pré-determinado. “O que ele encontra do lado do Outro é somente uma mesma falta do objeto. Portanto, o que surge como objeto é da ordem da suplência, um elemento de gozo que supre” (COELHO, S., 2006[2005], p.78). É aí que entra a fórmula do fantasma, como criação, como invenção, a partir dessa falta estrutural. O objeto *a*, que aparece como suplência

dessa falta, não pertence nem ao sujeito inconstituído, nem ao Outro, localiza-se nesse exato ponto que é o real. O objeto a não é um significante, e sim, um elemento mais-de-gozar, aquele que supre, sutura, que tem função de suplência.

### **3.3 - Sexualidade: somos todos iguais?**

Lacan, no seminário 20, apresenta uma outra vertente lógica - além do complexo de Édipo – relativa à dimensão pulsional do ser falante. À lógica que presidia a constituição do sujeito da ciência, submetido à identificação ao Nome-do-Pai, vai acrescentar-se esta outra vertente. Neste seminário, o autor apresenta a lógica do não-todo, que captura algo que escaparia ao regime da identificação da função paterna, e que formalizaria melhor os conceitos freudianos de feminilidade e pulsão de morte. A tese de Lacan sobre a pulsão de morte transcende uma metáfora biológica, indo ao encontro de um modelo linguístico. Para Freud, que se apoiava na biologia, o princípio do prazer seria a passagem dos seres unicelulares aos seres pluricelulares, enquanto Lacan tomou a função do significante, do simbólico, como equivalente da matriz da pulsão de morte, sustentando a tese de que o significante mortifica o corpo.

Para Freud, o osso do inconsciente localiza-se na relação da sexualidade com a morte, uma vez que considerou que a tendência de todo o organismo pluricelular é retornar ao estado do inanimado, equivale a dizer, que o humano em seu funcionamento filogenético porta um desejo de morte. Freud postulou a pulsão de morte, conferindo à sexualidade, ao desejo sexual, a função de velar o desejo de morrer, que seria o verdadeiro desejo do ser humano. Lacan, ao traduzir essa formulação freudiana, afirma que o princípio para além do princípio do prazer é o efeito do simbólico sobre o vivo, ou seja, o acontecimento de linguagem tem efeitos de

mortificação do corpo vivo. Há uma operação de transposição do desejo de morte freudiano, localizado no corpo biológico, para o lugar do Outro, na tese lacaniana. Para sustentar sua teorização, Lacan faz uma articulação entre os efeitos da linguagem e a função paterna. Nessa articulação, ele parte da concepção da existência de um sujeito originário ainda em vias de advir como sujeito, seria o S. A incidência do Outro(A) sobre esse sujeito sem marca, seria justamente a incidência da função paterna, que produz um sujeito barrado. Essa operação só é possível pois Lacan tomou A, isto é, o Outro, como o desejo da mãe. O Nome-do-pai recalca o desejo da mãe. “Em posição de significante, o Nome-do-Pai faz do Outro Originário(A) significado, portanto transporta o significante no plano do sujeito à significação fálica” (COELHO, S. aula 23/03/2005, p.85). Sendo assim, na teoria lacaniana, a pulsão de morte equivale-se ao desejo da mãe.

[...] o desejo sexual é, para Lacan, tão da ordem do significante quanto a Pulsão de Morte. No entanto, esse simbólico autônomo sofre uma espécie de esmigalhamento, de fragmentação. Perde a dimensão virulenta e acachapante que a gente pode observar na psicose, uma virulência que esmaga o sujeito. Reduzido pela via da função paterna, o simbólico então se torna assimilável porque produz o sujeito como barrado, sujeito marcado pelo significante do Nome-do-pai. Após a operação da metáfora paterna, o sujeito advém como significação fálica. Ele não é mais o objeto do desejo da mãe, mas se torna uma significação fálica” (COELHO, S. 2006[2005], p.87).

Essa significação fálica, na verdade, é a identificação, na medida que representa que o sujeito por não ter um significante que o represente, necessita de um outro significante para representá-lo. O sujeito originário (S), a partir dessa operação, divide-se entre dois significantes, S1–S2. Coelho dos Santos afirma que a estrutura da linguagem sempre necessitará de um discurso para se transmitir, e que podemos ver historicamente como S1 (significante mestre) se presentificou nos

discursos. Inicialmente através do mito e da religião. Depois através do discurso da ciência, e atualmente, através do capitalismo. Lacan nomeou de “complexo familiar” o dispositivo transmissor da linguagem para o indivíduo. A seu ver, sobra um resto, e é para dar conta desse resto que ele continua avançando em sua teorização. Inicialmente esse resto ficou referido ao campo do imaginário, ou seja, a imagem no espelho. Num segundo tempo, Lacan o identificou na estrutura do fantasma, onde atribui ao objeto *a*, a função de dar conta desse resto. Entre esses dois tempos, acreditou estar esse resto localizado na hiância entre o eu ideal e o ideal do eu. Finalmente, diz que estes restos não são os verdadeiros restos, pois há um real que não se reduz ao simbólico, que é disjunto do simbólico. Com isso reintroduz o vivo como não sendo inteiramente capturado, ou completamente submetido ao simbólico. É nesse ponto que o conceito de *sinthoma* ganha lugar.

Até este momento, o que domina a formalização lacaniana é o sintoma (sem th). O sintoma é, então, o efeito da metáfora paterna que produz um sujeito como significação fálica e um resto com o qual o sujeito brinca \_ um resto no fantasma, um resto no espelho, um resto como objeto parcial, mas o simbólico impera e domina, determinando inclusive o que sobra. Depois temos uma inversão nessa teorização e então aparece um real \_ o real do vivo, o real do corpo, da coisa viva \_ que não se limita pelos efeitos do simbólico. Um real que tem uma potência de transformação desse simbólico e não apenas de sujeição a ele” (COELHO, S., 2006[2005], p.92).

Lacan acredita que a pergunta de Freud, sobre ‘o que quer uma mulher’, representativa do enigma da feminilidade, denuncia o impasse freudiano, ou seja, o impasse da castração. Do lado feminino estaria a reivindicação do pênis que a mulher não possui, e do lado masculino, a ameaça para o homem de sujeitar-se a outro homem. Lacan acredita ter ultrapassado esse impasse freudiano, ao responder à pergunta enigmática. Em sua resposta alega que a mulher goza e não sabe disso, pois seu gozo é desconhecido para ela, é um gozo opaco. A teoria freudiana postula que a anatomia é o destino, na medida em que, nem a mulher, nem o homem, tem a

possibilidade de atravessar a diferença biológica através dos substitutos simbólicos. “O corpo biológico aparece como alguma coisa irreduzível, não se ultrapassa esse ponto” (COELHO, S., 2006[2005], p. 93).

Dando um salto em relação ao rochedo da castração, considerado por Freud o ponto de impasse tanto das análises masculinas como femininas, Lacan acredita que essas análises podem ir além da identificação ao falo, e ao rochedo das diferenças sexuais. O atravessamento se daria, uma vez que as identificações mais primitivas possam ser tomadas como os diferentes objetos parciais, ainda acrescenta que a feminilidade deve ser considerada como objeto parcial. Foi por esse viés que Lacan introduziu a fórmula do fantasma, onde o objeto *a* foi concebido como uma letra matemática que designa os objetos parciais. Esses objetos seriam velados pelo falo e pela diferença sexual. Dito de outra forma, o que na verdade estaria mascarado sob os impasses do rochedo da castração, para ambos os sexos, seria a relação fantasmática de cada um com o objeto parcial.

Uma análise teria que avançar para além do plano da identificação, recuperando no sintoma feminino e no sintoma masculino, qual é o fantasma singular ao qual o sujeito estaria aferrado. Nesse tempo o fantasma analisa o sintoma e o sintoma é o efeito dessa formalização” (COELHO, S. 2006[2005], p.94).

Essa formalização lacaniana reduz o pai freudiano ao Nome-do-pai, signficante que ocupa o lugar de exceção na ordem simbólica, formalizando assim seu lugar no mito de *Totem e Tabu*, em termos lógicos: “pelo menos um ocupa um lugar fora da castração” Lacan sublinhou a necessidade de diferenciar a dimensão simbólica do Nome-do-Pai, da dimensão da realidade do pai de família encarnado, e alertou que a indiscriminação dessas dimensões acarretaria um novo desejo da mãe, pura pulsão de morte, sendo dessa maneira metonímia, substituição, e não metáfora. O laço da

função paterna é necessário para a constituição do sujeito, por ser ele o responsável pela amarração do falo com a castração. Isto significa que aquele que porta o pênis sustenta a posição de agente da castração, já que somente ele pode ser o suporte do significante fálico, que é por sua vez, justamente o que falta à mulher. Para que a metáfora da falta materna funcione é necessário que a mulher olhe para o homem com desejo, reconhecendo-o como portador daquilo que ela não será.

É preciso supor que a mãe é privada de alguma coisa e que ela encontra, palavras de Lacan, o *significante do seu desejo no corpo do parceiro* (LACAN, 1958/1966, p.694). Dizer que o significante fálico não é o pênis leva ao mesmo problema de dizer que o Nome-do-Pai não é o pai de família. Não é o pênis, mas sim, metáfora do órgão sexual. Lamentavelmente, também não é possível encontrar em Lacan apoio para as teorizações de que o falo pode ser qualquer coisa. O falo não pode ser qualquer coisa. Ele é absolutamente dependente da diferença anatômica entre os sexos, o que mostra que Lacan não se desvencilhou, de modo algum, da diferença anatômica entre os sexos apesar de ter se desvencilhado das metáforas biológicas" (COELHO, S., 2006[2005], p.96).

O Nome-do-Pai é o significante que testemunha haver ao menos um fora da castração, e que por isso, todos estão submetidos a ela (= sujeito barrado), inclusive o próprio Nome-do-Pai. Essa identificação ao Outro fora da castração, submete a todos a renúncia do 'tudo poder'. A própria identificação castra, e para que essa submissão ocorra é preciso que todos tenham perder alguma coisa, e isso implica a necessidade de que o corpo porte algo que sofra essa ameaça. Porém, há uma parte da humanidade, as mulheres, que escapam dessa operação pois não possuem o que perder. Isso faz com que a identificação do lado delas não funcione muito bem, deixando em aberto a questão sobre o que é mulher e o que é que elas querem. Para Freud, essa falta de ameaça de castração tem como efeito um supereu menos inflexível nas mulheres. Essas formulações, freudianas e lacanianas, funcionam articuladas com um modelo fálico, o da sexualidade masculina, cabendo à sexualidade feminina um lugar de precariedade. Ao homem, cabe o direito a uma

*pequena* transgressão, um suplemento de gozo, já que renunciaram ao gozo total do pai do modelo. É aí que aparece a mulher como objeto *a*, esse suplemento de gozo ao qual o homem tem direito. No entanto, fica a pergunta: se a mulher é objeto, o que ela deseja? Uma vez que ela não tem o que temer pela via da castração, ela carece de um modelo identificatório com o qual concorrer e transgredir. A clínica do feminino demanda um avanço para além dessa teorização ancorada no modelo da sexualidade masculina.

No seminário 20, Lacan faz um giro ao postular as fórmulas da sexuação, as quais cartografam a diferença sexual por uma outra regulação. Esse novo regime lógico avançou no sentido de dar à sexualidade feminina uma dinâmica própria desarticulada da amarração do modelo masculino. O psicanalista Jacques Alain-Miller em seu artigo "*Uma repartitória sexual*" (2003, p.27), afirma: "A forma do fantasma nada tem a ver com as mulheres", pois pela sua ótica, quando a mulher toma a via do fantasma é na intenção de descobrir o que o homem deseja, ou seja, qual é o seu valor para o outro ao se colocar na posição de objeto *a*. Retomando o seminário 20 de Lacan, pode-se observar que nessa nova lógica, não é mais a premissa de que existe 'ao menos um fora da castração' que domina sua articulação teórica. Essa descoberta foi responsável pela tese de Lacan de que 'não existe relação sexual', a qual teve um desdobramento significativo que foi a conceituação do real disjunto do inconsciente. "O real é um conceito mais largo que o conceito de inconsciente. O inconsciente participa do real mas o real não é o inconsciente" (COELHO, S., 2006[2005], p.101).

Essa nova concepção do real, uma vez que se tome como base a teoria dos 4 discursos de Lacan, coloca a fórmula do discurso do mestre, que é a matriz de qualquer discurso e que significa que há 'ao menos um', equivalente à fórmula do

discurso do inconsciente. Portanto, o lugar do objeto *a* é o mesmo nos dois discursos, e justo por essa submissão ao discurso, esse lugar aponta que mesmo no campo do gozo haverá sempre uma perda. A questão que se coloca é refletir sobre o que ocorre quando o objeto *a* assume a posição de agente, ocupando o lugar do significante mestre. Miller (2003, p.104) questiona se estaríamos hoje vivendo a civilização do objeto *a*. Questionamento que se sustenta no fato do dispositivo família ter sido atacado de todos os lados pelo discurso da ciência, reforçado pelo capitalismo, que montou discursos que prescindem da família. O efeito disso é o encontro na clínica com indivíduos fora do discurso. O corte operado em 1968 desamarrou a engrenagem ancorada no complexo de Édipo, e com isso, a transmissão da castração com seus desdobramentos na configuração familiar vacilaram. A verticalidade dessa organização, no que se refere aos laços geracionais, fluidificou-se. Quanto à sexualidade ocorreu uma indiscriminação, onde ser homem ou mulher parecem não se importar com e nem portar diferença. O pênis como um órgão que aponta para um real, que evidencia corpos diferentes, parece ter sido apagado, e mais que isso, passou a ser politicamente incorreto acreditar, enquanto psicanalistas, que essa diferença desdobra destinos diferentes para cada sexo, no que se refere ao lugar de onde cada analisante fala, sofre e sintomatiza. Aceitar a diferença não implica valorar a diferença sexual, ou mesmo prescrever uma única forma de normalidade da sexualidade, é sim, partir de um referencial teórico que aponta que essa diferença é algo que os seres sexuados, sempre, e inevitavelmente, terão que lidar. Aceitar a diferença sexual é acreditar que existem corpos diferentes, que o fato de nascer num corpo de homem ou num corpo de mulher, inaugura destinos diferentes no psiquismo do humano, já que caberá a cada um se haver com seu próprio corpo. No entanto, a ideologia individualista contemporânea pretendeu abolir o discurso do mestre, o que

acarretou uma disjunção entre o inconsciente e o real trazendo como consequência uma pluralização do Nome-do-Pai.

Só é possível pensar a pluralização do Nome-do-Pai na medida em que se reintroduz o vivo e se redimensiona o que é real que escapa ao simbólico. Acho que só fazemos isso quando reconhecemos a dimensão real do simbólico, o simbólico cria, inventa, institui, faz existir. O aquilo simbólico não é apenas aquilo que mortifica e transmite uma identificação que é a mesma identificação para todos. O simbólico é também alguma coisa que institui e cria algo que não existia antes” (COELHO, S. aula 23/03/2005, p.109).

Portanto, pode-se inferir que quando Lacan afirma que não há relação sexual, seu ponto de partida é o pressuposto que entre o simbólico e o real há, de fato, algo que é disjunto. A função do sintoma seria, exatamente, fazer a conexão entre essa desconexão. Onde existe o sintoma, existe a possibilidade de solução. “Se tomarmos a fórmula da sexuação do ponto de vista da sua relação ao gozo, temos como consequência que a esse lugar ninguém tem acesso, portanto, ninguém tem acesso ao objeto de satisfação” (COELHO, S., 2006[2005], p.110). Logo, a incidência do real evidencia esse ponto em que o simbólico falha, impotente diante da possibilidade de ‘tudo dizer’ e de ‘fazer um’.

Ao longo de sua teorização, Lacan deslizou o conceito de gozo de das *Ding*, a Coisa, para as espécies da Coisa e pensou o gozo pela via do objeto *a*. “Esse gozo é um gozo barrado, um gozo em pedacinhos, fragmentado, o gozo do objeto pequeno *a*” (COELHO, S., 2006[2005], p.111). A partir desse ponto, Lacan postulou a função significante do objeto *a*, bem como o seu modo de gozo sendo efeito da ação mortificante do significante. Considerando-se que a relação do objeto com a pulsão não é direta, pois passa pela identificação, conclui-se que esse modo de gozar é uma recuperação.

Essa formalização conduz ao deslizamento da ‘lógica do todo’ para a ‘lógica do não-todo’. Para Lacan, a lógica do todo significa que todo ser humano está submetido

à castração, sendo essa a verdadeira identificação. “O não-todo foi interpretado depois do *Seminário 20* como alguma coisa que escapava à castração enquanto genérica, como uma contingência” (COELHO, S., 2006[2005], p. 112). Miller (2004-2005) acredita que a compreensão da tábua da sexuação, no que se refere à passagem do lado todo para o lado não-todo, se dará ao entendê-la como a passagem do universo finito para o universo infinito. No lado esquerdo, o lado todo, o lado do universo finito, existe uma regra conhecida de formação. Existe lei, ou seja, a constituição subjetiva está ligada a um ponto determinado, e toda diferença representa uma exceção à regra. O modo de gozo é barrado por essa regra de formação. A fantasia faz suplência à inexistência da relação sexual. Desse lado, existe lei no real. Esse é o lado masculino. Do lado direito, não-todo, o lado do universo infinito, não existem garantias do reconhecimento da regra de formação, sendo todo objeto a diferente. Não existe sujeito, e sim, elemento, e a série desses elementos não faz conjunto, o que põe em dúvida a crença na regra da formação. Assim, o modo de gozo é sem lei, ou seja, não barrado. Nesse lado o inconsciente aparece como uma suplência à regra de formação inexistente, e cada elemento não se regula por nenhum outro, é um a um. Logo, aqui, o real é sem lei. Esse é o lado feminino da tábua da sexuação.

Essa formulação propõe que a diferença anatômica entre os sexos encaminha dois modos de fazer suplência, apesar da existência de um rochedo que não é de fácil ultrapassamento. Em suma,

A maneira masculina serve-se do fantasma e passa pela identificação. A feminina implica em tomar cada evento como uma coisa em si, portanto, numa lógica ilimitada justamente porque cada elemento não se regula pela relação com nenhum outro elemento. É sempre um a um” (COELHO, S., 2006[2005], p.115).

Segundo Miller, Deus é o fantasma feminino, ou seja, o parceiro da mulher é Deus. Para esse psicanalista, o “não-todo não é exceção à regra, mas o ilimitado de cada caso. Isso significa que cada caso é todo. Essa é a verdadeira lógica do todo” (COELHO, S., 2006[2005], p.116). A fórmula do fantasma não vale para homens e mulheres, somente para homens; para as mulheres, Lacan reservou o nome de suplência e não de fantasma. Coelho dos Santos acredita que a compreensão dessa ideia só é possível “se entendermos que o homem é para uma mulher, igual à Deus. Não é um fantasma, ele é real, ele faz a lei que regula o gozo dela” (COELHO, S., 2006[2005], p.118). Os homens serem de Marte estaria do lado do inconsciente, e as mulheres serem de Vênus, do lado do real. Lacan, no *seminário 23: Le Sinthome*, não está mais dizendo que:

A mulher goza reclamando que o pai não dá conta. Não é simplesmente isso. O gozo com o obstáculo implica um apelo a um Outro que seja Deus. É por isso que os homens têm a percepção de o que as mulheres reivindicam é sempre excessivo. Nada nem ninguém estão à altura da reivindicação feminina” (COELHO, S., 2006[2005], p.118).

Pode-se concluir que não estão todos os seres falantes submetidos à fórmula da fantasia, pois existem seres falantes insatisfeitos com o objeto *a*, e por isso, reivindicam o impossível.

### **3.4 - Anatomia qual é o seu destino?**

“É na vertente do simbólico com o real que Lacan introduz essa variação ortográfica, escrevendo *sinthoma* para indicar que o que era um problema sob a ótica do inconsciente, é uma solução do ponto de vista real” (COELHO, S., 2006[2005]. p. 122). A dinâmica das forças da pulsão de vida e pulsão de morte fazem parte dessa solução como pano de fundo, uma vez que o *sinthoma* é um modo de limitar o gozo da pulsão de morte, que vai além da interdição do Nome-do-Pai na cena edípica.

Coelho dos Santos afirma que a sexuação limita o gozo da pulsão de morte, para um mais além do Édipo. Acrescenta, existir uma distinção entre dois supereus: o freudiano, sendo o que renuncia, uma vez que se encontra submetido à lei da castração; e o lacaniano, que tem como característica o imperativo do gozo. Do lado freudiano, através do sintoma, o supereu evidencia-se pelo “desarranjo no campo da identificação, da ordem, da lei” (COELHO, S., 2006[2005], p.123). Já o supereu regido pelo imperativo do gozo encontra-se indiscriminado da pulsão de morte, desdobrando a questão sobre a possibilidade de existir uma regulação que tem em sua base o desregramento.

Não há acordo entre significante e significado, não há adequação entre as palavras e as coisas, não há proporcionalidade entre o universo da linguagem e o campo dos efeitos que a linguagem desencadeia. Eles são completamente desproporcionais. Mesmo o código linguístico, com a infinita riqueza das palavras, é desproporcional aos efeitos que produz. Aos efeitos do significante no real nós chamamos gozo. E porque são efeitos de gozo? Porque justamente não são efeitos de adequação, utilidade, funcionamento, regulação, harmonia e organização. São efeitos que, em princípio, têm uma afinidade de estrutura com a confusão, a desregulação, o excesso. As relações entre o simbólico e o real têm como efeito isso que chamamos de gozo sem barra –G” (COELHO, S., COELHO, S., 2006[2005], p.125).

Homens e mulheres têm diante de si formas diferentes de fazer suplência diante da inexistência da relação sexual. O homem faz sintoma, enquanto a mulher faz *sinthoma*. Portanto, é possível, sim, pensar o desregramento como uma forma de regulação. O corpo da psicanálise não é o corpo da biologia, regulado pelos instintos e que visa a sobrevivência. O corpo da psicanálise é animado pela vontade de gozar e pouco interessado na sobrevivência. Este corpo é desarranjado pela linguagem, pelo significante, e é assim que Lacan traduz a pulsão de morte. Para Freud, a pulsão de morte seria um desejo do organismo pluricelular de retornar ao seu estado unicelular, que se repercute como desejo sexuado de reproduzir. Lacan, por outro viés, acreditou que a sexualidade nasce como efeito da in-corporação do significante.

“O pluricelular é o significante. O significante pluraliza os sentidos, pluraliza as significações, conseqüentemente, fragmenta e divide” (COELHO, S., 2006[2005], p.127). Nesse caso, o significante não visa retornar a nada, contrariamente, tem com o real uma relação que visa a destruição direta. Sendo o gozo a perversão da máquina biológica. Para Lacan, essa operação do significante no corpo é experimentada no imaginário como traumática e tem como efeito o gozo. Existe uma tradução do registro do significante que atinge o corpo, feita pela articulação da diferença sexual, que se encontra em outro registro.

O traumatismo originário para Freud não tem representação psíquica, a rigor seria pura pulsão de morte. Se há tradução psíquica é por meio do fantasma sexual. É a diferença sexual que provoca o fantasma da ameaça de castração (COELHO, S., 2006[2005], p.129).

Portanto, para que a ameaça de castração se sustente, faz-se necessário que haja algo que se possa perder, ou seja, essa experiência não é traumática da mesma maneira para os dois sexos. Ter ou não ter um pênis, define modos diferentes de como o traumatismo vai constituir o psiquismo.

A máquina da linguagem passa por uma diferença que é corporal e o corpo masculino é diferente do feminino, portanto os seres falantes do sexo feminino não são iguais aos seres falantes do sexo masculino. E mesmo que a sociedade continue avançando e produzindo mistos, isto é, os homossexuais, ainda assim eles têm que se haver com o fato difícil que é ter um corpo masculino ou um corpo feminino. Um ou outro corpo já os determina de modo distinto em relação ao complexo de castração (COELHO, S., 2006[2005], p.129).

O passo seguinte dessa reflexão é pensar em como a lógica do todo e a lógica do não-todo relacionam-se com a diferença sexual. Um primeiro ponto a ser sublinhado é que não se trata nesse trabalho das possibilidades de identificações femininas e masculinas, que independem do corpo que se porta. O segundo ponto é a consideração de que os sintomas analisados na clínica partem da diferença sexual,

evidenciando que as relações do simbólico com o real são perpassadas pelo complexo de castração. Isso equivale a dizer que o significante é incorporado de modos distintos para cada sexo, sendo balizados pelo que 'há' e pelo que 'não há'. O pênis é um ponto de localização no corpo que possibilita uma equivalência ao falo.

Quando pensamos, então, que a imagem no espelho proporciona uma experiência de unidade corporal, estamos também na mesma equivalência simbólica: significante pênis/falo ou ideal do eu, ou seja, aquele "ao menos um" fora da castração, isto é, aquele que tem relação com a exceção. O corpo remete ao falo, significante do ideal do eu, da identificação à exceção, o ao menos um fora da castração do qual esse sujeito pode ser o portador do significante da exceção. É uma estrutura dependente do ter ou não ter (COELHO, S., 2006[2005], p.131).

Freud manteve a teoria da lógica do todo para ambos os sexos até o momento onde publicou seus artigos "*Sexualidade Feminina*", de 1925, e "*Feminilidade*", de 1931, nos quais passou a suspeitar que essa lógica que se iniciava na castração e ia até o complexo de Édipo, somente funcionava para os homens, sendo o feminino regulado por outra lógica. Coelho dos Santos postula que a eficácia da unidade especular nas mulheres difere de como ela ocorre nos homens, pois enquanto eles encontram o ponto de apoio no corpo para sua regulação; as mulheres, pelo narcisismo que lhes é próprio, encontram no espelho o ponto de falta e não o de unidade imaginária. Lacan vai traduzir a castração de Freud como uma ameaça e não como uma castração biológica e, outorga-lhe a função da sexuação. Por conta dessa diferença em relação à ameaça de castração, não tendo, as mulheres, o que perder, Freud levantou a hipótese de que as mesmas não teriam supereu. Coelho dos Santos acredita existir a necessidade de distinguirmos lógicas diferentes para que possam se constituir os pares de opostos.

Partamos da diferença entre o homem, que representa o completo, e a mulher, o incompleto. Para o homem o objeto causa de desejo é o objeto fetiche. Por que? Porque ele não pode suportar abordar o incompleto diretamente, vez que isso significa, simplesmente desencadear a ameaça de

castração. Em princípio, o corpo da mulher é insuportável para o homem, de modo que na mulher, ele só vê o objeto pequeno a, o pequeno detalhe causa do desejo que, na teoria freudiana, é fetiche porque, justamente, vem atenuar o ponto de incompletude. Isso significa que, em Eva, Adão só via a folha de parreira. Ele era apaixonado pela folha de parreira e é com a folha de parreira que ele faz amor. Sem isso a coisa não vai (COELHO, S., 2006[2005], p.133).

É por isso que o gozo do homem é barrado, pois ele só pode abordá-lo via o objeto a. O homem é um sujeito dividido entre o ideal do eu e o eu ideal. A hiância oriunda dessa divisão é abordada pela via do objeto a na fantasia, que limita seu gozo, tirando-o do campo do excesso e da desregulação. Assim, lhe é possível saber o que quer, e a quem se endereça. Coelho dos Santos analisa a lógica masculina, do todo, por três vertentes. A primeira refere-se ao plano do ter, onde distingue-se o ter do não ter, o completo do incompleto. Essa vertente tem como resultante uma estrutura de organização dos seres, ancorada no equilíbrio do campo do significante. A segunda vertente é o plano da medida da unidade, da unidade corporal dada pela imagem do espelho, na qual, através da posse do órgão, lhe é conferido o lugar de portador do falo. E é isso que promove a identidade masculina. A terceira vertente é o plano do ser, onde uma maior uniformidade lhe é conferida oriunda dessa identificação e regulação dadas por um significante. A lógica masculina está vinculada à modernidade, ao sujeito moderno, ao sujeito inserido na lógica edipiana de Freud, o sujeito sem qualidades, efeito do advento da ciência. Portanto, naquele momento da civilização, uma única lógica psicanalítica daria conta de explicar todos os seres falantes. A alegação de que as mulheres não têm supereu também estava referida a esse asujeitamento ao todo masculino soberano.

No entanto, chega o contemporâneo trazendo consigo o declínio do Estado e o declínio da função paterna. A reboque do movimento de 1968, as mulheres emanciparam-se e liberaram-se do julgo masculino e da repressão sexual. Livres e com domínio sobre seus corpos passaram a decidir livremente sobre quando ter filhos,

uma vez que os anticoncepcionais lhe serviram de instrumento. Com isso, propiciaram o declínio da autoridade paterna que cartografava as diferenças geracionais e a diferença entre os sexos. O declínio da diferença sexual é equivalente ao declínio da lógica do todo fálico sobre a lógica do não-todo, e a ausência do pai de família instituiu um deslizamento nas lógicas de gozo, ou seja, do declínio do gozo fálico sobre o gozo não-todo. Em suma, “podemos advogar para o contemporâneo não apenas o declínio da organização fálica, mas também a ascensão da lógica do não-todo enquanto o que vai presidir não só a organização da sexualidade como também o laço social” (COELHO, S., 2006[2005]p.139). Na época de Freud, o sintoma era regulado pela diferença sexual, pelo complexo de Édipo, sendo a pulsão de morte o que escapava dessa regulação. Na contemporaneidade, quando o sintoma já não obedece a essa regulação, como se barra a pulsão de morte?

É aí que entra a lógica do feminino, do não-todo, onde a ausência do pênis tem como efeito o princípio do gozo como excesso, ou seja, se quer sempre mais, sempre um outro e sempre o diferente. Desse lado não há uniformidade, há uma falta de identidade, que significa que não há lei. Sem lei não há inconsciente e não havendo inconsciente não há complexo edipiano do lado feminino. A lógica do não-todo instituiu o peso do chamado continente negro da feminilidade, onde reside a pergunta sobre “o que quer uma mulher”. Essa lógica não se satisfaz com a maternidade como a via onde se ancora a identidade feminina, apontando para um “mais além”. A mulher, dessa forma, seria sem identidade quanto ao objeto do desejo. Do lado feminino temos a erotomania, o que significa que a mulher só encontra a sua unidade por meio do significante que ela localiza no corpo do homem. Segundo Lacan, o homem funciona para a mulher como bússola, fazendo a amarração de duas vertentes femininas, ou seja, a santa e a mulher desgarrada. O excesso, o gozo ilimitado e a forma louca de

amar, caracterizam as mulheres, logo, o excesso é um atributo feminino. Esse excesso dá a mulher o bom senso, e segundo Lacan, “só há bom senso do lado do real. Só pode ter bom senso quem sabe onde está o que funciona. Não é de bom senso pensar que é possível harmonizar o simbólico pela via do real” (COELHO, S., 2006[2005], p.142).

Finalizando essa reflexão, passo a abordar a prática da clínica psicanalítica, como a principal fonte de ensinamento sobre como se pode regular os sintomas desregulados. Coelho dos Santos apresenta sua posição:

A clínica psicanalítica ensina que a gente tem que passar pelo complexo de castração. Só assim o que é anterior se incorpora. O meu discurso sobre o anterior precisa do corpo para se incorporar. Não sei o que fazer com o traumatismo da linguagem ou o traumatismo do nascimento sem a diferença sexual (COELHO, S., 2006[2005], p.144)

### **3.5 - Efeitos:**

A lógica do não-todo presidindo a configuração dos laços sociais teve seus efeitos. Podemos analisar que pós revolução sexual, pós 1968, a vida erótica tomou um lugar de destaque, passando a ser valorizada em si mesma, desgarrada da procriação. O casal por um lado se aproximou. O encontro amoroso ganhou potência emocional e se desvinculou dos papéis pré-estabelecidos da sociedade moderna patriarcal. Acredito que uma exigência de intimidade passou a permear os vínculos com uma intensidade comparável ao modelo religioso. De outro lado, o relacionamento, palco de tamanha exigência, parece não estar suportando dar conta dessas expectativas. O efeito dessa configuração é a fuga dos sentimentos. Pretendo refletir: de que sentimentos? Por até onde andei, posso considerar que o ideal de viver o momento, o presente, estabeleceu para a intimidade, um lugar de protagonismo, tanto nos vínculos entre pais e filhos, como nos vínculos entre homens e mulheres. No entanto, esse culto à intimidade é uma ilusão, na medida em que esconde a

impossibilidade de seu alcance. Na contramão dessa empreitada encontra-se o esgotamento do vínculo devido ao excesso de peso emocional. A sociedade divorciou-se e os sexos entraram em guerra. Para pensar a intimidade como um valor de moeda nas novas parcerias, me pautarei nas ideias do livro de Anthony Giddens (1993), *A Transformação da Intimidade*.

### **3.5.a - Intimidade e suas transformações**

Anthony Giddens (1993), em seu livro *A Transformação da Intimidade*, trabalha sobre a sexualidade, o amor e erotismo nas sociedades modernas. Esse estudo abre um campo rico de reflexões sobre as transformações nas parcerias amorosas entre homens e mulheres. Começarei com a citação do autor, que diz que:

As sociedades modernas possuem uma história emocional secreta, mas prestes a ser completamente revelada. É uma história das buscas sexuais dos homens, mantidas separadas de suas identidades públicas. O controle sexual dos homens sobre as mulheres é muito mais que uma característica incidental da vida social moderna. À medida que esse controle começa a falhar, observamos mais claramente revelado o caráter compulsivo da sexualidade masculina – esse controle em declínio gera também um fluxo crescente da violência masculina sobre as mulheres. No momento, abriu-se um abismo emocional entre os sexos, e não se pode dizer com qualquer certeza quanto tempo ele levará para ser transposto” (GIDDENS, A. 1993, p.11).

Não mais divididas entre mulheres virtuosas e mulheres perdidas como efeito de um mundo onde a igualdade sexual cresceu, ambos os sexos se viram obrigados a negociarem seus pontos de vista fundamentais no que se refere ao comportamento de um em relação ao outro. O autor acredita que o homem se sente ameaçado ao se ver sem controle diante da mulher. Esse controle estaria atrelado à tentativa de dominação. O casamento moderno trouxe para o cenário do casal a exigência de cuidado com o relacionamento. Compromisso e intimidade passaram a fazer parte da negociação sexual. A partir do momento em que as mulheres deixaram de admitir a

dominação sexual masculina, tanto homens como mulheres foram implicados nesse processo. Novas demandas e novas ansiedades, provenientes dessa abertura, confluíram para um projeto aberto de existência interpessoal. A prática de falar sobre vidas sexuais anteriores revelou a consciência da finitude dos vínculos.

Na modernidade, “o eu é algo a ser decifrado e sua verdade identificada” (GIDDENS, A., 1993, p.32). A ciência psicológica e a psicanálise se responsabilizaram por essa decifração. O conceito de sexualidade emerge no século XIX, e já traz na sua base uma fonte de preocupação no que se refere as mulheres. Aos homens cabia a excitação sexual, o que para as mulheres seria visto como uma exceção a ser solucionada. Gradualmente o amor romântico e a sexualidade foram se desvinculando, a ponto de nos dias de hoje, devido aos métodos contraceptivos, termos a sexualidade desvinculada também da reprodução. Essas transformações além de terem trazido uma alteração no tamanho das famílias, marcou profundamente uma transição na vida de cada indivíduo, passando a sexualidade a ser assumida como uma propriedade potencial singular. A sexualidade ganha sua autonomia, e “daí em diante pode tornar-se totalmente uma qualidade dos indivíduos e de suas relações mútuas” (GIDDENS, A.1993, p.42).

Da mesma forma que a emergência da sexualidade é um fenômeno da modernidade, Giddens acredita que a transmutação do amor também é. O amor romântico, presenciado a partir do final do século XVIII, introduziu uma ideia de uma narrativa para uma vida individual, na qual amor e liberdade vincularam-se, e passaram a ser identificados como estados desejáveis. A liberdade adquirida através do amor romântico passou a garantir a autorrealização. Nesse momento, o amor ganhou um valor maior do que o ardor sexual. A virtude estava atrelada à escolha de alguém especial. O primeiro olhar, o amor à primeira vista intuitivo na captura das

qualidades do outro, traz a promessa de completude. O romance “converteu-se em uma via potencial para o controle do futuro, assim como uma forma de segurança psicológica (em princípio) para aqueles cujas vidas eram por ele afetadas” (GIDDENS, A, 1993, p.52).

Giddens identifica três fatores, intimamente vinculados, que afetaram as mulheres no final do século XVIII, e que seriam responsáveis pelo surgimento da ideia do amor romântico. O primeiro teria sido a criação do lar; o segundo, a modificação que se processou nas relações entre pais e filhos; e como terceiro fator, “a invenção da maternidade”. Com isso, em torno do final do século XIX, pode-se observar um declínio do poder patriarcal na esfera doméstica. A separação entre o local de trabalho e o lar teve como efeito um enfraquecimento do domínio direto do homem sobre a família, com conseqüente aumento do poder das mulheres sobre a criação dos filhos. A afeição maternal rouba a cena da autoridade patriarcal. A figura da mãe se conjuga com a imagem de esposa, formando a representação ‘esposa/mãe’, e torna-se responsável por toda uma cartografia de valores sobre os dois sexos.

As mulheres eram reconhecidas pelos homens como sendo diferentes, incompreensíveis – parte de um domínio estranho aos homens. A ideia de que cada sexo é um mistério para o outro é antiga, e tem sido representada de diversas maneiras nas diversas culturas. O elemento distintamente novo, aqui, era a associação da maternidade com a feminilidade, como sendo qualidades da personalidade – qualidades estas que certamente estavam impregnadas de concepções bastante firmes da sexualidade feminina. O amor romântico era essencialmente um amor feminilizado” (GIDDENS, A., 1993, p.53-54).

O amor romântico pode ser pensado como resposta ao domínio e submissão das mulheres aos homens no que se refere a dupla moral sexual. Diante dessa divisão, o amor romântico trouxe para o seio do aconchego familiar dessexualizado, novos domínios da intimidade. A amizade entre as mulheres também passou a funcionar via à troca de intimidades, especialistas que sempre foram na arte de trocar

confidências. Sendo assim, na raiz, o amor romântico desperta o conceito de intimidade, desvinculado da ideia da luxúria, na medida em que sua ênfase recaiu sobre a comunicação psíquica. A noção de completude se instaurou, sendo o outro do amor responsável pelo preenchimento de um vazio interior. “E este vazio tem diretamente a ver com autoidentidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro” (GIDDENS, A., 1993, p.56). É interessante ressaltar, que Giddens sublinha o fato desse vazio interior muitas vezes não ser identificado pelo sujeito, mas a crença é a de que a completude, via o outro, é carregada de um caráter reparador. A conquista de um coração passou a ser considerada uma arte do desempenho dos sujeitos modernos, passando a fazer parte de suas histórias pessoais. Cabia a mulher o amansamento e transformação do selvagem contido na masculinidade, o que teria como efeito o compartilhamento da afeição, que a partir de então, passaria a guiar suas vidas.

Giddens baseou-se numa pesquisa realizada por Sharon Thompson, que investigou o comportamento de 150 adolescentes americanos, de diferentes classes sociais e origens étnicas. O objetivo foi o de encontrar as conexões entre o amor, o compromisso e o relacionamento puro. Vale seguir alguns pontos desse estudo. Já em 1980, ou ainda em 1980, as ideias de uma diversidade sexual conviviam paralelamente à ideia de romance, mas uma inquietação e um desconforto faziam-se presentes. O primeiro encontro sexual de uma jovem aparecia atravessado por preocupações com a continuidade do vínculo com esse parceiro. Diante da liberdade sexual vivida por parte das meninas, o passado ecoava numa preocupação quanto ao julgamento dos rapazes. Por vezes, essa pressão trouxe como efeito um recuo de algumas garotas, que se arraigaram na ideia de romances idealizados e sonhos de maternidade. Giddens cita Thompson:

De uma certa forma, as adolescentes lutam com o problema que as feministas do século XIX previram ao se posicionarem contra o rompimento da conexão entre o sexo e a reprodução, pelo fato de ele constituir o único meio que as mulheres possuíam para convencer os homens a se comprometerem em um relacionamento. Mas, afinal, este não é um problema de coação, mas de visão. Exige o enfrentamento com a desconstrução do sexo, do romance e da intimidade, e com a renegociação da barganha entre os sexos (GIDDENS, A., 1993, p.62).

Daí em diante a relação entre romance e permanência se abalaram. A mulher emancipou-se. Seu desejo de abraçar uma carreira profissional, visando alcançar realização pessoal e independência, torna-se um importante eixo em suas parcerias. E ao invés de somente serem cuidadas, se colocaram também a cuidar. Para as mulheres, diferente do comportamento dos homens, estar em uma relação de compromisso com um homem, representava um passaporte para inserção no mundo externo.

Outro ponto de apoio de Giddens, foi a pesquisa, também datada em 1980, realizada por Emily Hancock, sobre as histórias de vida de 20 mulheres americanas, entre os 30 e 75 anos, também de variadas classes sociais. Um ponto sublinhado por Giddens foi a tensão que essas mulheres viveram, na medida em que “cada uma buscava distanciar-se de sua mãe sem rejeitar a feminilidade” (GIDDENS, A., 1993, p.67). Essas mulheres foram pioneiras e, por isso guerreiras, por terem sido as primeiras a confrontarem e serem confrontadas com todas as mudanças que ocorreram nas alianças de casamento, família e trabalho. Surge um tipo de relacionamento, que o autor nomeia de *relacionamento puro*, que denota um vínculo emocional com o outro, contínuo e próximo. O que é valorado é o relacionamento em si, o que cada um traz para o vínculo, que somados garantem a sobrevivência do mesmo. Com isso a intimidade torna-se moeda de troca entre os parceiros, que nesse momento histórico da humanidade passa a permear o casamento.

A partir dessas mudanças no cenário das mulheres operou-se também uma alteração nas subjetividades masculinas dos ocidentais. Os homens passaram a se ver como sujeitos, e por sua vez, problemáticos em suas sexualidades. Uma vez que afetados pelo poder feminino, viram-se obrigados a abandonar a divisão entre as mulheres santas e putas. Apesar do abandono desse eixo central, não passaram a tratar as mulheres como iguais, pois mesmo ao construírem suas vidas em torno de uma mulher, ou de várias, ainda se localizavam num eixo da desigualdade. Não participavam da intimidade como a mulher pois “o romântico neste momento não é alguém que intuitivamente compreendeu a natureza do amor como um modo de organizar a vida pessoal em relação à colonização do tempo futuro e à construção da autoidentidade” (GIDDENS, A.,1993, p.70). A sedução e o amor romântico, para a maioria dos homens, são vistos como inconciliáveis. Especializar-se no amor visava mais o aprimoramento de técnicas de sedução e conquista. Esse ponto delimita uma grande diferença entre homens e mulheres na nossa cultura. Vale ressaltar que a posição do homem na esfera pública era basicamente alcançada às custas de sua exclusão do campo da intimidade.

Diante da emancipação sexual e autonomia feminina os ideais do amor romântico declinaram. Segundo Giddens, surge um amor *confluyente* nas parcerias amorosas, ou seja, “um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias ‘para sempre’ e ‘único’ da ideia do amor romântico” (GIDDENS, A.1993, p.72). O desdobramento desse tipo de amor foi o surgimento de uma sociedade divorciada. Cai o mito da ‘pessoa especial’ fazendo surgir o mito da ‘relação especial’. Esse tipo de amor presume a intimidade para que ele se estabeleça, e espera igualdade na doação e no recebimento emocional de cada um na parceria. Com essa mudança a vulnerabilidade se instala no laço emocional entre os parceiros. Essa

vulnerabilidade embaraça o homem, pois até então, qualquer dependência emocional estava mascarada, já que o modelo de homem do amor romântico portava características como a frieza e a inatingibilidade. A erótica e o bom funcionamento da vida sexual passam a ser um critério para a manutenção ou dissolução de um relacionamento. Essa vertente dissolve o ideal da sociedade que distinguia as mulheres entre santas e putas. A exclusividade sexual e, conseqüentemente, a monogamia passam a ser negociadas pelo casal, tendo como eixo a realização e bem-estar de cada um dos parceiros. “Atualmente, para ambos os sexos, o sexo carrega com ele a promessa – ou a ameaça – da intimidade, algo que em si afeta os principais aspectos do eu” (GIDDENS, A., 1993, p.91).

O Casanova da modernidade dá lugar ao garanhão da atualidade. Ambos têm um comportamento compulsivo, num sentido de uma busca sem fim por mulheres em série. Apaixonados por todas, mas não por uma em particular. Segundo o autor, a diferença entre essas duas representações do masculino está no sentimento de desprezo que o garanhão apresenta pelas mulheres. O fato das mulheres encontrarem-se mais disponíveis sexualmente abalou o poder de sedução dos homens sobre elas. Parece que a perturbação desse personagem reflete e simultaneamente reclama o declínio do uso de tal sedução, uma vez que a vitória se tornou mais fácil já que seu alvo também passou a ansiar a relação sexual. A emancipação sexual feminina ao dissolver a divisão entre a mulher virtuosa e a degradada, suspende da cena de acasalamento o poder de dominação da sedução, do assassinato simbólico das mulheres, já que o foco dessa mortificação era a virtude da mulher.

Aquela ‘integridade’ que o sedutor buscava espoliar, ou manter sob o seu poder, não é mais a mesma inocência sexual, e não está mais ligada ao gênero. No contexto do relacionamento puro, a integridade mantém um papel

fundamental, mas torna-se um atributo ético que cada parceiro presume no outro” (GIDDENS, A., 1993, p.97).

O garanhão se cria e se alimenta emocionalmente em uma sociedade de oportunidades sexuais abertas. Busca o êxtase e na contramão recolhe a dependência, viciados que são no próximo encontro sexual em potencial. Partem de um para outro utilizando mecanismos do amor romântico para abater suas presas. As famosas cantadas do homem de ‘bico doce’. São escravos da mulher, em amá-las e deixá-las, incompetentes que são em construir um vínculo de permanência e intimidade, onde a troca amorosa se instala. Em contrapartida, do lado feminino, com frequência, encontram-se mulheres codependentes, ou seja, aquelas que tomam como missão ‘salvar’ o garanhão através da sua verdadeira entrega. Colhem frustrações em série e um rol de relações desastrosas na medida em que se prestam à abusos por parte do garanhão. São mulheres portadoras de uma necessidade compulsiva de serem amadas e reconhecidas. Acreditam encontrar aprovação e autoestima pautando suas vidas em torno das necessidades dos outros.

Em suma, quanto mais declinam as formas sociais preexistentes, mais a sexualidade masculina torna-se problemática. Giddens enumera quais seriam esses padrões:

1- O domínio dos homens na esfera pública; 2- o padrão duplo; 3- a associada divisão das mulheres em puras (casáveis) e impuras (prostitutas, meretrizes, concubinas, sedutoras); 4- compreensão da diferença sexual proporcionada por Deus, pela natureza ou pela Biologia; 5- a transformação das mulheres em problemas, sendo obtusas ou irracionais em seus desejos e ações; 6- divisão sexual do trabalho” (GIDDENS, A., 1993, p.125-126).

A sociedade contemporânea pode ser identificada como a “sociedade da separação e do divórcio”, que traz uma exigência, para ambos os sexos, de aprender a negociar confiança e compromisso. A pressão feminina na direção de uma ética do amor, o homem responde com afastamento movido pelo fantasma da impotência.

Pode-se inferir que na mesma medida em que a sexualidade das mulheres ficou reprimida até meados do século XIX, a sua contrapartida, a impotência masculina, se ocultava. Em outras palavras, a repressão da sexualidade feminina servia ao fantasma masculino, a impotência. O falo, significante da diferença sexual, transforma-se para o menino num símbolo de dominação sobre o sexo oposto, e quando passa a existir uma aproximação entre o falo e o pênis, o embaraço se instala, o que se desdobra num teste incessante de encontros fortuitos temperados pelo risco e pelo prazer. Segundo o autor, as dificuldades em atravessar esses enredos, para os dois sexos, apontam o caminho das soluções edípicas. “O domínio da mãe tem consequências psicológicas profundas para ambos os sexos e atualmente está na origem de alguns dos aspectos mais importantes da diferença entre gêneros” (GIDDENS, A., 1993, p.146).

Vale ressaltar que a impossibilidade de se alcançar a completude do encontro, não se localiza numa dificuldade do homem de amar. Defender-se da intimidade não é sinônimo da incapacidade de amar. Além do que, mulheres também apresentam dificuldades no quesito intimidade. A busca amorosa, para ambos, é cartografada por movimentos de aproximação e afastamento, ou seja, desejam e temem. Alcançar um certo equilíbrio entre autonomia e dependência, entre controle e confiança passa a ser um novo exercício dos parceiros na contemporaneidade. E para cada um cabe a tarefa de estar junto, mas estar separado, não depositar no parceiro a responsabilidade pelo preenchimento de suas aspirações e vazios individuais.

### **3.5.b - Movimento feminista e seus destinos**

Passo agora para o que identifico como outro efeito das mudanças ocorridas nas transformações das subjetividades e dos papéis desempenhados nas parcerias entre homens e mulheres a partir de 1968. A revolução sexual foi uma das alavancas que operou um corte entre o moderno e o contemporâneo. Preconizou a ideologia da liberdade e igualdade de direitos. O saldo aponta que a mulher ganhou muito. Adquiriu direitos, espaço público, poder aquisitivo e liberdade sexual. No entanto algo da ordem de um mal-entendido entre homens e mulheres persistiu. A questão é: teria o feminismo, apesar de seus inegáveis e vitoriosos avanços, se equivocado em alguns de seus rumos? Considero que o projeto feminista disseminou a ideia de que as mulheres deveriam esperar que os homens fossem companheiros, entendendo que nesse companheirismo estaria incluída a satisfação de todas as suas expectativas. Nesse ponto situa-se um equívoco, na medida em que devido as diferenças de socialização, os homens não respondem a todas essas expectativas, gerando, assim, raiva e ressentimento nas mulheres. Dessa feita surge um paradoxo. De um lado companheiros, ou seja, amigos e amantes, e de outro, inimigos de classe, os opressores. Diante dessa insatisfação as mulheres tornaram-se barulhentas, deslizando do lugar de vítima para o lugar da briguenta, que no cotidiano são nomeadas de chatas. O problema é uma luta que visava os direitos das mulheres, que não passasse pela autorização masculina, ter desembocado em um mundo imaginário que se prescindisse dos homens. Ilhadas e defendidas da invasão daquele que é percebido como inimigo, a mulher cada vez mais acumula sucessivas experiências de fracasso em relação a construir um relacionamento onde ternura e sexo possam estar conjugados. Como efeito, o separatismo sexual ganha força e passa a sustentar a liberação. No entanto, parece que uma outra força se encontra oculta por trás do radicalismo do discurso feminista. Seria a força da defesa contra sentimentos que se

colocaram na cena dos encontros amorosos via a intimidade. Essa fuga é consequência das exigências que cada sexo faz ao outro, e tanto o ódio como a raiva podem ser considerados como herdeiros dessa equação que nunca fechará. A meu ver, é por isso que tantas pessoas se afastam do vínculo de compromisso, evitando dessa forma ter que se haver com essa conjugação tão extravagante das relações de intimidade, que deixa a todos numa condição de grande vulnerabilidade. A tentativa passa a ser viver só, experimentando encontros e mais encontros sem alinhar permanência, vínculo ou laço de compromisso com o parceiro.

Para fundamentar essas ideias utilizarei o livro de Elisabeth Badinter (2005), *Rumo equivocados: o feminino e alguns destinos*. A autora trabalha com o resultado de inúmeras pesquisas realizadas pós revolução sexual, 1968, no continente europeu e na América do Norte, e faz um balanço do movimento feminista e suas implicações. Seu livro tem como eixo a crítica a um feminismo radical, que do seu ponto de vista, cristalizou as representações do homem e da mulher no casal dominador/vítima. Acredita que os papéis vacilaram desmapeando os estereótipos e as funções que cabiam a cada sexo na parceria. Admite que os registros de outrora apesar de serem opressores, tranquilizavam. Identifica a queda do império masculino concomitante ao fim do patriarcado. Avalia que um cheiro de vingança pairou no ar, parecendo que as mulheres teriam que pagar a conta desse declínio. Segundo a autora, precisamos ter muito cuidado para não cairmos numa esparrela de guerra entre os sexos.

A questão levantada por Badinter é se as mulheres emancipadas não teriam sido duplamente tapeadas. Primeiramente pelo fato da jornada de trabalho ter se tornado dupla, e depois, se questiona se a liberação sexual não teria jogado, mais ainda, a mulher num lugar de objeto da dominação masculina. Seu argumento é o seguinte:

Como a ideia de um retorno à situação anterior era inconcebível e como estava fora de cogitação sacrificar a vida familiar ou profissional, a maioria das mulheres sentia-se obrigada a ir em frente, custasse o que custasse, no caminho traçado por suas mães. Entretanto já não era hora de conquistas rissonhas. Estas deram lugar a uma orientação psicológica que viria a se fundir com uma nova sensibilidade social. Para começar, o desencanto com os homens. A maioria deles não vinha jogando o jogo da igualdade. Pelo menos, não muito depressa nem muito bem, como mostrava a comparação entre os horários dos pais e das mães de família. Fazia vinte anos que nada mudava, realmente: as mulheres continuavam a assumir três quartos das tarefas familiares e domésticas. Um bom motivo para ficarem amargas. Como seria natural, o desencanto transformou-se em ressentimento. Contra as feministas, que, havendo proclamado objetivos irrealizáveis, foram depois refugiar-se no silêncio ou no *mea culpa*" (BADINDER, E., ,2005, p.15-16).

Surge na cena social a figura da vítima da dominação masculina. Essa representação ganha tamanha força que rouba o brilho das heroínas, aquelas que realizavam proezas, alcançando através do trabalho profissional o território masculino e, conseqüentemente, balançando a ideologia dominante. A obsessão em acusar os homens de dominação tem como efeito obscurecer a continuidade dos verdadeiros ideais de luta. O efeito dessa vitimização impede um pensar profundo sobre uma teoria da relação entre os sexos. A maior acusação é de que os homens tratam as mulheres como objetos sexuais, mantendo assim, o poder da dominação masculina. Essa abordagem refere-se à um grupo de feministas radicais, que encontram resistências da parte das feministas liberais. Esse segundo grupo protestou com afinco a essa abordagem. Acreditaram que toda a liberdade sexual se via ameaçada diante dessa declaração de guerra ao gênero masculino.

As feministas norte americanas, pioneiras do movimento de queima dos *soutiens*, endossaram o coro das feministas radicais, e potencializaram a prática do abuso sexual. Generalizando quase todas as formas de cortejo e sedução vinda por parte dos homens. Chegaram a comparar a violência sofrida por abusos masculinos aos abusos cometidos em campos de concentração da época do holocausto. "Na verdade, se a ninguém fosse permitido correr o risco de oferecer uma atenção sexual

não solicitada, todos seríamos criaturas solitárias” (BADINDER, E., 2005, p.41). Como consequência, vitimização para o lado feminino, e culpa, para o masculino. Badinder compara a figura dessa mulher vitimizada à criança inocente da era pré-freudiana. Ambas ingênuas, vítimas do adulto homem violento e perverso. Em nenhum momento a autora discorda que os abusos reais devem ser denunciados e seus autores perversos castigados, mas, sim, questiona a causa que é atribuída a essa dominação. A seu ver, o que está no alvo do ataque é a própria virilidade, uma vez que a violência da dominação e o abuso de poder generalizou-se para todos os homens. Essa ideia propaga a distorção de que a violência é uma questão de gênero, logo sexuada. Se sobrepôs, dessa feita, violência masculina ao sexo masculino. A discussão da relação entre natureza e cultura protagonizou a cena das diferenças sexuais, e a revolução sexual visou sancionar a primazia da cultura sobre a natureza.

É justamente esse o problema teórico do novo feminismo. Como redefinir a natureza feminina sem recair nos velhos clichês? Como falar de 'natureza' sem pôr em perigo a liberdade? Como sustentar o dualismo dos sexos sem reconstruir a prisão de gêneros sexuais? (BADINDER, E., 2005, p.44).

Palavra de ordem passa a ser “igualdade na diferença”. A contracepção torna-se a alavanca para as mulheres se apropriarem de seus corpos, tornando-se autônomas em relação a qualquer subjugação masculina. Nesse ponto a autora identifica uma contradição, quer dizer, uma vez que as mulheres alcançaram essa autonomia, qual o propósito de continuarem a se apresentar como vítimas da dominação masculina? Essa conta não fecha. Sua hipótese é de que mais do que a supremacia masculina, a mulher não consegue se desvencilhar desse lugar, dessa representação mental da desigualdade. A proclamada igualdade na diferença representa uma utopia, um desejo de libertação desse aprisionamento nessa categoria arcaica, comum a ambos os sexos. De 1980 em diante, a humanidade

passou a ser envolvida pelo direito à diferença. Na verdade, esse clamor, não passou de um sopro que foi sucumbido por uma ideologia de indeterminação dos sexos, trazendo a ameaça do sexo único, pautado no gênero masculino. A sociedade virilizou-se. A cada avanço das mulheres, os homens foram encontrando novos mecanismos de dominação, já que nunca quiseram perder “os privilégios materiais e sexuais proporcionados pela dominação sobre as mulheres” (BADINDER, E., 2005, p.50). Apesar desses mecanismos, a autora questiona a universalidade da dominação e violência masculina, pois se isso procede, a humanidade encontra-se sem salvação, na medida em que fica cristalizado como essencial esse modelo de masculinidade tradicional. Não se pode negar o quanto ao longo dos últimos 50 anos, a situação e o comportamento das mulheres, do ocidente, modificou-se. E os homens, não? Eles seriam a parte da humanidade imutável? O sexismo conduz ao equívoco de se desejar mudar o homem ao invés de lutar pela modificação dos que, diferentemente dos outros, cometem abusos. Não seria esse um pensamento mais democrático? Caso contrário, ficamos fadados a lidar com a dominação masculina como um “conceito-obstáculo”, devido a barreira que ele passa a exercer no sentido de uma maior reflexão sobre a complexidade, historicidade e evolução da relação entre os sexos, pois encerra homens e mulheres em dois campos opostos.

O efeito colateral desse dualismo oposicionista é um maniqueísmo na base de uma nova hierarquia moral entre os sexos. De um lado está o mal, lugar esse ocupado pelo homem dominador, e do lado do bem, estaria sua vítima oprimida, a mulher. Ficou creditado ao bem, a fidedignidade e verdade de seus depoimentos. Logo, a vítima sempre falaria a verdade, o que inclui que essa vítima é desprovida de inconsciente, sem imaginário e sem fantasias. Essa ideologia separatista não consegue reconhecer a existência de dois sexos portadores de potência e fecundidade, e que pela diferença

simbólica que encarnam, possam expressar duas maneiras diferentes de ver o mundo.

“Toda militância esbarra numa dificuldade: levar em conta a diversidade da realidade” (BADINDER, E., 2005, p.71). A autora lança luz ao que estava na sombra, ou seja, as omissões. Ainda baseada nas pesquisas, denuncia e balança a crença de que a violência é propriedade do sexo masculino. O número de homens atacados e que apanham das mulheres é muito grande. A dificuldade em se catalogar essa estatística tem dupla causa. Primeiro, não existem pesquisas que entrevistem homens, para saber sobre a violência que sofrem, da mesma forma que existem em relação as mulheres. Essa desproporção evidencia um acordo de silêncio em relação a esse assunto. Depois, os próprios homens sentem-se envergonhados em expor que sofrem abusos por parte de uma mulher. Esse mutismo tem como causa a virilidade espoliada. Outra omissão sublinhada por Badinder é relativa ao número de mulheres que participaram dos exércitos nazistas e que se comportavam de forma violenta e abusiva com seus perseguidos. De posse desses dados a autora desvincula a violência como exclusividade do sexo masculino e conclui ser a violência um comportamento do humano. Esse tabu se sustenta, uma vez que sua revelação desconstrói a própria imagem que a mulher tem de si.

No inconsciente coletivo, e não apenas feminista, os homens agredem e abusam de sua força diante dos mais fracos ou então os protegem. Nunca são imaginados do lado das vítimas, nem as mulheres do lado dos carrascos e perseguidores” (BADINDER, E. 2005, p.87).

De qualquer forma encarnar como norma o que é da ordem do patológico é um outro rumo equivocado. A violência, o abuso e a humilhação fazem parte de práticas entre cônjuges que se encontram adoecidos. Muitas vezes potencializadas pelo vício de drogas e álcool. Universalizar esse padrão a todos os homens mascara a diferença

de registro entre o normal e o patológico, e entre o universal e o singular. E quanto as agressões verbais? Estariam as mulheres tão atrás dessa prática da violência quanto os homens? Existe uma leitura que considera a agressão verbal tão violenta quanto a física, mas a autora discorda desse argumento pois acredita que a cólera necessita de uma via de expressão.

A humanidade avançou, sem dúvida. Homens e mulheres ainda se envolvem, apesar de. O trabalho, dificilmente, não tem hoje para a mulher o mesmo valor que possui para o homem, o que lhes confere independência para permanecer ou sair de um vínculo de compromisso. No entanto, existem formas mais sutis de dependência, como: a sexual, afetiva ou psicológica. Nesses casos tanto um sexo como o outro podem ocupar o lugar do dominador ou o do dependente.

A autora acredita que deslocar a mulher do lugar de vítima não implica em abolir as denúncias de abusos e violências contra elas por parte dos homens machistas radicais. Sua preocupação concentra-se em não permitir a cristalização das representações da mulher vítima, pois frágil, e nem do homem dominador, poderoso. Crê ser um retrocesso nos avanços conquistados até então. Na verdade, o que se oculta por detrás dessa cristalização é a contradição em que as mulheres se encontram envolvidas na atualidade. Uma dupla obsessão toma conta da subjetividade feminina. De um lado, um imperativo de gozo, que traz a exigência de um prazer pleno. Do outro, uma exigência de dignidade feminina, que porta a ideia de sacrilégio sexual.

Objeto de consumo ou objeto sagrado, atividade lúdica ou critério de dignidade, brincadeira ou violência, o sexo tornou-se objeto de dois discursos que se opõem quase termo a termo, bem como um pivô crucial do novo feminismo moralista” (BADIBDER, E., 2005, p.99).

O primeiro movimento feminista libertário, datado de 1968, tinha como alvo detonar o poder do patriarcado, e conseguiram balançar sua base, bem como fazer vacilar as representações dos papéis masculinos e femininos. O movimento que se seguiu, o feminismo radical, fez um giro nos ganhos libertários, uma vez que denunciaram uma banalização da sexualidade que teria vindo a reboque da liberação das mulheres. Esse segundo grupo acreditou que essa libertação serviu mais aos homens do que as mulheres, que cada vez mais se colocaram como presas das caçadas masculinas, ou seja, cada vez mais objetos sexuais descartáveis. Com isso o machismo passou a ser reforçado pelas próprias mulheres. Como efeito, uma diferenciação da natureza essencial de cada gênero se impôs, trazendo novamente representações tradicionais. Ao homem o incontrolável das pulsões, à mulher a santificação. As mulheres liberadas passaram a serem vistas como virilizadas. As outras, buscavam o amor, diante de um homem predador. Nesse momento, outra omissão ocorreu, na medida em que as mulheres liberadas e felizes deixaram de ter voz. Uma nova ordem sexual dominou a sociedade.

Pela leitura feminina dos últimos anos, as moças tiram as calças com uma facilidade atordoante para a geração mais velha. Curiosidade, desejo, orgulho, provocação ou conformismo, não se sabe muito bem o que rege esse impulso. O certo, em contrapartida, é que a virgindade aos 18 anos inspira mais inquietações do que satisfações. A pessoa acredita-se corroída por um distúrbio psicológico, que requer medidas apropriadas: o recurso a um psicólogo ou o 'disvirginamento' sem desejo. Dado o primeiro, resta para os exploradores do sexo, para os famintos de sensações fortes, um leque de práticas a serem testadas ou adotadas. Não morrer idiota – ou inocente – parece haver-se tornado uma preocupação mais e mais compartilhada por ambos os sexos" (BADINTER, E., 2005, p.103-104)

O mundo das fantasias ganha o campo da realidade e toda uma política de propaganda estimula os sujeitos a praticarem seus mais secretos sonhos. Um imperativo do gozo comanda o espetáculo. O desejo é temperado e superaquecido constantemente. As mulheres não ficam de fora do espetáculo e exigem prazer. Seus

corpos passam a ser cada vez mais produzidos e investidos na intenção de se tornarem o produto mais bem acabado do mercado. A aparência passa a ser um valor, um bem supremo. Diante disso o homem produziu uma obsessão com a performance. Seu bom desempenho lhe garantirá virilidade e, conseqüentemente, a certeza de adquirir o passaporte para o mercado da conquista. Ambos escravos de um mercado da lógica pura do sexo, onde não se medem os sacrifícios para se modelar os corpos em função dos modismos da época. Esse cenário conduz a autora a formular as seguintes questões:

Libertação dos tabus ou tirania da fantasia? Desdramatização ou redução da sexualidade à sensação física? Legitimação do desejo ou desencadeamento da violência? Desabrochamento pessoal ou solidão e miséria sexual? Presa entre as garras das saudosistas do retorno ao passado e das partidárias do cada vez mais, a maioria se interroga sobre o caminho a seguir (BADINDER, E., 2005, p.113).

O perigo do feminismo é o de ao lutar pela igualdade dos sexos, esquecer-se de melhorar a relação entre eles. Como as mulheres podem esperar melhoria na qualidade de vida, desconsiderando a relação com os homens? O individualismo parece ter em muito contribuído para o mal-entendido das parcerias amorosas. Cada sexo parece ver no outro uma fonte de desvitalização. Estar em um vínculo de compromisso configura-se como uma perda. A confusão dos papéis e o apagamento das bordas que delimitavam uma diferença desembocaram em uma série de expectativas carregadas de representações tanto do modelo tradicional como do libertário.

A autora acredita que as mulheres avançaram muito e não se coadunam com essa vitimização. Caiu mais sobre os homens uma exigência de um trabalho de si, uma vez que perderam seus privilégios de dominação. Cabe a eles enfrentar uma crise identitária. Baseada numa publicação na revista *Elle* de uma pesquisa feita sobre

a situação masculina, Badinder informa que os homens reconheceram as mulheres como vitoriosas em relação à luta pela emancipação e sentem-se ressentidos. Esse reconhecimento já pode ser considerado como um desapego por parte deles do convencionalismo que os impedia de se expressarem.

Despossuídos, desorientados, amargos ou inquietos, eles imaginam para si, em seus piores pesadelos, um futuro de homem – objeto, castrado e inútil (até na reprodução). Os mais velhos falam das ‘paladinas’ que os arrasaram; os mais jovens de ‘dominação feminina’. Todos temem mais ou menos suas novas rivais (BADINDER, E., 2005, p.148).

Finalizando, com o objetivo de abrir uma porta para novas reflexões, as palavras de Elisabeth Badinder:

A igualdade alimenta-se do mesmo, não do diferente. Ao desconhecer essa lógica elementar, ao querer forçar o sentido dos termos, chega-se ao inverso daquilo que se desejava. A paridade que apela para a igualdade na diferença é uma bomba de efeito retardado. Com muita rapidez, como vimos, superestima-se a diferença e se relativiza a igualdade. A diferença entre os sexos é uma realidade, mas não predestina aos papéis e às funções. Não há uma psicologia masculina e uma psicologia feminina que sejam impermeáveis uma à outra, nem tampouco duas identidades sexuais esculpidas em mármore. Uma vez adquirido o sentimento de identidade, cada adulto faz dele o que quiser, ou o que puder. Ao pôr fim à onipotência dos estereótipos sexuais, abriu-se caminho para o jogo das possibilidades. Não se trata, como houve quem afirmasse, da instauração do triste império do unissexual. A indiferenciação dos papéis não equivale à das identidades. Ao contrário, é condição da multiplicidade delas e de nossa liberdade (BADINDER. E. 2005, p.171)

**Considerações Finais: De volta à clínica**

A questão recortada nessa pesquisa foi a defasagem existente, nos dias de hoje, entre o discurso e a prática no que se refere aos encontros e desencontros entre homens e mulheres nas parcerias amorosas. Ambos parecem buscar o encontro mas colhem sucessivas experiências de desencontros. As mulheres, emancipadas e solitárias, alegam que os homens se sentem ameaçados com suas conquistas sexual, econômica e profissional e por isso não assumem compromissos de vínculos estáveis com elas. Os homens, em suas escolhas, confirmam essa alegação na medida em que apesar de desejarem essas mulheres, não as elegem como esposa. Refletir sobre esse mal-estar foi o ponto de partida dessa reflexão.

Tomei, como base, a pesquisa da psicanalista Tania Coelho dos Santos (2001), que analisa a entrada e conseqüente difusão da psicanálise no social, através das colunas de aconselhamento de revistas dirigidas ao público feminino. Essa entrada exerceu uma grande influência na desconstrução dos papéis desempenhados tanto pelos homens, como pelas mulheres no casamento, trazendo a reboque uma demanda de análise. Num período de trinta anos, de 1950 a 1980, foi possível acompanhar o atravessamento de ideais que cartografavam esse cenário. Ocorreu um deslizamento do desempenho de papéis bem definidos no casal, ancorados num ideal de harmonia, à uma exclusão do outro, como conseqüência do ideal do individualismo. Essa exclusão sendo efeito da busca de autenticidade, que passou a ser vislumbrada pela conquista do autoconhecimento. Banhado pelo ideal de autenticidade, o eu foi elevado à categoria de protagonista da subjetividade. Como resultante, um sujeito narcisista, que independente do sexo, passou a fugir do vínculo de compromisso, parecendo evitar o peso que a intimidade conferiu aos relacionamentos. De um lado o casal se aproximou. Nessa aproximação, observa-se

que algo se descortinou como consequência do apagamento das bordas que definiam a diferença entre os sexos e as funções e papéis decorrentes. No entanto, o surgimento do mais íntimo de cada um, carregou a relação de uma potência emocional que desembocou, pelo excesso, num esgotamento do vínculo. A contrapartida desse excesso de aproximação teve como efeito o divórcio. A sociedade divorciou-se e os sexos entraram em guerra.

Baseada nas ideias de Christopher Lasch (1983) pude articular a subjetividade desse sujeito narcisista com a cultura do capitalismo. Essa articulação ancorou-se na transformação do capitalismo, de sua forma acumulativa do sistema patriarcal para uma política de consumo desenfreado. O sujeito desgarrado da história e dos laços sociais passou a visar o presente e o seu prazer. Acredito que essa transformação contribuiu de forma a alimentar essa guerra entre os sexos. A experiência sexual, liberada das restrições anteriores, ganhou valor em si mesmo. A mulher se liberou, e ambos os sexos visaram o mesmo, ou seja, ter prazer, mais e mais. O mercado capitalista consumista passou a oferecer cada vez mais produtos e brinquedos que vieram ao encontro desse mundo gozoso, um mundo do império do prazer. Dentro dessa política, parece que homens e mulheres se destituíram do lugar de sujeito e ocuparam o lugar de objeto, uns para os outros. O que passa a ser buscado é o melhor produto, aquele que alcance o todo, ou seja, ter o melhor do feminino e o melhor do masculino simultaneamente. Na medida em que esse ideal é inalcançável, o outro, nesse momento esse outro que frustra por ser um objeto insatisfatório, é descartado. E a busca recomeça. Essa busca, apesar de preconizar a igualdade sexual, tem ao mesmo tempo, a marca da intolerância com a diferença. Parece que a mulher liberada dispara no homem uma resposta irracional o que aponta para o fato de que o machismo do sistema patriarcal não desapareceu, se fazendo ainda presente nos

laços sociais contemporâneos. Em contrapartida, as mulheres frustradas em suas investidas feministas, uma vez que os homens não acompanharam satisfatoriamente a distribuição de tarefas e funções em relação à casa e aos filhos, continuaram perpetuando um lugar de vítima diante de um opressor.

Diante dessas observações me dediquei ao estudo da vacilação dos papéis que cabia a cada um na parceria amorosa e pautei-me nas ideias da psicanalista Tania Coelho dos Santos (2008, 2009). Pude inferir que o sujeito moderno lidava com o machismo através de semblantes. Para o homem, o cavalheirismo, e para sua contrapartida feminina, a coqueteria. Os cavalheiros disfarçavam suas necessidades de dominação sobre o sexo feminino através do galanteio. As mulheres, como resposta, utilizavam-se da coqueteria para amansar a selvageria masculina, limitando o uso da força física por parte de seus parceiros. Não obstante, esse enredo não dissolveu a relação simbiótica entre explorador e explorado. As próprias mulheres alavancaram o declínio desse poder, na medida em que abriram mão de permanecerem confinadas num pedestal e desmistificaram a sexualidade feminina. Como consequência, esse tipo de relacionamento, baseado no sistema feudal, encontra o fim do caminho diante das revoluções democráticas dos séculos XVIII, XIX e XX. O cavalheirismo entrou em colapso.

Diante desse desvelamento da cortesia entre os sexos, oriundo da democracia e do feminismo, homens e mulheres viram-se diante da difícil tarefa de tornarem-se amigos e amantes, e tudo isso em posição de igualdade. Esse caminho parece totalmente sem volta. Apesar das mulheres terem perdido o *status* de dama através de um processo de desmistificação do feminino, dificilmente encontra-se, na atualidade, alguma mulher não identificada com os ganhos dessa liberação. A sexualidade feminina ganhou o espaço público desatrelando amor de prática sexual,

que por sua vez, desvinculou-se do casamento e da procriação. O sexo passa a ser vivido como um valor em si mesmo, focado na vivência do prazer do momento, importando o presente, absolutamente desvinculado do futuro. Como efeito, perderam-se os referenciais que possibilitavam a permanência das relações. Pode-se inferir que um clima de boemia tomou conta da cena. Em outras palavras, o que antes era a prática dos boêmios, o descompromisso dos vínculos e o foco no prazer imediato, passa a ser o padrão do comportamento de ambos os sexos. Uma representação de uma mulher interessante, liberada, alegre, divertida e brincalhona ocupa o lugar da representação da mulher recatada, contida, e diante da qual a virgindade era cultuada.

Nesse ponto do percurso gostaria de sublinhar o seguinte ponto, que se refere à contradição que identifiquei entre a queixa feminina de que são os homens que não querem compromisso, pois pelo que pude avaliar nesse estudo, as mulheres não parecem estar muito afastadas do modelo masculino. Minha crença é de que a igualdade entre os sexos foi balizada pelo modelo masculino, o que trouxe uma virilização da mulher. O emponderamento feminino parece estar revestido da representação viril do masculino. Parece que as mulheres continuam com dificuldades em dar voz a seus desejos, sem que isso esteja atrelado ao desejo do Outro. Apesar de tantos ganhos, a mulher parece ter perdido o seu tesouro, ou seja, sua singularidade, sua capacidade de amar e de ser amada. As mulheres, como os homens, desatrelaram na sexualidade, a via sensual da via amorosa, e passaram a exigir prazer sexual, diferente de suas antecessoras que viviam a vida sexual permeada por tensão e hesitação. Numa busca de equivalência com o sexo masculino topam assinar um contrato de relação sem compromisso, que mais cedo ou mais tarde as lançam numa devastação, oriunda de uma desvalia que se descortina. A tensão e

a hesitação, nos dias de hoje, parecem localizarem-se na esfera do amor. A guerra dos sexos ganha cada vez mais adesões e as mulheres se furtam de assumir a diferença que as encarnam. Parece ser politicamente incorreto poder dizer: assim eu não quero. Essa exigência, ou equiparação feminina, tem como resposta masculina dois vetores. No primeiro vetor, as mulheres tornaram-se eleitas como parceiras sexuais, mas num segundo vetor, passaram a representar uma grande ameaça, já que se encontra embutida nessa demanda a necessidade de sua realização. Intimidados e com receio de não darem conta de tal feito os homens angustiaram-se. Logo, a proximidade traz riscos e vulnerabilidade emocional para os parceiros.

Acredito ter havido uma banalização do sexo, que acaba por mascarar sua verdadeira raiz, ou seja, a força emocional proveniente das relações primevas com os pais, e a conseqüente transferência desses padrões de relação para a atualidade dos vínculos com os parceiros. Em outras palavras, a fuga ao sentimento é, na verdade, a fuga à fantasia. Essa hipótese acrescenta ao desencontro amoroso também motivações internas ao sujeito, onde a fuga relaciona-se ao caráter ameaçador que os impulsos internos podem encarnar. Por situar nesses impulsos e nas defesas erigidas contra eles a resposta à impossibilidade de um sexo satisfazer e completar o outro, me debrucei sobre a fonte do pensamento psicanalítico, ou seja, nas teorias freudianas sobre o amor, e na seqüência, a de seus sucessores, a saber, Lacan e Miller. Meu objetivo é registrar que a heterossexualidade não tem como dar conta desses impulsos internos que se encontravam sob recalque na modernidade.

No capítulo 2, trabalhei com a hipótese de que a psicanálise tem como premissa ser o comportamento humano estruturado sobre a base de fantasias sexuais inconscientes. Essas fantasias, por sua vez, ancoram-se no enredo do Complexo de Édipo, que é vivido de forma diferente por cada sexo, ou seja, meninos e meninas

diante da diferença sexual disparam respostas diferentes, que determinam o rumo de suas sexualidades, vindo a configurar seus comportamentos sexuais em suas vidas de adultos. A teoria sexual infantil da descoberta do pênis nos meninos e da ausência do mesmo nas meninas, não passa sem deixar marcas e exige elaboradas soluções. Essa experiência inaugura o que Freud conceitua como castração. Todo esse processo é inconsciente e suas soluções caem sob o recalque. Na vida adulta, e mais especificamente, no que se refere a essa pesquisa, a escolha do objeto amoroso é determinada por esse complexo, ou seja, o atravessamento desse complexo, a superação dos impasses oriundos da castração é o que possibilita a construção de parcerias amorosas. Diante das exposições dos artigos de Freud (1910; 1912;1917), de Lacan (1958) e de Miller (1988;1989), fica claro que essa escolha de um parceiro obedece determinadas condições, que visam, por sua vez, manter recalcado os impulsos mais primitivos de cada um envolvido na cena. Para Freud a sexualidade não tem como se desamarrar de obstáculos. Em nome de ser merecedor do amor dos pais, meninos e meninas recalcam suas pulsões direcionadas para o objeto proibido. O recalque tem como função integrar as pulsões sexuais parciais, e como efeito deixa um rastro. Esse rastro será a alavanca da construção das fantasias. Esse mecanismo representa a passagem do registro do gozo, das pulsões parciais, para o registro do desejo, que se instala após o mecanismo do recalque ter ocorrido e que visa a satisfação. Considero plausível pensar que diante da abolição, ou mesmo, do enfraquecimento do mecanismo do recalque o sujeito se vê diante das suas pulsões mais primitivas, pulsões essas, que visam sempre o gozo.

Portanto, com o declínio do Nome-do-Pai, operador do recalque, pode-se concluir que o sujeito contemporâneo goza, não deseja. Somado a isso, o sujeito passa a funcionar mais na via do processo primário, que visa descarga absoluta de

suas excitações, do que no secundário, que através do pensamento passa a dialogar com a realidade. Sendo assim, inferimos que o sujeito contemporâneo age mais do que pensa. Não adia e recusa o que se interpõe na direção da sua rota de prazer. Outro ponto de relevância é que se o pai não tem mais a função de metáfora que interdita o gozo da mãe com o filho, o sujeito contemporâneo se vê diante desse mortífero eixo, pois sucumbe ao desejo materno, que segundo Lacan é a pulsão de morte, por excelência. Se o sujeito moderno, sujeito do recalque, na sua escolha amorosa vivia a divisão de duas representações da mulher, a da santa e a da puta, no momento em que essa divisão caiu, devido a liberação sexual das mulheres, os homens se angustiaram e passaram a fugir do compromisso. Essa angústia tem como fonte o fato da mulher liberada ter passado a exigir do homem, a junção da corrente afetiva com a corrente sensual, tarefa difícil que os colocaram diante do fantasma da impotência, fruto da proibição do incesto. Pois como Freud alega, onde o homem ama ele não deseja, e onde ele deseja, ele não consegue amar. Do lado da mulher, fica a exigência de um trabalho de luto por não mais ocupar o lugar da dama na vida de um homem. Trabalho que as exige um giro sobre suas demandas de amor, pois por mais liberadas e apropriadas de seus corpos e de suas escolhas, ainda sofrem uma vez que não são eleitas para um vínculo permanente.

Esse desencaixe me remeteu a Lacan (1958) e a sua contribuição à psicologia do amor, onde conceituou o significante falo. Desloca o tempo da castração, a um momento original, onde o *infans* é marcado pelo Outro na sua incompletude. Onde Freud identificou obstáculo e impotência, Lacan viu condição justamente por existir a impossibilidade. Atribuiu ao falo a função de delimitar a diferença entre os sexos, e a diferença entre as gerações. Um sexo terá sempre como função apontar para o outro a incompletude, ou seja, a castração. Sendo assim, o amor, nasceria nesse ponto de

hiância, de incompletude, vindo a suturar a falta estruturante do sujeito humano. Daí desdobra-se sua tese sobre a inexistência da relação sexual. A partir dessas reflexões fica evidente a inalcançabilidade do projeto individualista do sujeito narcísico contemporâneo. Marcado pelo Outro desde a origem como o sujeito pode prescindir na sua existência dessa presença? Sem a abdicação da soberania da individualidade, o outro do amor não chega.

Pesquisei no terceiro capítulo de que forma as mudanças na cultura, estruturante dos laços sociais, afetaram a estrutura psíquica do sujeito. A partir da articulação da lógica da sexuação preconizada por Lacan (2008) pensei as configurações dos laços sociais e suas transformações. Verifiquei que a lógica do todo, masculina, esta referida a uma sociedade patriarcal. Foi essa a lógica que comandou o espetáculo da cartografia dos laços sociais na modernidade, mas parece não servir mais, pois a família patriarcal, com seus laços verticais, parece não fazer frente a uma lógica da igualdade de direito entre os sexos e entre as gerações. No entanto, a lógica que preconiza que é proibido proibir, lógica do não- todo, a lógica que não está submetida à castração, a lógica feminina, parece estar presidindo a formação dos encontros no contemporâneo. Pelo seu funcionamento, essa lógica estrutura encontros contingentes, e por isso, insatisfatórios e angustiantes. A lógica do todo significa que todo ser humano está submetido à castração, sendo essa, a verdadeira identificação. O deslizamento dessa lógica para a lógica do não- todo, ancorou os laços sociais, devido à ausência da diferença sexual como balizadora das subjetividades e sintomas, ao submetimento a um princípio do gozo como excesso. Esse excesso é oriundo da vacilação dos semblantes, pois os semblantes tinham como função regular a relação do sujeito com seu corpo, com seu gozo e com sua satisfação. Como efeito, um sujeito regulado pelo saber e pela sociedade de consumo.

Essa nova subjetividade acarretou mudanças nas categorias clínicas existentes de neurose, psicose e perversão. Sujeitos narcisistas comandados por um imperativo do gozo parece ser a subjetividade dominante no cenário social da contemporaneidade. Ao identificarem o mal-estar e o vazio dessa cena contemporânea em suas vidas, alguns chegam aos nossos consultórios demandando análise.

Respondendo às questões levantadas na introdução: Quais são os operadores que estão dando conta da prática psicanalítica? Como se escuta esse sujeito que se deslocou velozmente da modernidade para contemporaneidade? Sujeito que demanda ajuda em lidar com novas exigências, expectativas e negociações em sua vida conjugal. Do casal à um exílio em que muitos se encontram, o que teria ocorrido com as subjetividades dos homens e das mulheres? Eu diria, primeiramente, que os operadores que estão dando conta da prática psicanalítica continuam sendo os mesmos, se não perdemos de vista a castração. Isso quer dizer, um trabalho que propicie o sujeito se deslocar de um regime de gozo para um registro do desejo. A escuta do analista precisa estar afinada com essas mudanças subjetivas para identificar de que lugar o sujeito analisante está falando. Essa pesquisa me orientou no sentido de que esse sujeito está falando de um lugar onde acredita tudo poder. Um sujeito que desmente a castração, mas ao mesmo tempo tropeça nela. Tropeça pois não sustenta seu exílio, na medida que o Outro existe e a conta chega. Sua suspensão do tempo passado e futuro, é furada pelas próprias frustrações advindas da realidade objetiva. Viver o presente, acima de tudo, e o prazer máximo, acima de todos, parece ter prazo de validade. O sofrimento de angústia é o sinal de que esse enredo fracassa. Cabe ao analista propiciar o diálogo com o real. O real da castração, ou seja, o real que aponta que não podemos tudo, que não nascemos todos livres e iguais, que

nascer menino não é o mesmo que nascer menina, enfim ser homem não é igual a ser mulher.

Finalizo com meu testemunho de que quanto mais fui avançando nesse estudo, mais claro foi ficando para mim, que apesar das mudanças nos sintomas e nas subjetividades do moderno ao contemporâneo, que a estruturação do psiquismo continua a mesma. Quero dizer que o complexo de Édipo, ou de castração, continua sendo a pedra angular onde a psicanálise se ancora. A prova disso, a meu ver, é que os sintomas atuais para lidar com o parceiro amoroso continuam tendo como base as mesmas condições preconizadas por Freud. O homem continua não conseguindo se relacionar, sem grande embaraço, com uma mulher que seja objeto de amor e parceira do desejo sexual simultaneamente; e a mulher, apesar de desmistificar a virgindade, e viver livremente sua vida sexual, ainda sofre a não receber um telefonema no dia seguinte de um encontro de grande potência sexual. Ou se consegue, seu destino parece ser a solidão. Sua espera genuína é de ser amada, de ser reconhecida e de ser eleita.

Dessa forma, concluo essa dissertação, acreditando que a prática psicanalítica continua não tendo como missão criar sujeitos adaptados ou engessados, mas, sim, permitir que através do atravessamento dos fantasmas singulares de cada sujeito, que inevitavelmente passa pelo reconhecimento da diferença sexual, cada um crie sua fórmula pessoal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADINTER, Elisabeth. **Rumo equivocado; o feminismo e alguns destinos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

COELHO, Tania dos Santos. **Quem Precisa de Análise Hoje? O discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. 1968: A Vacilação Generalizada dos Papéis Sociais, in: **Enlaces, Psicanálise e Conexões**, Olga Maria de Souza Soubbotinik e Michel Soubbotinik (org), Vitória: Programa de Pós-graduação em letras e história da UFES, 2008a, v. 1. p. 313-327

\_\_\_\_\_. **Entre Tapas e Beijos: a vacilação dos semblantes da diferença sexual**. Rio de Janeiro: Latusa 2008b.

\_\_\_\_\_. **Não existe pecado do lado de baixo do equador? Cadernos de Psicanálise – SPCRJ**, v. 25, n. 28, p. 121-142, 2009

\_\_\_\_\_. **Sinthoma: corpo e laço social**. Transcrição do seminário ministrado por Tania Coelho dos Santos no PPGTP/IP/UFRJ no primeiro semestre de 2005. Rio de Janeiro: SEPHORA/UFRJ, 2006.

FREUD, Sigmund. (1910) Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à Psicologia do Amor I); In: **Cinco Lições de Psicanálise e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XI.

\_\_\_\_\_. (1912) Sobre a tendência à depreciação na esfera do amor (Contribuições à Psicologia do Amor II); In: **Cinco Lições de Psicanálise e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XI.

\_\_\_\_\_. (1917) O Tabu da Virgindade (Contribuições à Psicologia do Amor III); In: **Cinco Lições de Psicanálise e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago: 1976, v. XI.

\_\_\_\_\_. (1925) Consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos; In: **O EGO e o ID e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIX.

Giddens, Anthony **A Transformação da Intimidade; sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

LACAN, Jacques. **Le Seminaire,: l'éthique de la psychanalyse**. Paris: Seuil, 1986, livre VII

\_\_\_\_\_ (1958) A significação do falo; In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 p. 692-703

\_\_\_\_\_ (1965-1966) A ciência e a verdade; In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 .

\_\_\_\_\_ (1938) Complexos Familiares na formação do indivíduo; In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_ (1959-1960) **O SEMINÁRIO: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar: 2008, livro 7.

\_\_\_\_\_ (1969-1970) **O SEMINÁRIO: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, livro 17

\_\_\_\_\_ (1972-1973) **O SEMINÁRIO: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, livro 20

LASCH, Christopher. **A Cultura do Narcisismo – a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

MILLER, Jacques-Alain - Uma conversa sobre o amor; In: *Opção Lacaniana online*, nova série, Ano I- número 2, julho 2010, ISSN 2177

\_\_\_\_\_ Minha garota e eu; In: *Opção Lacaniana online*, nova série, Ano 1- número 2, julho 2010, ISSN 2177-2673

\_\_\_\_\_ Uma partilha sexual; In: *Clique*, n.2. rev. Dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano MG: Instituto de Saúde Mental de Minas Gerais, agosto, 2003.

\_\_\_\_\_ (2004-2005); **Pièces detachés** - Seminário de Orientação Lacaniana

## BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, M. C. Ser mulher dói? Os impasses da sexuação na análise de uma mulher, in: *ASEPHALLUS*, Revista Eletrônica do Núcleo SEPHORA, v. 10, maio a outubro de 2010.

Associação Mundial de Psicanálise (textos reunidos). *Como Terminam as Análises*; Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

COELHO, Tania dos Santos. **A Redução Da Diferença Anatômica dos Sexos às suas Consequências Psíquicas**; Rio de Janeiro, 2006 (*Prefácio/Pós-fácio/Prefácio*)

\_\_\_\_\_ *Que Saúde Esperar ao Final de uma Análise?* Conferência pronunciada no VI Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental em Belo Horizonte, setembro de 2014.

\_\_\_\_\_ A angústia e o sintoma na clínica psicanalítica; In: *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, v. IV, n. 1, março, 2001, p 106-124, Brasil.

\_\_\_\_\_ Sobre os finais de análise: sexuação e invenção; In: *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 40., p.105 -120, 2008.

\_\_\_\_\_ Do Supereu sujeitoado à lei do simbólico à normatividade supersocial dos corpos falantes; in: *Os corpos falantes e a normatividade do supersocial*; ORG: Tania Coelho dos Santos, José Santiago e Andrea Martello; Rio de Janeiro: Cia de Freud/ FAPERJ, 2014.

COELHO, Tania dos Santos, e SARTORI, A. P. Loucos de Amor! Neuroses Narcísicas, Melancolia e Eretomania Feminina; In: *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 39, p.13-33, 2007.

FREUD, Sigmund. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade; In: **Um Caso de Histeria e Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade**; Rio de Janeiro, Imago, 1976. v. VII.

\_\_\_\_\_ (1913[1912-13]) Totem e Tabu; In: **Totem e Tabu, Contribuição à História do Movimento Psicanalítico e outros trabalhos**; Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XII.

\_\_\_\_\_ (1919) O Estranho; In: **Além do Princípio do Prazer**; Rio de Janeiro; Imago, 1976. v XVIII.

\_\_\_\_\_ (1920) Além do Princípio do Prazer; In: **Além do Princípio do Prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos**; Rio de Janeiro; Imago, 1976. v. XVIII.

\_\_\_\_\_ (1927) Fetiche; In: **O futuro de uma ilusão, mal-estar na civilização e outros trabalhos**; Rio de Janeiro; Imago, 1976, v. XXI.

\_\_\_\_\_ (1930) O Mal-estar na civilização; In: **O futuro de uma ilusão, Mal-estar na civilização e outros trabalhos**; Rio de Janeiro; Imago, 1976, v. XXI.

\_\_\_\_\_ (1931) Sexualidade Feminina; In: **O futuro de uma ilusão, mal-estar na civilização e outros trabalhos**; Rio de Janeiro; Imago, 1980 v. XXI.

\_\_\_\_\_ (1932) Feminilidade, Conferência XXXIII; In: **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos**; Rio de Janeiro, Imago, 1980, v. XXII.

\_\_\_\_\_ (1937) Análise Terminável e Interminável; In: **Moisés e o Monoteísmo, esboço de psicanálise**; Rio de Janeiro; Imago, 1980, v. XXIII.

LACAN, Jacques. **O Seminário: - a angústia**; Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005; livro 10.

LAURENT, Dominique. O Sujeito E Seus Parceiros Libidinais: do Fantasma ao Sinthoma; In: *ASEPHALLUS*; Revista Eletrônica do Núcleo Sephora, ano1 -n. 2, maio a outubro de 2006

MILLER, Jacques-Alain. **Ossos da análise + O inconsciente e o Corpo Falante**; Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

\_\_\_\_\_ O Inconsciente e o corpo falante, in: *A Diretoria na Rede*, conferência pronunciada em Paris, 17 de abril de 2014.

RODRIGUES, Patricia, Matos. **AMOR e SEXUAÇÃO: Do moderno ao contemporâneo** 2015, Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) – Instituto de Psicologia Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.